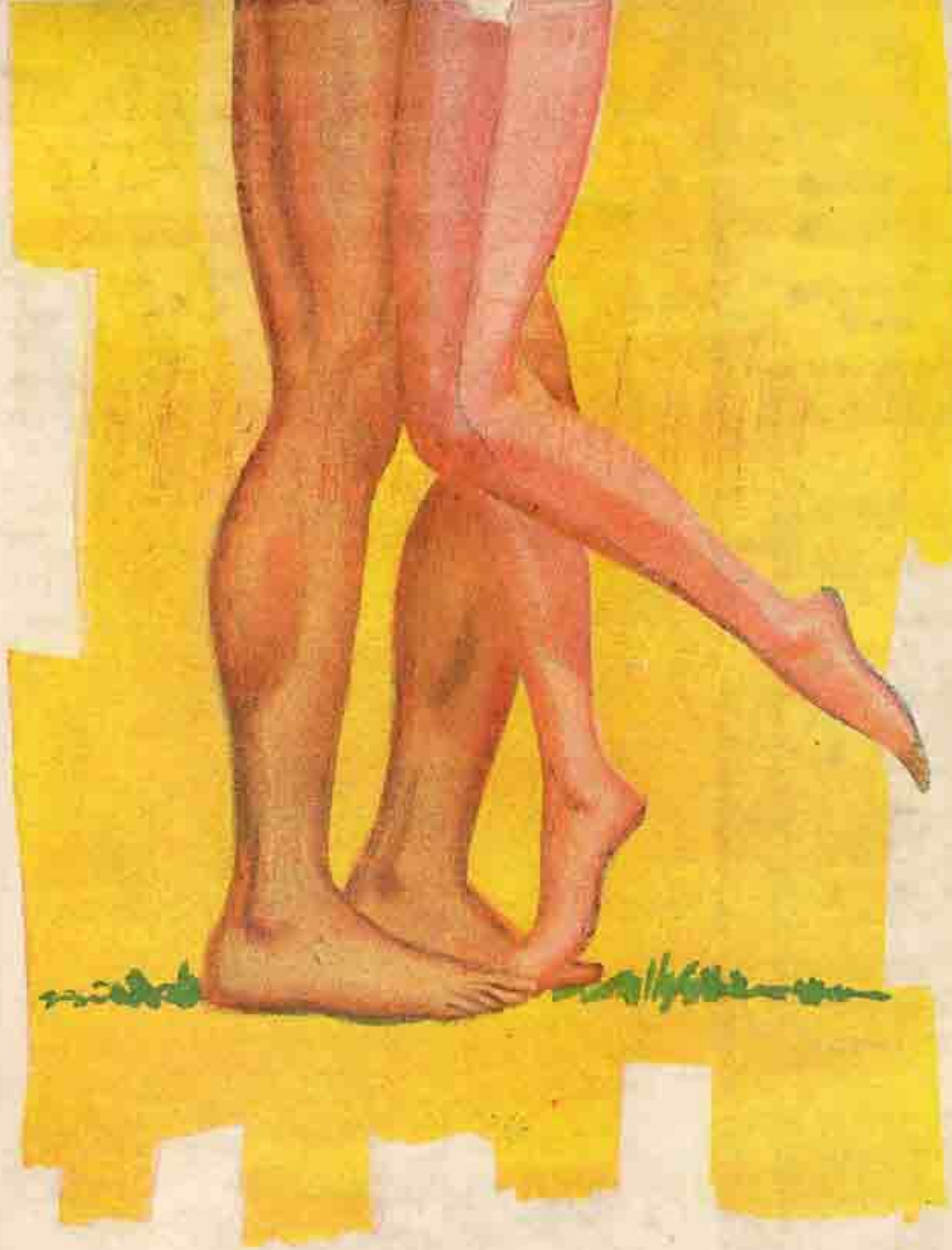


LOUIS CHARLES ROYER

ILHA DOS NUDISTAS

LOUIS CHARLES ROYER

ILHA DOS NUDISTAS

Tradução de
RAUL RODRIGUES

LIVRARIA EXPOSIÇÃO DO LIVRO
Avenida São João, 526 — São Paulo

Direitos para a língua portuguêsa adquiridos pela

LIVRARIA EXPOSIÇÃO DO LIVRO
Av. São João, 526 — São Paulo

que se reserva a propriedade desta tradução

Impresso nos Estados Unidos do Brasil

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRO CONTATO

Cheguei do país dos homens nús. Alí, mulheres, crianças, velhos, pais e mães, virgens e adolescentes, andam, banham-se, comem, bebem, cozinham, totalmente nús. Não julgue encontrar êsse paraíso terrestre num lugar longínquo. Está situado a um dia de viagem da Alemanha, bem no centro da Europa.

Eu disse vinte e quatro horas, mas são exatamente vinte e duas horas. Partí da Estação do Norte ao meio dia e três minutos e cheguei no dia seguinte, de manhã, às dez horas, na Estação de Nackendorf.

Uma pequenina estação no meio do bosque, que dista da povoação uns três quilômetros. Os habitantes tinham mêdo da estrada de ferro e quando construiram a linha, exigiram que se erguesse a estação a um tiro de canhão do povoado. Hoje se arrependem.

Mas, eu não ia á aldeia. A pensão familiar que devia me hospedar, era do outro lado, no meio da floresta. Fui o único viajante que desembarcou na Estação de Nackendorf. Não havia nenhum taxi, nem tão pouco uma charrete, apenas um carrinho de mão do leiteiro, puxado por um grande cão. Decidí fazer o trajeto a pé.

Pouca gente encontrei na estrada, por sinal péssima.

De vez em quando, deparava com alguns camponêses, altos, loiros, que me cumprimentavam fazendo uma saudação de estilo militar.

Após três quartos de hora de marcha, avistei um lindo lago azul, rodeado de verdejantes pinheiros, mais do que uma paisagem, pareceu-me um cartão postal em côres deslumbrantes. Às margens do lago, ao lado da colina, havia um chalê romântico, de telhado pontudo, janelas em fórma ogival, balcões floridos, escadaria recoberta de musgos... Afinal, eu chegára.

Toquei a campainha, que ressôou vibrantemente. Escutei alguns passos abafados e risadas. A porta abriu-se. Apareceu uma bonita jovem núa como Eva, mastigando uma maça vermelha.

No corredor passam duas jovens igualmente núas, no primeiro golpe de vista me convencí que eram três autênticas loiras.

Onde estou? Instintivamente, levantei a cabeça e procurei por cima da escadaria musgosa a lanterna vermelha que conduzia ao nosso encontro, o viajante faminto de amôr. Entretanto, na moldura clara da porta, Eva esperava surprêsa, mas tão pouco constrangida, como uma "soubrette" em trajes de seu repertório.

Talvez eu tivesse me enganado e não fôsse êste o caminho, do lago e o chalê, tentei verificar, apresentei o meu cartão e perguntei. O professor Hugo? E' aqui mesmo? — Sim senhor, póde entrar.

Na sala de espera, observei os nús artísticos que enfeitavam as paredes. Nêsse espaço de tempo, notei a passagem duma senhora, um quinquagenário e duas crianças, todos completamente nús. Eva voltou. Em seguida introduziu-me num escritório austero, no qual encontrava-se o professor Hugo. Fiquei confuso com a minha indumentária, lastimei ter deixado sòmente o meu chapéu e o sobretudo na sala de espera.

— O senhor é o amigo de M. B.?... muito prazer.

Peço-lhe desculpas por recebê-lo assim, pois íamos sair.

— Sair? completamente nús? estou compreendendo cada vez menos. Eu já não receio mais ter caído num bordel, mas num sanatório de alienados mentais... — Porém, o professor Hugo me tranquilizou sôbre isso.

DOUTRINAS NUDISTAS

Existem na Alemanha, milhares de pessoas que praticam o nudismo, como um esporte, um tratamente terapêutico ou uma religião. Os nudistas pertencem a todos os partidos políticos. Na social democracia existem adeptos nudistas, assim como, entre os nacionalistas. Tôdas as classes da sociedade comungam um mesmo ideal; existem nudistas entre operários das usinas, funcionários de bancos, telefonistas, ricos comerciantes de Berlim, armadores de Hamburgo e mesmo entre os pastores protestantes. Êles têm em certos Es-

tados do Reich, — e especialmente algumas horas de Berlim, grandes parques e "lugares apropriados", onde existe a liberdade de viverem completamente nús".

Possuem exclusivamente para o inverno, salas onde recebem luz solar artificial e praticam ginástica em conjunto, homens e mulheres totalmente nús, uns ao lado dos outros. Não são adeptos que faltam a essa sociedade, mas os locais de reunião.

Mesmo em Berlim, êles têm o esplendido banho do Lunaparque, com suas ondas artificiais que duas vezes por semana, lhes são reservados e onde podem usufruir todos os prazeres da praia, sem o que êles chamam a "hipocrisia provocante dos calções".

Praia encantadora, onde a mãe conduz sua filha, uma ou outra sem maiô.

Possuem uma literatura, uma filosofia, uma mística, difundidas por um número considerável de revistas maravilhosamente ilustradas, que teriam dado muito trabalho ao ex-abade de Bethléem.

Eu conhecia — vagamente — a existência dessas cousas, antes do meu veranêio no paraíso terrestre da Alemanha.

Estava ouvindo o professor Hugo completamente nú, com muita desenvoltura sentado confortàvelmente sôbre uma poltrona de veludo verde.

— O movimento nudista na Alemanha tem quatro fontes, dizia o douto professor.

Ei-las, cronològicamente:

1.°) A cultura física, a ação benéfica dos raios solares sôbre o organismo, descoberto desde

1855 por Rikli, na Áustria. Assim os nudistas são sêres sadios.

2.°) A ação renovadora da juventude, nascida em 1877 na Escola Steglitz em Berlim, para abolir todos os preconceitos, inclusive o pudor.

Assim os nudistas são sêres livres.

3.°) O desêjo dos pintores para realizarem na vida, as mais belas atitudes dos modêlos. Essa foi a obra de Dieffenbach e de "Fidus".

— Assim, professor todos os nudistas são sêres belos?

— Esforçam-se nêsse sentido, senhor francês, e talvez os seus descendentes o sejam.

Finalmente o 4.°, a volta ao instinto germânico proclamado pelo pastor Weidmann. Nossos antepassados se banhavam nús até o século XVII, e a pureza de seus costumes já era decantada pelos romanos!

— Assim os nudistas são sêres puros?

— Vocês francêses não acreditam na inocência bíblica dos nudistas?

— Eu não quero professor, outra cousa, senão a prova para convencer-me, conforme São Tomé.

O professor Hugo, extendeu-me um formulário impresso com linhas pontilhadas para o nome, idade e profissão, o enderêço e assinatura do requerente.

— Assine, aqui.

Era a minha adesão á liga para a "livre cultura do corpo humano".

Eu assinei... Tirei minha camisa e calças, tornando-me um perfeito nudista.

— Você deseja, perguntou o professor Hugo, desde hoje sua cura física e moral?

— Eu não vim aqui, senão para isso.

— Então, siga-me, vamos apresentá-lo aos nossos companheiros.

O professor conduziu-me até a porta, inclinou-se com tanta dignidade, como se tivesse vestido a jaqueta do secretário da embaixada, em vez do traje do pai Adão, e mostrou-me a escadaria externa.

Estávamos fóra. Nossos corpos desnudos banhavam livremente no ar e na luz.

E' isso mesmo: minha primeira sensação foi de banho. Eu entrava na atmosfera como se entra n'água e, pousando meus pés nús na descida dos frescos degráus de pedra, creio bem que eu esboçava êsses movimentos alternativos dos braços que o nadador instintivamente para tomar contato com a onda.

Nós seguíamos agora uma pequena picada no bosque, atapetada de fôlhas sêcas. Nenhum pedregulho, mas, de vez em quando um galho sêco partia debaixo de nossos calcanhares. Meu guia, endurecido, passava sôbre isso como se a planta de seus pés fôsse um casco de cavalo; quanto a mim, tinha cada vez um pequeno estremecimento. O professor sorriu: — Você, irá acostumar logo.

Outros galhos, verdes e flexíveis, acariciavam-nos de passagem, um áspero odôr da floresta embalsamava minhas narinas; experimentava com um sentimento de ligeireza e um desêjo de saltar nessa mata coberta de arvoredos. Repentinamente, numa volta do caminho, encontramo-nos diante duma construção rústica e mimosa no meio da fa-

zenda, dando impressão dum cabaré. Uma jovem camponêsa vestida saia do estábulo com um balde cheio de leite em cada mão. Esquivei-me como pude, atrás dum arbusto.

— Que tem? indagou o professor Hugo. Estamos num "Parque Livre", isto é um lugar onde o nudismo é autorizado legalmente. Êste albergue, aliás, é de minha propriedade. Quer uma tigela de leite? Êle é, como nós, integralmente puro. Vocês não conhecem isso em Paris.

Agradecí, preocupado para não abordar em semelhante indumentária, essa leiteira de saias.

Andávamos há cêrca de dez minutos, quando chegámos numa vasta clareira guarnecida de chalés minúsculos e de choupanas, uns e outros eram de madeira cobertos de sapé. Visitamos. No interior, camas de vento nas choupanas, de ferro nos chalês. Arrumadas lado a lado; as da crianças ao lado dos pais, uma bacia de esmalte e um jarro.

— E' aquí que habitam seus nudistas?

— E' sim. Se não há ninguém, explica o professor Hugo, é porque estão no banho.

E êle mostrou-me a cem metros farfalhando sob o sol, o belo lago que eu havia margeado à minha chegada.

Como para desmentí-lo, um grito alegre parte duma choupana e, saltando da abertura com a flexibilidade dum felino, uma menina de sete ou oito anos atinge em alguns saltos até nós.

Ela atira-se sucessivamente sôbre o professor e sôbre mim, oferecendo candidamente suas faces ao beijo, segundo o costume internacional de tôdas as crianças bem educadas.

Enquanto eu acaricio timidamente seus loiros cachos dos meus lábios, reflito: "Se algum honrado guarda dos teus pais passasse nesse momento não escaparias a condenação por atentado ao pudor".

Pois, será preciso dizê-lo? a menina estava núa.

Todos nós, ela no meio, tomando-nos a mão, dirigimo-nos para o lago.

— E' a caçula duma família riquíssima de Hamburgo, meus hóspedes, explica não sem orgulho o Sr. Hugo. Ela já nada como um peixe.

BANHO COMPLETO

Havia água umas trinta pessoas, nadando ou mergulhando, os banhistas estavam imersos até o pescoço.

Mas, após um minuto, senhores e senhoras tendo vindo saudar o professor, compreendí que os vendedores de calções de banho não fariam fortuna nêsse país.

O pai, a mãe, aproximavam-se com sua próle sem nenhum constrangimento. As crianças estão exatamente informadas sôbre seus meios de procriação, senão sôbre a maneira de se servir deles. E, ainda,... as camas ficam lado a lado nos chalés.

Sr. Hugo apresentou-me. Sem dúvida, minha qualidade de francês valeu-me olhares mais simpatizantes. Nêsse momento, ter-meia sentido mais a vontade, com uma calça de trabalhador braçal do que numa recepção da Côrte da Inglaterra.

Não demorei à entrar nágua. E, dentro dágua, tudo foi bem, sem dúvida, de vez em quando, dois seios que pode-se dizer, boiavam, ou um busto peludo de prussiano chamavam-me á realidade, disfarçada sob a decência das águas; porém, eu podia dissimular.

Entretanto eu precisei sair, tardei o quanto pude, estava agora completamente só no lago. O implacável professor chamou-me.

Quando cheguei no meio do círculo humano, êle deu-me pequenos tapas amistosos no ombro. — Salve êle — E os francêses que passam por não gostar dágua fria.

Um senhor barbudo que devia aproximar-se dos cincoenta, uma senhora que contava quarenta outonos de pesados frutos, interrogava-me sôbre minha viagem.

Cada vez que meus olhos dirigiam-se para a parte central do indivíduo, eu os levantava ràpidamente, contemplando o cume duma choupana, tanto e tão bem, que a senhora, mais curiosa do que seu espôso perguntou-me o que podia interessar-me a tal ponto à uma distância de quinze pés.

Fômos todos para perto dum chalé onde cozinhava-se ao ar livre.

Os rapazes partiram à procura de gravêtos; os homens instalaram u'a lareira com pedras, as mulheres descascavam e cortavam os legumes. Uma senhora respeitável havia colocado um moinho de café entre seus joelhos e, a cada movimento de seus braços, seus seios balançavam-se como duas peras enormes. Ela está errada, pensei eu, em sacudir assim a pereira, porque os frutos vão desmoronar.

Entretanto, pouco a pouco, ia familiarizando-me com meu estado primitivo. Sem dúvida, alguma, examinavam com certa insistência o recem-chegado; mas era visìvelmente meu rosto que olhavam, o resto parecia não interessá-los. Quanto a mim, eu procurava conservar meus olhares à altura das cabeças, e, foi sòmente após mais duma hora que constatei que a maioria das mulheres tinham a pele encantadora, fresca, rosada e lisa, e que as cadeiras das jovens, mesmo nas mais magras, possuiam essa amplidão que fazia Bismarck augurar numerosas maternidades futuras.

Sim, serão máquinas famosas para fabricar soldados.

JOGO DE BOLA

Começava a habituar-me (meus braços arriscando-me a gesticular); sentado sobre um banco de pinho, minhas pernas rigorosamente unidas, como era rigôr no colégio Des Oiseaux, quando chegou, vindo de Lübeck, uma caravana de nudistas, êles estavam ainda vestidos.

O presidente, grande, magro, cabeludo e de olhar inspirado, era também presidente do clube socialista trajava terno esporte: camisa com gola Danton, calças curtas, meias de ciclista.

Atrás dêle vinham cinco ou seis moças de quinze a vinte anos, de "sweters" verdes e sapatos com pregos.

Uma vez ainda, foi preciso apresentar-me e, sob o olhar inquisidor de forte senhora de "lorgnon", que soube depois ser professora, fiquei mais

intimidado que um seminarista num conselho de revisão.

Os L'ubequenses foram despir-se em cabinas "sui generis"; logo após voltaram completamente nús e pude então devolver a professora "olho por olho". Percebi que o costume de Eva assentava-lhe particularmente bem.

O pêso a tornára vigorosa; certamente não era Diana, mas u'a Pomona muito apetitosa.

Almoçamos, nada liga os humanos como uma refeição em comum, os homens de negócios bem o sabem, êles que só tratam seus negócios à mesa.

A mesa, lá, era um gramado; como bebida, a água duma fonte vizinha; como alimentos, legumes fervidos, compotas e frutas.

Levantei-me da mesa (vos bem me compreendeis) espantosamente disposto.

Geralmente, a hora que segue a refeição incitava-me à imperiosa preguiça.

Comemos demais, sem dúvida, e carne demais. Êsses vegetarianos, cuja tez é maravilhosa, não conhecem após o almoço e o jantar, êsses rubores, êsse olhar pesante trazidos entre nós pelo calor comunicativo dos banquetes. Seria para ativar entre nós uma digestão que, dada a nossa frugalidade, poderia, a meu ver, fazer-se por si? O professor Hugo organizou imediatamente alguns jogos.

Uma jovem empregada de banco de Lübeck, possuidora de pés e mãos enormes, precipitou-se numa cabine. Ela voltou abraçando contra seu busto minúsculo uma enorme bola. Eu pensei na máquina de escrever, que ela traz do mesmo modo cada manhã sôbre sua pequena escrivaninha. Mas quero crer, a nudez não tendo ainda alcançado

força legal nas aglomerações germânicas que então, a máquina está separada da pele por uma blusa.

Os senhores e as senhoras salvo os muito idosos dispersaram-se pelo gramado, e começamos a nos lançar a bola com tôdas nossas fôrças.

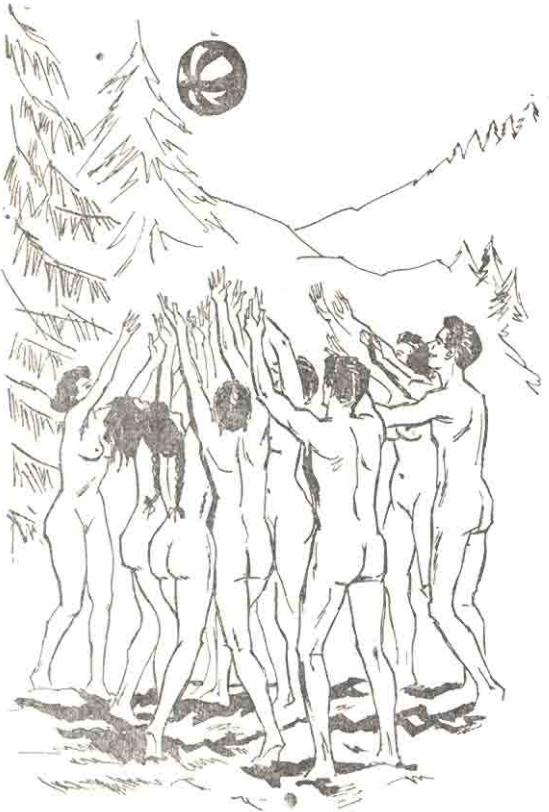
Nenhuma galanteria, no início, quando se tratava dum parceiro feminino, eu lançava a bola com precauções, mas, quando a professora gratificou-me com duro golpe que soou como um "swing" no meu plexo solar, passei a notar as regras do jogo. E a frágil datilógrafa recebeu graças a mim, justo entre seus pequeninos seios, a volumosa bola de couro.

Torna-se inútil dizer que eu não havia visado particularmente êsses atrativos delicados, aos quais reservo geralmente carícias menos brutais. Sob o choque, a bela moça vacilou, bateu o ar de seus frágeis braços e, finalmente caiu, de pernas para o ar.

Isso alegrou o ambiente; e tive então um grande sucesso. E' inútil dizer que não fui o único a abater um adversário. A bola era pesada, a grama escorregadiça; as quedas foram numerosas mas sem gravidade, elas desencadeavam cada vez a hilariedade geral. De minha parte, nunca havia visto, expostas com tanta ingenuidade, tantas nádegas de ambos os sexos.

PERCURSO CAMPESTRE

Após a bola, os menos de quarenta anos tomaram parte no percurso campestre através da floresta. Fiz questão de aderir à prova juntando-me



Nunca havia visto expostos com tanta ingenuidade tantas nádegas de ambos os sexos.

ao grupo. Felicito-me por tê-lo feito.

Existe uma singular alegria, quasi que volúpia em correr nú em prados e bosques. Será a alegria de contemplar novamente, um instinto perdido há séculos? Será mais simplesmente, a satisfação de sentir, desta vêz sôbre o corpo todo, essa carícia do sol e do ar que sentimos comumente apenas sôbre o rosto e as mãos, mas que, assim reduzida não é nitidamente perceptível? Não sei dizê-lo, porém posso afirmar que é delicioso; e quando paramos, estendi-me na relva, amassando com minha carne as plantas odoríferas, sem constrangimento, sem pudor, como um animal que se rola, sente uma sensação verdadeiramente deliciosa.

Voltamos por outro caminho, o parque livre é imenso e engloba três colinas arborizadas. Ajudávamo-nos para subir as encostas escarpadas, as moças subiam tão corajosamente como nós e com pôsturas audaciosas. Lembrava-me então de excursões nos Vosges nas quais os senhores colocavam de maneira a surpreender a "lingerie" feminina.

Aqui, nada disso, tudo estava expôsto ao primeiro olhar e a curiosidade encontrava-se satisfeita ao primeiro golpe de vista.

Cansei-me pois com uma rapidez surpreendente, antes da metade do percurso já não olhava mais as mulheres com olhares diferentes ao dos homens. Os contátos eram inoperantes. Tive várias vêzes, no percurso dêsse trajeto, os corpos de algumas moças apoiados ao meu. Por exemplo, na descida de estreitos outeiros quando as recebia em baixo de uma descida escorregadiça. Não tive que reprimir nenhum ardor por demais

eloqüente, êsse contato, é considerado um esporte.

Sem dúvida, se essas mesmas mulheres tivessem se desvendado para mim, se tivessem posto nessa atitude uma intenção, se êsse espetáculo e êsses contatos tivessem sido para comigo tantos recursos de sua parte, teria sido diferente.

Aqui, nada disso. Cada um estava nú para si, ùnicamente. As senhoras nada ofereciam, nem a mim, nem aos outros.

O acôrdo tácito, a regra do jogo, os costumes do momento queriam que ficassemos nús. Nós o ficamos, sem por isso dar a menor importância. Aqueles que acreditam semelhante estado dalma é impossível, responderei por alguns exemplos banais.

Qual de nós, salvo alguns doentes, retarda-se em olhar, mesmo se ela é jovem bonita, bem feita, uma jovem mãe que, sentada num banco das Tulherias, amamenta um bebê?

E na praia? Os mais indiscretos, atentos ao acaso que oferecem as saias curtas nos degráus dos ônibus, ou no metrô, dão a mesma importância às inumeráveis coxas expostas sôbre tôdas as praias?

E tal senhora que esconde pùdicamente o começo do decote, se vós a surpreendeis de "peignoir" uma manhã, vos desvelará copiosamente suas costas e seu decote num saráu. Tudo é apenas, convenção social.

Quando eu vinha voltando, à noite, com o professor Hugo, soprava um ventinho frêsco. Eu espirrei. Maquinalmente levei a mão ao lugar onde deveria se encontrar o meu bolso... e meu lenço.

Já havia esquecido que estava nú.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Estamos, após o jantar, debaixo da lâmpada, a família Hugo e eu. Vestidos. Talvez seja êste o momento de apresentar à senhora e às Senhoritas Hugo. A Senhora Hugo é muito alta, seus cabelos estão levantados com um corte respeitável, apesar de contar uns quarenta anos, ela permanece esbelta e conserva um olhar de criança.

Sua filha mais velha, Elsa, tem dezenove anos. Ela é, como sua mãe e suas outras irmãs, muito alta. Usa cabelos curtos, com uma franja preta sôbre a testa. Seios desenvolvidos; pernas fortes, com a barriga da perna um tanto baixa. Belos olhos maliciosos.

Margareth, a segunda, dezessete anos é muito loura; gorda, olhos azuis; longas tranças caindo à maneira norueguesa.

A caçula, Estrild, possue uns quatorze anos. Também loura, cabelos nas costas, seios já formados, sorrindo sempre.

As quatro tem a mesma tez deslumbrante rosas e lírios, lábios escarlates. Nem uma nuvem de pó facial; nem um projeto de "rouge". Uma saúde esplendorosa.

Tôdas possuem o mesmo coração afetuoso e sentimental, a mesma alma inocente e meiga.

Durante a refeição a sobremesa constituida dum delicioso arroz doce. Logo, após, as mulheres iniciaram a arrumação.

Num ângulo da sala de jantar, está o fogão de cerâmica que sobe até o teto.

Em frente, Mme. Hugo tomou lugar numa espécie de poltrona cercada de barras de madeira esculpidas: o trôno da mãi de família.

Sentou-se sôbre uma almofada verde bordada de dizeres alaranjados; ela pesponta costuras à máquina.

Gosto do gramofone. Um disco, dois discos... uma valsa, um minueto de Beethovem... Mme. Hugo regula o andamento da sua máquina de costura ao ritmo do gramofone. Quando o disco está terminado, ela suspira: "que belo", fechando os olhos. Margareth cose. Elsa faz tricô. Estrild está inclinada sôbre um atlas de geografia.

O professor Hugo foi buscar um álbum de fotografias e convida-me a olhá-lo.

Folheamo-lo. No início, vemos Mme. e Melles. Hugo em diversas pôses e modos com aspectos familiares. Viramos algumas páginas... Que vejo? O álbum de família teria êle se transformado num almanaque vistoso?

Eis u'a moça, núa, os braços em cruz, as tranças pendendo sôbre seus seios. Ela está diante duma janela aberta, e cada detalhe de sua graciosa silhueta destaca-se sôbre o tule branco da cortina.

Eis, num campo de trigo, u'a mulher escultural, igualmente núa arcada, seios e sexo á vista.

— E, diz-me o Sr. Hugo, a mulher do pastor Wedmann, um apóstolo do nudismo, como o sabe.

Êle passou alguns dias aqui. Sua esposa é bela, não acha?

Sim senhor — o bom pastor deve obedecer sem repugnância a injunção divina: crescei e multiplicai-vos.

E eis-nos, prossegue modestamente o excelente professor. Aqui, à beira do lago, é minha mulher, você a reconhece?

Mal, ela está de costas. Porém reconheço perfeitamente Melle. Elsa a jovem morena com os braços abertos, um pé em cima dum degráu, outro no sólo, desce sorridente dum de seus chalés.

"Da mesma forma, Melle. Margareth, que parece auréolada dum raio de sol, e a pequena Estrild, que sai dágua, sacudindo-se como um peixe".

Mme. Hugo e suas filhas deixaram seu trabalho para vir ver o álbum. Será preciso dizer, uma vez mais, que elas estão representadas completamente núas.

Elas lembram-se mùtuamente, pilheriando gentilmente, as datas, os lugares, onde os clichês foram tiradas e citam os fotógrafos.

Nenhum constrangimento, e Elsa, que ainda ha pouco descia castamente seu vestido axadrezado sôbre seus joelhos, indica com o dedo sua própria imagem.

— Eu disse ao fotógrafo: "bom dia senhor, dormiu bem?"

Lembro-me da minha confusão quando minha mãe mostrava a velhos amigos um álbum onde me achava fotografado com o mesmo traje do que Elsa; com a diferença que eu, nessa foto contava seis meses apenas.

Continuamos a folhear o álbum e, eis, correndo a perder o fôlego, seios expostos e pernas numa soberba posição.

Já havia visto, pereceu-me, êsse olhar imperioso, êsses cabelos cacheados, êsse peito como uma couraça.

— E' isso mesmo, diz u'a voz, sou eu mesma. Era a empregada que nos servia, no dia 25 de Dezembro seguinte, recebia de Nackendorf um belo postal, ampliado, selado como impresso, isto é, sob envelope aberto.

Eram, no verso, os votos alegres de Natal da família Hugo; e, do outro lado trepadas sôbre uma travessa de madeira, segurando-se pelos braços, pernas pendentes, três jovens integralmente núas.

A foto era tomada de plena face: era impossível disfarçar qualquer detalhe: sob êsse triplo retrato, para que ninguém ignore, a seguinte legenda:

Nós três: Margareth, Estrild, Elsa.

Eram as senhoritas Hugo.

Podem rir ou indignar-se, para mim, não existe testemunho mais probante da fé do professor Hugo na excelência de seu método e da pureza de suas intenções.

COLONIA ESCOLAR

E' domingo, a temperatura é amena, mas agora já estou habituado. Logo ás oito horas da manhã, estou no Livre Parque, na indumentária de rigor.

Círculo no limite do bosque. Lado oeste, os pinheiros terminam bruscamente, alinhados como soldados numa parada militar, à orla dum grande campo de terra vermelha. Quinhentos metros adiante, uma vasta casa de tijolos vermelhos. Dela saem, em fileiras impecáveis, uma centena de crianças. Estou lembrado, a casa de tijolos abriga uma colônia escolar. Os escolares das cidades vizinhas: Hamburgo, Lübeck, Kiel, etc... aí vem oxigenar, ao sopro do Báltico, seus pulmões de cidadãos anêmicos.

Uma bela obra, mas, julgo eu, que não deveria ter sido colocada tão perto dum Livre Parque. As crianças são tão curiosas...

O batalhão de escolares dirige-se em linha reta para mim. Uma senhora os conduz. Essa professora está evidentemente mal informada. Ela ignora o nosso paraíso terrestre, esconda-se por detrás das cabines, impudico Adão.

Após dois minutos, estou rodeado por todos os petizes, eles transpuzeram o portão do Livre Parque e alcançaram-me a galope, de minha parte, não me acho orgulhoso com isso.

Eu me envolvo numa toalha que secava nas proximidades e lembro com severidade à professora que a entrada da propriedade do Sr. Hugo está interditada.

Ela contempla-me com um sorriso angélico:

— O professor Hugo autorizou-nos, aliás como todos os anos... Teria êle voltado atrás esta manhã? Êle disse algo a respeito?

O espanto abriu-me as mãos; minha indumentaria, nêsse momento a toalha caiu sôbre a relva.

Nem a professora, nem as crianças parecem chocadas.

Confessei então que ignorava essa autorização; que sou novato em Nackendorf; que... Ah! bom suspira a professora confortada. Meus pequenos teriam ficado desolados — êle amam tanto a livre cultura.

"Você sabe, conclue ela, êles não causam nenhum estrago, êles despem-se fóra; quanto a mim, se o permitir irei tomar uma cabine.

Sem esperar resposta, ela dirige-se para uma das cabines e a fecha tão cuidadosamente quanto a mais áustera banhista de Brighton. Isso, para sair sessenta segundos mais tarde tão núa como a mão. A criançada já está despida. Estou resolvido a não me espantar com mais nada. Conversamos, enquanto as crianças brincam. Essa professora é encantadora. Provàvelmente manequim 46" De "tea-gown" (toilete de apartamento) é um formato um tanto forte para a moda atual; porém a nudez devolve o seu valor aquilo que nossos antepassados chamavam "vantagens". A linha reta só tem valor em Paris. Nêste cenário silvestre, êsses hipérboles, êsses círculos não faltam de encanto.

O "manequim 46" conta-me que ela dirige, perto de Hamburgo, um pensionato misto. A primeira lição da manhã é uma secção de Livre Cultura.

Ao sair do chuveiro, os alunos, meninas e meninos, passam uma hora ou duas brincando ao ar livre, inteiramente nús.

Hoje não faz calor, constata a seu turno a professora:

Para aquecer-se, ela executa alguns movimentos de ginástica suéca. Eu os conheço, já os pratiquei no meu quarto, mas é a primeira vez que uma mulher desconhecida os pratica na minha frente.

Belo trabalho, palavra. Essa senhora reforçada possue a flexibilidade dum acróbata. Elevação dos braços, os seios não me parecem mais tão desenvolvidos; flexão do corpo para a frente, as palmas das mãos tocando terra diante dos artelhos (as nádegas não são carnudas demais; torsão do corpo, pernas afastadas, flexão do dôrso, os longos cabelos caindo até o gramado...

Vem chegando gente. Cinco "lubequenses"; dois homens, um contador e um lojista; três mulheres. Os homens são recém-casados, êles desculpan-se de não terem trazido suas esposas, retidas perto de seus recém-nascidos.

Das três senhoras, há uma casada, porém seu marido está viajando.

Não é um "rendez-vous galante" e clandestino; todos quizeram aproveitar êsse dia feriado para se entregar à Livre Cultura. Cultivemos, pois, para nos deixar em forma. Depois, jogo de bola, lançar o dardo etc...

As "lübequenses" são perfeitas amazonas, elas vos transpassariam o coração à distância de 100 passos. Lutamos, com as pernas fincadas no chão, ao nosso redor, as crianças soltam gritos de alegria.

UM COROT

Parto só em direção ao lago, começo a tomar gosto, decididamente por êsse esporte ultra-livre. Parece-me que, despido, respiro melhor e mais forte; porque meu corpo é duas vezes mais leve, meus membros mais ágeis.

Determinada região de minha pele, possue agora que está núa, uma vida própria, como aquela dos meus dedos. Tenho consciência de aspirar o ar por todos os póros. No cume da pequena colina que margeia o lago, encontro-me, não com o professor Hugo, mas com o Sr. Karl, o noivo duma amiga de Elsa, Fraülein Maria. Êle está vendo Maria, as senhoritas Hugo e uma quarta amiga, Fraülein Hildegard, brincando numa roda descabelada. Os cabelos flutuam como bandeirolas; entre os claros das videiras as carnes rosadas reluzem divinamente Inclino-me para Karl: Um Corot.

Karl é um viajante comercial, percorre a Europa, o Egito, a Argélia, é nudista para não contrarar seu futuro sogro, grande negociante hamburguês porém sem convicção.

Êle escarnece: "Um Corot com o qual você gostaria de passar a noite".

Com tôda evidência, êsse noivo gostaria muito mais de saber alguma coisa; êle não tem a menor confiança no meu entusiasmo artístico.

"— Você está enganado, Karl.

Novo escárneo:

— E' injurioso para essas moças, verdadeiramente elas não lhe causam desejo? Estou vexado:

"— Diga-me, meu caro Karl; você jogou tenis com jovens escrupulosamente vestidas de branco. Você nunca a desejou?

— Isso aconteceu-me.

"— Bem. E as francesas, vestidas dos pés à cabeça nos "boulevards"?

— Certamente.

— E as musulmanas que descem da Kasbah, na Argélia, mostrando-lhe apenas seus lindos olhos?

— Mais do que as outras.

— Então, Karl, conclúa, disse eu.

Êle livrou-se com uma pirueta:

— Vamos, o professor Hugo catequisou-lhe muito bem.

O EREMITA

Elsa chegára correndo.

— Karl, Hildegard quer rever seu eremita. Porém é preciso que nos vistamos novamente. Pois está fóra da propriedade.

Fica um quilômetro aproximadamente além da floresta. As picadas são numerosas; quando há encruzilhadas, encontra-se cartazes: o homem nú; indicado por uma flecha.

Chegámos numa clareira, acredito que esteja no local. Um carro sem rodas. Fogões mancos, no ar livre, na relva louça quebrada, afixada numa táboa, contém um cartaz manuscrito, com uma sentença de Nietzche proclamando a hipocrisia do pudor. O Eremita, o dono alemão instruidíssimo, que voltou ao estado primitivo por ódio, diz êle, da civilização, vive aí o ano todo, completamente nú.

No momento está ausente.

— Vivi com êle dois meses, no último verão, suspira Hildegard; mas isso não duraria muito.

— Êle recusava-se a comprar-lhe vestidos? Hildegard, professora, não compreende a ironia. Ela abre desmesuradamente seus velhos olhos com candura:

— Mas eu não usava vestidos; vivia como êle em liberdade, porém êle tem um péssimo caráter.

Karl que tem má língua, assegura que quando os donativos feitos pelos visitantes atingem avultada quantia, êsse Diógenes não despresa de vestir-se de pekin e ir para a 'farra" afim de provar os prazeres asquerosos do nosso século.

"— Creiam-me, diz êle, deve estar farreando.

TEA (CHA')

Voltamos ao Parque livre, tomamos novamente a indumentária de rigor, banhamo-nos, constato, ao saír dágua, as louras ficam verdadeiramente mais do que nuas, jogos diversos, quatro cantos, pula sela, pegador. Elsa pavoneia, (Karl, diga-se de passagem, não terá comprado gato por lebre).

Chá ao ar livre, ao saír da mesa, algumas cadeiras de balanço.

Margareth serve a bebida quente meneando-se, Estrild oferece o açúcar.

Conversa-se. Apresentam-me a um comerciante de Hamburgo, muito digno, um corpo de atleta um tanto sêco, o cabelo liso, impecàvelmente barbeado.

O olhar duro, afundado, reclamaria um monóculo, vê-se aliás a sua marca na órbita direita.

E' um camarada do Kronprinz, um ex-oficial da escola militar.

Inicialmente, êle é frio e distante, quando fica sabendo que fiz a guerra, torna-se cordial, evocamos lembranças comuns; mesmos lugares, celebrados nos comunicados, onde estávamos, nos mesmos dias ao lado barricada.

Visìvelmente, isso o aproxima dêsse francês de ter vivido momentos tão desagradáveis tão perto dêle. Apesar de nos termos defrontado como inimigos. Os alemães talvez apreciem os franceses sòmente como guerreiros; porém, nêsse ponto de vista, êles nos abonam certamente algum mérito.

Se por acaso houver algum dia uma aproximação entre franceses e alemães, penso que essa aproximação se fará entre os antigos combatentes.

Indumentária exquisita para filosofar sôbre assuntos tão sérios; porém, deve ter-lhe acontecido de falar na vida futura (céu e inferno), com sua amante, depois do amor?

O companheiro do Kronprinz — casado com uma moça da aristocracia — muito provàvelmente monarquista, é nudista convencido.

Êle descreve-me as alegrias dos passeios matinais, no Parque livre:

A gente sente-se mais forte, não acha o Senhor?

— Acho, concordo eu.

Num outro grupo de poltronas, o professor Hugo está escandalizando várias quarentonas. Porém, não se inquiete, nosso hóspede seria incapaz de gestos inconvenientes. Sua atitude é decente, apesar de estar, também integralmente nú.

O professor cita, simplesmente, uma passagem das memórias de Napoleão, onde o grande soldado declara que, a mulher tendo sido dada ao homem para engendrar filhos, é necessário que êste tenha várias esposas à sua disposição. Com efeito, existem períodos em que, por diversas causas, gravidez, aleitamento, etc... a mulher acha-se impossibilitada de procrear novamente. Mas isso é odioso, clama uma mãe de família, ser polígamo.

E, num gesto furioso ela derruba algumas migalhas de bolo que se encontravam sôbre seu ventre.

Hildegard rí tão alto que sua xícara de chá foi fortemente sacudida. Um pouco de chá com leite respinga sôbre os seus seios. Isso não fará nódoa, pois no país dos homens, e das mulheres núas, não existem jovens maculadas.

Um golpe de esponja e o mal estará eliminado.

O professor passou das memórias de Napoleão ao capítulo da bíblia aos Corintios. — Glorificai pois Deus no vosso próprio corpo. Êsse homem diabólico encontra uma apologia da cultura livre até no apóstolo Paulo.

O BAILE NO ALBERGUE

Grande reunião esta noite no albergue de Nackendorf. E' um albergue de turistas. O salão é vasto e bonito; nos muros, afrescos relatando os fastos da velha Germânia, com divisas em dialetos.

Por toda a parte, guirlandas e fitas, mesmo os cães pintados nas paredes possuem seu laço de fita.

Um piano, um gramofone. Bebe-se, dança-se. Entre os vários dançarinos de nossos nudistas, são aliás os de melhor conduta. Essas moças que ví núas o dia todo, abaixam cuidadosamente suas saias ao sentar-se nos banquinhos de madeira. Cavalheiros e senhoras mantem-se à uma distância respeitável ao dançarem.

Maria, que esta manhã saía do banho como Venus, pulava sela sôbre os robustos ombros de Karl, rodopía agora, bem afastada dêle. Entre duas valsas, por vêzes, uma dança camponêsa, seguramo-nos todos pelas mãos, em roda; separamo-nos, unímo-nos novamente, porém sempre de braços abertos. E, após o baile, antes de separarnos, entôamos em côro, uma velha canção, com êsse sentimento inato da música e êsse fervor religioso que caracteríza os alemães.

A saída, quatro jovens, dois rapazes e duas moças, que nada receiam, vão dar um mergulho no lago. Iluminamo-nos com uma lanterna de bicicleta de acetileno. Êles são belos — e nós — como deuses. Viva!

BIBLIOGRAFIA

Uma voltinha na biblioteca do professor Hugo. Sôbre as mesas, no divã, uma coleção de revistas que cantam tôda a beleza do corpo humano, ilustradas de fotografias. Eis, alguns títulos "Der Rhythmussucher, Ideal Loebens Bund, Leben und Sonne, Die Schônheit, Licht-Land, Neue sexual Ethik, Der Figaro, A.S.A. die Kôperkultur in film, Kultur Album, Die Freude, Die freie Kôpercultur, Freie Lebengestaltung, die Nacht Kultur, Bewegung, Lichtfreude, Schônheit in film, Soma, Lachendes Leben".

Na capa dêsse último magazine, os senhores e senhoras usam um pequeno calção de banho. Êsse acessório hipócrita, explica o professor, foi suprimido após a tiragem dêsse número da revista.

Porque? Nunca o saberei, os milhares de retratos das outras revistas são nús. E como a vida sorridente teria ela ido mais avante no realismo? Isso parece impossível. Schâmst du Dich? — E outro magazine cujo título, "Tens vergonha?" é todo um programa — que felizmente escapou aos rigores da censura. Peço-lhe acreditar que o jovem nú que se apresenta na primeira página não tem a mínima vergonha. Nem tão pouco o éfebo de cabelos crespos que sorri na capa de "Amitié". Nêsse

magazine, encontrei, entre as casas recomendadas, o endereço do "Conzert-Café Dorian Gray".

Os discípulos de Oscar Wilde saberão onde saborear o seu café-crême.

Passemos aos livros. Um nudista não poderia desinteressar-se pelas questões sexuais, ao lado de trabalhos filosóficos, Nietzche, Kant, Schôpenhauer, descubro: Sapho e Sokrates (vidas romanceadas; O Amor dos Super-homens, A vida sexual do Imperador Nero, O romance da puberdade, Homossexualidade do homem e da mulher e, finalmente, Jesús la Callie.

Na nossa biblioteca nacional, não encontraríamos a maior parte dêsses livros a não ser no capítulo "Inferno".

LANTERNA MÁGICA

Ontem, o dia todo, o professor Hugo correu as adjacências, eu o acompanhei algumas vêzes. Êsse recanto da Alemanha é encantador, chamam-no a "Pequena Suiça" Pinheiros, lagos... imagine a paisagem.

Muitos "Cottages" no gênero do chalé do Dr. Hugo. Seus habitantes aí descansam das fadigas das cidades tentaculares. Visitei alguns dêles. São alegres, asseiados, com numerosas crianças.

O professor Hugo informava à dona da casa que, no próximo domingo êle faria uma conferência no Albergue de Nackendorf, com projeções luminosas.

Assunto:

"A cultura livre do corpo humano", Tão próximo do "Parque livre" de Nackendorf, o título da conferência não podia deixar nenhuma dúvida.

Sabe-se que o orador vai professar o culto da nudez, e que as projeções destacarão a belêza e os prazeres dos esportes ao ar livre, assim como dos banhos, tudo isso sem calção.

A dona de casa promete avisar os moradores e espera que virão. Algumas vêzes ela diz: não, porque já há outro projeto para êsse domingo; porém nunca parece espantada e nem chocada.

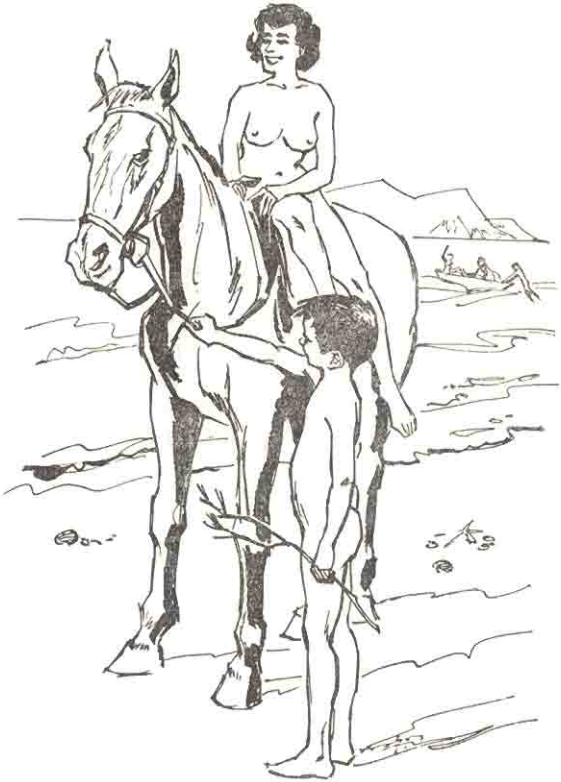
Imagine uma senhora dos subúrbios de Caen, que um professor normando viria convidá-la e sua família — para semelhante espetáculo.

Creio que ela chamaria a polícia.

Não digo a polícia, porém havia bem um guarda de floresta na conferência do professor. Suas funções oficiais haviam dado ao seu uniforme uma bôa colocação entre a multidão. Pois havia, grande número de pessôas. Tinha vindo gente de várias léguas. Decididamente, a "Cultura livre" interessa tôda a região. O professor Hugo foi brilhantíssimo.

Um pequeno introito sôbre: ...A época em que as ninfas lascivas ondulavam ao sol entre as flôres e as águas...

Mas essas épocas núas, que já eram lamentadas por Musset, a "Cultura livre" permite revivê-las, ouço novamente, a exposição da doutrina; ação benfazeja dos raios solares sôbre o organismo; necessidade de abolir os preconceitos do pudor; belezas das atitudes do corpo humano desvendado na natureza; vibrante apêlo, enfim, em



Ar, Sol e a alegria de viver.

favor ao retôrno da novas gerações ao antigo instinto germânico. Em seguida, pequeno refrão sôbre o excelente movimento dos "Wandervôgel". Os "Wandervôgel" — pássaros de passagem, o Donnay — são grandes associações de jovens de ambos os sexos ávidos de liberdade.

Êsses jovens partem através da Alemanha, cabelos ao vento, pés nús, em sandálias; calças e saias não ultrapassam o joelho. O professor Hugo, seja dito de passagem, está persuadido que os "Wandervôgel" femininos tomam grande parte na reforma das modas atuais; supressão do colete, e vestidos curtos.

Quando os viajantes — de ambos os sexos — encontram sôbre o seu percurso um rio, um lago ou um campo nudista, êles despem-se de tôda a roupa que possuem e, segundo a circunstância, banham-se, ou praticam a "Cultura livre".

Parece que há alguns anos, um destacamento de "Wandervôgel" foi a França, para assistir uma conferência do Sr. Marc Sangnier. Essa palestra tinha por teatro pequena cidade do Léste. A presença dos "Wandervôgel" causou na localidade, certo espanto, espanto que nada foi perto da emoção provocada pelo banho que se seguiu à conferência.

Segundo seus hábitos, os "Wandervôgel" abandonaram tôda sua "bagagem" sôbre as margens do rio. Houve muito mais espectadores para vêlos saír dágua do que para a conferência. Êsses "pássaros de migração" ficaram muito surpreendidos pela repreensão que receberam das autoridades; na Alemanha, seu agrupamento — e seus

princípios — são autorizados e êles têm, legalmente, o direito de banharem-se nús e de passearem nús nos campos nudistas.

O professor Hugo expôs, em seguida, triunfalmente, o desenvolvimento da "Cultura livre".

Em Berlim, milhares de simpatizantes freqüentam as escolas Naturalistas e a "Cultura livre" do "Parque livre" de Motzenmühle; da mesma forma, em Egestorf, perto de Hamburgo, o professor Robert Laurer orienta verdadeiros regimentos de nudistas.

Enfim, as pessoas vem até de Leipzig para praticar a "Cultura livre" nos campos Naturistas creados em Dassau. (Dassau é uma cidade de cem mil habitantes no Saxe Prussiano).

O sucesso do professor Hugo foi grande.

Os adultos tanto como as crianças, esperavam com impaciência a "Lanterna Mágica". Não ficaram decepcionados; trezentas fotos, animadas, pelo menos muito nítidas, vieram confirmar de maneira surpreendente, a eloqüente palavra do professor Hugo.

Vimos passeios de nudistas de ambos os sexos no "Parque livre"; seus jogos, renovados dos gregos, e consideràvelmente aumentados.

Uma corrida na qual os homens estavam montados sôbre as costas de suas companheiras do sexo frágil, foi particularmente apreciada pela assistência.

Vimos o impressionante desfile e os maravilhosos movimentos de conjunto dos "regimentos nús" de Egestorf.

As crianças, entusiasmadas, gritavam e batiam palmas.

Para terminar, o professor Hugo passou a sua série pessoal. Eram vistas tomadas em Nackendorf.

Sôbre a tela desfilaram o Sr. e Mme. Hugo, Elsa, Margareth, Estrild e a empregada; em seguida, amigos da região. Os personagens que apareciam na tela completamente nús, estavam, na maior parte na sala. Cada nova aparição era saudada por um trovão de aplausos. Enquanto que quinhentos pares de olhos a contemplam àvidamente, "branca e três vêzes manchada de negro" sôbre a tela, ôlha para Elsa, sentada ao meu lado, castamente vestida de burel.

Ela sorrí modestamente.

AO SOL ARTIFICIAL

Abandonei Nackendorf, seus bosques, seus lagos e suas ninfas.

Estou em Hamburgo. Não se encontram nudistas em Hamburgo; nem diante de seus colossais edifícios, que parecem ter sido construídos ùnicamente para filmar *Metrópolis;* nem em Paradieshof, essa secular cidade de madeira, que queimará um dia, como um fósforo; nem mesmo nas ondas amareladas e espumosas do rio Elbo, rio de cerveja. Pelo menos, os nudistas hamburgêzes vestem-se para circular na cidade; êles despem-se apenas nas salas apropriadas. E lá que fui vê-los.

Creio bem que o que fez nascer o nudismo na Alemanha, é uma aspiração desesperada pela luz. O sol é tão raro e tão tímido nêsses países do

Norte... Seus habitantes não querem perder um único raio; então, êles se despem.

Mas, durante longos mêses, "die Sonne" está ausente. Seus fiéis procuraram substituí-lo. Daí vem os diversos centros onde os naturistas vão expôr seu corpo à luz solar... "artificial".

Acreditado por um guia de bôa vontade, penetrei em diversos cenáculos.

O primeiro onde fui introduzido está instalado no terceiro andar dum imóvel abastado do centro de Hamburgo.

Logo na entrada uma atmosféra: calor e suor humanos, para ir mais adiante, é imprescindível mostrar seu cartão de adesão. Na primeira câmara, uma senhora inscreve sôbre êsse cartão a prova de sua assiduidade.

Em seguida vem o vestiário. Ao pé das paredes, bancos de madeira; acima dos bancos, cabides. Despimo-nos todos juntos, homens, mulheres e crianças.

O cômodo é muito pequeno para o número de adeptos e devo despir-me no corredor. Lá, ainda estamos apertados como arenques. Meus vizinhos imediatos, um cinquentão e uma jovem loira, são, se julgo pelas suas roupas, operários. O homem tem sapatões ferrados, que êle tira com brutalidade, porém os pés estão muito limpos. A moça tirou suas meias de algodão; ela retira por cima de sua cabeça, a dez centímetros da minha, sua camisa de linho forte.

Ei-nos nús, diante do chuveiro, seis torneiras nos esguicham água morna, a sala dos chuveiros é mista. A jovem loira colocou um de seus pés sôbre um banquinho e lava-se escrupulosamente.

Um brincalhão parou a água quente; há risadas sob o chuveiro que se transforma subitamente gelado; gracejos, porém não surprendo nenhuma brincadeira de máu gosto, entretanto fácil num ambiente tão reduzido.

Adiante, é a passagem pelo laboratório. Seis lâmpadas enormes colocadas em círculo, difusam sua luz para o centro. Passa-se diante delas por equipes. Tenho na minha frente uma espêssa senhora de cabelos grisalhos; atrás, duas meninas. Nós giramos lentamente, expondo diante de cada lâmpada, sucessivamente, tôdas as partes de nosso corpo. Na entrada do laboratório, foi-nos distribuído óculos com lentes pretas. A luz artificial é nefasta para os olhos. O silêncio nos é recomendado. Continuamos a girar, mudos, como autómatos. Sob os raios das lâmpadas, nossa pele toma coloração esverdeada; tenho a impressão de estar num hospital, saída após dez minutos de exposição. Entrego meus óculos ao seguinte amador. Volto ao corredor vestiário. Aí, se conversa. Não há pressa para se vestir novamente. Visivelmente, tôda essa gente está feliz de encontrar-se núa, de circular núa, de viver, alguns instantes núa.

Observo uma senhora loira, que não é bonilta, porém tem um corpo perfeito. Ela já o sabe, pois que, passeia, vai de grupo em grupo, brincando com as crianças e tomando poses favoráveis.

Olho-a, ela percebe e continua. Tenho a impressão — talvez seja falsa — que essa pessoa não detesta os olhos masculinos detendo-a sôbre seus encantos.

Afinal, na nossa terra, as senhoras vestidas não procuram também, a homenagem dos olhares masculinos?

GINÁSTICA

Outra noite, na escola de Koch, em Hamburgo. Adolfo Koch é um dos propagandistas mais ativos da "Cultura livre".

E' um rapagão de trinta e cinco anos, testa alta, o olhar vivo. Rosto inteligente, fisionomia muito aberta.

Professor de escola pública, êle dirigia, logo após a guerra, uma pequena escola mista num centro operário. Os pais de seus alunos tinham provàvelmente trabalho demasiado para ocupar-se com atenção de sua prole. Koch começou por exigir que os alunos viessem em classe com mãos limpas; depois os pés, finalmente o corpo todo. Como isso fôsse impossível obter, êle instalou chuveiros. As crianças, talvez para aquecer-se após o chuveiro, haviam tomado o costume de correr pelos corredores ou pelo pátio, antes de vestir-se.

Êles pareciam tomar êsse exercício como um grande prazer. Adolfo Koch disciplinou seu ardor juvenil, êle fê-los executar movimentos de ginástica, e de dança rítmica, em estado de completa nudez.

As crianças gozavam saúde, os pais não protestavam; porém um jornal clamou e denunciou o escândalo. Adolfo Koch teve que abandonar seu

cargo oficial. Êle aproveitou para fundar, em 1920, os Kôperkulturschulen Adolfo Koch.

A escola matriz encontra-se em Berlim, possue sucursais em Hamburgo, em Dresde, em Elberfeld, em Barmen, Mannheim e em Ludwgshafen, com imenso sucesso.

No momento, estou naquela de Hamburgo. Rua das Colunas, bairro muito comercial. Um belo apartamento, no segundo andar, o vestiário, a sala de chuveiros, o laboratório, muito bem instalados. Há também duas salas de ginástica. Os adeptos de Koch em Hamburgo são sobretudo jovens de ambos os sexos, porém os adultos não são excluídos.

Êles são recrutados nos meios operários ou de pequenos empregados: rapazes de recados, carroceiros, motoristas, ascensoristas, balconistas, funcionárias dos correios e telégrafos, contadores, etc...

Para vir praticar a "Cultura livre" núas e em comum, não se exige das crianças a autorização de seus pais; nem tão pouco das mulheres casadas aquela do marido. Koch possue idéias avançadas. Êle não reclama de seus fiéis a adesão ao seu programa político, mas exige que dentro da escola, pelo menos, tratem-se todos por "tu". Todos tratam-se por tu, como no exército. Aqui, a ação da luz artificial beneficia-se daquela, não menos bemfazeja da ginástica. Encontro-me ainda no vestiário, repleto naturalmente, quando uma coórte de jovens moças núas passam correndo diante da porta. Sigamo-las. A sala de ginástica possue vinte e cinco metros quadrados, duas janelas. As

cortinas estão abaixadas. E' pena, pois os habitantes do imóvel fronteiriço não se aborreciam, o soalho está coberto de linoleum.

Para essa seção somos quatorze mulheres e dois homens. Estou com sorte; a idade do elemento feminino varia de dezoito a vinte e cinco anos. Tôdas essas moças possuem um belo corpo e seios bem desenvolvidos.

A diretora está num canto. Ela dita o movimento, que ela ritmará, no momento da execução, com golpes de gongo.

Ginástica Suéca. Jovens corpos cobrem-se de gotas de suor. Repouso. Estendemo-nos todos sôbre o linoleum, mãos cruzadas sob a nuca. Novo golpe de gongo. Sessão de marcha, depois trote e, em seguida ao redor da sala. Nenhuma fadiga; pelo contrário, como uma exaltação de todo o sêr. A cadência do gongo acelera-se ainda. Parece que meu pulso participa de sua febre. Os cabelos de minhas companheiras de esporte desataram-se; elas correm com grande alegria.

Repouso. Novamente deitados sôbre o linoleum. Os vinte e oito seios, os quatorze ventres arqueiam mais ràpidamente. Conheço de vista, essas quatorze moças, tão bem quanto as conhecerão, mais tarde os seus maridos.

Novo golpe de gongo. Colocamo-nos sentados, sôbre duas fileiras, face à face. Os pés do meu "vis-a-vis" é uma ruiva forte, estão colados aos meus. Seguramo-nos pelas mãos, e puxamos para ver quem arrastará o outro. E o mesmo movimento para os oito casais. Quando exerceu-se sua fôrça contra uma parceira, troca-se para outra.

Terceiro repouso. Converso com minha vizinha, ela é telefonista. Mais um jogo. Dessa vez, formamos como uma margarida, os pés reunidos no centro, os braços cruzados. Imprimimos a essa flôr humana amplo movimento giratório. Trata-se de não se deixar lançar fóra do grupo. Os rins trabalham, os bíceps também. Tenho sob meu braço esquerdo os seios da telefonista. Nunca me foi possível obter comunicação de tão perto. Terminou. Vamos tomar banho no chuveiro em comum. Vestimo-nos todos juntos. Apertamo-nos a mão amigàvelmente:

Até logo. Quando tenciona voltar?

Êsse esporte, êsse chuveiro, rejuvenesceram-me dez anos. Ando pelo Kollonadden a passo militar, perfeitamente em forma.

Mentiria se dissesse que todos êsses contatos foram-me desagradáveis. Havia sido muito bem servido como parceiros de jogo. Porém nada de inconveniente aconteceu. Se o prazer de divertir-se em comum entre sexos diferentes é condenável, então deve-se suprimir a dança.

DANÇARINAS NÚAS

Se o deseja, vamos mudar de ambiente. Siga-me na escola fundada em Hamburgo por Hedwig Hagemann.

Fica no bairro o mais seleto — alguma coisa como "La Muette" de Hamburgo — uma instituição para moças. O preço dos cursos é muito elevado. Aí não se encontram operárias. No colégio

Hagemann, as herdeiras das mais ricas famílias hamburguesas estudam Anatomia, Patologia e Massagem. Seguem também cursos sôbre História da Arte. Praticam sobretudo ginástica e dança rítmica.

Essa ginástica, essas danças, elas as praticam núas. Os resultados obtidos são maravilhosos. Vi a diretora, também armada do indispensável gongo, fazendo trabalhar um grupo de alunas que serão, mais tarde, auxiliares.

Em presença dêsses dois homens — meu cicerone e eu — as moças haviam posto uma pequena tanga, os seios ficando descobertos. Porém, no calor da ação, elas não puderam suportar êsse acessório desajustado, e, em breve, estavam completamente núas. Quero descrever-lhes as figuras de dança rítmica dessas moças. Existem escolas dêsse gênero em Paris; Porém é indiscutível que a nudez lhe confére uma beleza imcomparável.

Jamais havia visto, a não ser nas estátuas gregas, tanta graça na atitude do corpo feminino. E aqui, as Tanagras estavam esculpidas na carne; essas estátuas eram animadas; os músculos movimentavam-se; os olhares sorriam.

Sob o olhar de suas companheiras que assistiam ao meu lado, a êsse "curso superior" as futuras monitoras pareciam consumadas por um ardente fogo sagrado. Seu corpo inteiro vibrava da nuca aos calcanhares. Havia na sua dança, uma volúpia que satisfazia-se a si própria. No mesmo tempo que um corpo perfeito, as alunas da escola Hagemann trarão aos seus maridos futuros essa ciência que encantava o rei Herodes.

E as dançarinas núas do "music-hall" não mais

poderão atrair e desprender dos deveres conjugais espôsos milionários. Êles possuirão cousa melhor na sua própria casa.

Pois bem, diz-me saindo o amigo que me havia introduzido, como acha isso?

— Magnífico. Mas, com sinceridade, receio poder rivalizar com vocês quando forem à minha terra. Não vejo absolutamente a diretora do mais "chic" de nossos estabelecimentos de ensino oferecendo-nos semelhante espetáculo. E suas alunas, além do mais, não fariam à Arte o sacrifício de seu pudor.

Meu amgio vacilante respondeu docemente:

Suas moças da sociedade, não são feitas de outro barro como as nossas. Creia que no seu íntimo, elas não têm ciúmes das "vedetes" que seus "flirts" admiram nas "Folies-Bergères"? Elas sabem serem belas. Creio que não pediriam outra cousa do que mostrar seu... Seu talento. Compreendí.

LUNABAB

Berlim, como Paris, tem o seu Luna-Parque. Porém o estabelecimento berlinense possue um Wellebad, isto é, um banho com ondas artificais.

E, em suma, a piscina do Lido, mais vasta, e cuja maquinária possante animaria a onda a um metro de altura. Tôdas as noites, Berlim que se diverte acorre aos banhos de Luna: Lunabad. Toma-se, sôbre o tablado que rodeia a piscina, bebidas variadas. O maió constitue rigor. Salvo duas vêzes por semana, sábado de manhã e segunda-feira á noite. Lunabal pertence aos nudistas.

Para ser aceito aos banhos nús, é preciso pertencer a um agrupamento naturista. Pertenço ao Arbeitsgemeinschaft Berliner Bund für Freikoperkultur". Digo isso, não, sem orgulho, pois êsse agrupamento reune a nata naturista da Capital teuta: aristocracia, diretores de bancos, magistrados, altos funcionários, grandes negociantes. Convencemo-nos disso ao chegar sábado de manhã à porta de Luna-Parque. Êsses Mercedes, êsses Rolis-Roice não pertencem a mendigos: mas simplesmente a "nudistas".

As cabines dos homens estão separadas das senhoras. E' um regulamento imposto pelos banhistas de calção. Nós outros, nudistas, o aceitamos; porém para nós, não tem a mínima utilidade.

Pois, a roupa tirada, encontramo-nos todos sem distinção à beira da piscina. Há bastante gente, mas não multidão. Vê-se logo, que estamos entre pessôas educadas. Os senhores afastam-se com deferência para deixar passar as senhoras; essas agradecem por um ligeiro cumprimento.

Um sexagenário, de pelo branco e rijo, de monóculo é a única coisa que êle tenha guardado do seu costume civilizado — beija respeitosamente a mão de uma jovem senhora. Lancemo-nos água. Ela é morna e límpida. A onda chega, trazendo uma nadadora felpuda, que apega-se a mim involuntàriamente. Desculpas recíprocas, como num salão no decurso dum charlestão.

Contemplo o cenário, muito alegre, "boiseries" pintadas de branco e vermelho.

Dos lados, mesinhas onde banhistas já tomam sua primeira refeição.

Vamos a ela:

— Garção, café com leite.

— Toasts?

— Sim, pode trazer.

O garção está de sobrecasaca, a única pessôa vestida, de tôda a assistência.

Está ridículo.

A minha esquerda, uma família: avô, avó, pai, mãe e duas crianças comem grandes fatias de pão com manteiga. O mais jovem agarra-se à perna da mãe. Ela o toma em seus braços, então êle brinca com seus seios. Até agora, eu havia considerado os quadros mitológicos como inverossímeis, agora acredito nêles.

A minha direita, uma jovem indica os movimentos de crawl com dois rapazes.

Ela deitou-se sôbre uma cadeira, estende os braços, afasta as coxas, ela é muito loura... Acho inútil dizer, depois disso, que não existe nenhum acanhamento nesse paraíso balneário.

Uma senhora, admiràvelmente bem proporcionada, quadris amplos e largos, seios avantajados passeia, com seu peignoir sôbre o braço.

Um senhor a detem. Êles conversam como no corredor dum teatro. Quando encontrar-se-ão num baile, suponho que o senhor não será mais tentado de mergulhar seu olhar no decote.

Segunda feira à noite, o banho é franqueado a todos os nudistas. E' a balburdia. Acotovelamo-nos. Reina uma alegria de crianças no recreio.

Como eu boiasse, duas banhistas, mãe filha experimentam medrosamente essa prática tão simples. ofereci meus conselhos, pediram-me minha

ajuda, porém, as ondas não me permitiam de conservar escrupulosamente minhas mãos na sua cintura. Elas passeavam, ora muito na frente, ora muito atrás, o que divertia muito essas senhoras. Aliás com tôda inocência.

"Honni soi qui mal y pense" (Amaldiçoado seja quem nisto põe malícia).

DORA

Foi em Lunabad que conheci Dora Schnaps. Estava só, no restaurante da margem da piscina. Núa naturalmente. Em frente da minha mesa veio sentar-se uma moça. Isso não denotava preferência de sua parte. Tôdas as outras mesas estavam ocupadas.

Essa banhista era alta e delgada; seios duros; bacia desenvolvida; a barriga da perna um pouco baixa, porém, bem torneada. Era ruiva; a água, colando seus cabelos curtos na sua pequena cabeça redonda, estava colocado numa espécie de capacete de ouro velho. Ela olhava-me com atenção; màquinalmente, abandonei a faca e meu pão com manteiga para colocar sôbre minhas coxas o papel de sêda que me tinha sido dado como guardanapo.

Na nossa frente passavam ininterruptamente os banhistas núS: jovens e moças, com atitude decidida, esportiva; mães de família empurrando na sua frente grupos de crianças. Um cincoentão barrigudo entre o caminho das mesas que era estreito — esbarrou na nossa com a nádega. Êle virou-se para desculpar-se, colocando seu umbigo

coberto de pelos numa aproximação de dezoito centímetros do nariz da moça. Esta começava a impacientar-se, o garção de café, muito atarefado não aparecendo. Chamei-o num tom tão imperativo — e com um acento tão insólito — que êle resolveu nos atender.

— Obrigada senhor, disse-me em francês a moça, quando recebeu a solicitação.

E ela completou, sempre na nossa língua:

— Êsse garção vestido, no meio de nós todos, é idiota e indecente, não acha? Respondí que tinha tido a mesma idéia:

— Jornalista? mencionou ela, eis um ofício que me agradaria. Será talvez o que escolherei mais tarde. Por enquanto, sou estudante. Meu pai, o professor Otto Schnaps, ensina filosofia no liceu de... Êle está alí, dentro dágua.

Seguindo seu braço estendido — um belo braço, de longa musculatura, branco e até a transparência e delicadamente estriado de veias azuis — vi emergindo duma onda, uma cabeça de Netuno de óculos.

Expliquei a fraulein Schnaps — Dora, como acabava de saber — minha presença nêsse lugar. Ela soube, também que eu era nudista recentemente, possuia pelo menos algumas referências

Dora implantou nos meus olhos um olhar da côr de aço.

— O que pensa de nós? indagou ela?

Declarei-me, não sem sinceridade entusiasta do movimento nudista.

Ela meneou a cabeça, passou manteiga num pãozinho, tocou algumas migalhas que ostentavam

pontos dourados seus seios dirigidos para mim como dois obuzes de calibre 90, e disse sorindo:

— Não sei, se devo acreditar.

Os francêses, penso que sejam um pouco como "Tartuffe", esfomeados pela carne fresca e que, para esconder êsse seio que não sabem ver, seriam capazes de levantar a saia até ao pescoço.

Protestei. Sem responder.

Dora deu um mergulho.

Seguí-a.

Ai de mim, além dos cem metros, essa sereia teria-me ganho em grande distância.

Orgulhosa de sua vitória, ela recebeu meus cumprimentos com uma satisfação que demonstrava que não estava habituada a essas homenagens e convidou-me para o dia seguinte para uma sessão de "Cultura livre".

A LIÇÃO DE AMOR NO PARQUE

O Parque onde eu encontrei Dora Schnaps é, como aquele de Nackendorf, situado à beira dum lago.

Pequenos bosques de videira e de faias garantem aos nudistas uma intimidade relativa. Despimo-nos, Dora e eu, cada qual na sua cabine. Apenas núa, ela começou uma série de movimentos de ginástica.

Ela respirava largamente, as pontas dos seios afastando-se a cada inspiração. Curvada em direção ao sólo, suas costas desenhavam maravilhosa curva, o ventre sem nenhuma dobra. Ela termina

com as pernas afastadas, roçando sua carne tenra na relva dura. Partimos em seguida num grande galope através dos sombras de arvoredo. Às vêzes, eu recebia através do peito um galho de arvoredo que fustigava-me como um chicote. Fiquei logo marcado da cabeça aos pés, o que divertia muito Frâulein Dora. Ela apressa a corrida, porém sou mais ágil na terra do que nágua, e em nenhum momento ela poude ganhar-me. Ela estacou, no fim de 10 minutos, esfalfada e despeitada:

— E o meu coração que não acompanha minhas pernas, diz ela, como para desculpar-se. Assegurei-lhe que numerosas francesas não seriam capazes de seguí-la.

— Ah! sem êsse coração danado... palpe...

— Eu apalpei... êle batia com grandes pancadas irregulares.

Dora Schnaps interrogou-me longamente sôbre as moças de meu país. Satisfiz o melhor que pude, evitando os paralelos que pudessem vexá-la

— Não sou virgem, disse ela de repente, olhando-me corajosamente. Na sua terra, ainda dá-se importância à virgindade?

— Os rapazes, respondí eu, menos sem dúvida do que seus irmãos mais velhos, os velhos, êles, são mais agarrados à antiga moral de nossos pais.

— E você?

— Eu, Dora, prefiro que você não seja virgem.

Tinhamo-nos levantado. Insensivelmente tornara-me mais galante. Sòmente em palavras; mas eram minhas palavras que pareciam inebriar. Dora como um licor forte e desajustado. A atmosfera estava pesada. Bruscamente, ouviu-se um trovão seguido imediatamente de forte aguaceiro.

Refugiamo-nos numa pequena choupana do tamanho daquelas de nossos pastores.

Dora tinha seu corpo apoiado ao meu. Seria ainda o efeito da corrida? Sentia seu coração bater ràpidamente. Ela entregava-se, baixando os olhos.

Nunca soube se era por receio que seu olhar encontrasse o meu ou para assegurar-se da prova física de minha emoção. Porém, essa emoção não existia. Sua nudez e a minha protegiam-nos sem dúvida contra a tentação. Não tinha outro desejo senão aquele de correr ainda e expor meu corpo a umidade da atmosfera.

Pouco depois, ela afastou-se de mim, sacudiu seus belos cabelos ruivos e lançou-se sob a chuva. Durante o trajeto de retorno a Berlim ela não fez nenhuma alusão ao nosso instante de intimidade.

MORALMENTE NÚS

No dia seguinte, Dora conduziu-me ao Apolo Haus, onde Adolf Koch opera em pessoa. A escola Koch ocupa dois andares dum belo imóvel da Friedrichstrasse, no centro de Berlim. Ela compreende duas salas de duchas, de ginástica e de exposição a luz solar artificial. Mais, uma sala de massagem onde, sob a direção duma especialista, os alunos são por seu turno operadores e pacientes. Os adeptos são por demais numerosos para os locais postos à sua disposição. Como em Hamburgo e pela mesma razão, (Koch é social-democrata), a quasi totalidade dos frequentadores são operários. Eles aí vêm, duas ou três vêzes por semana, após sua dura jornada de trabalho. Suas vestes são mo-

Ela estacou, no fim de 10 minutos esfoltada e despeitada.

destas; para alguns mais do que modestas porém sob o costume o mais pobre, o corpo é limpo da cabeça aos pés.

Os alunos não escolhem o gênero de exercícios aos quais querem livrar-se.

Quando um novo elemento se apresenta, a primeira formalidade é o exame médico. Êsse último preenche uma longa ficha onde, além dos nomes próprios e de família, figuram mensurações, sinais clínicos, figurarão informações freqüentemente muito íntimas, sôbre os antecedentes do paciente.

Eu disse: muito íntimos. Exemplo: pergunta-se à criança se êle pratica o onanismo; na afirmativa, como êle foi indudizo a isso (leituras, companheiros).

E a confissão aplicada ao tratamento psicomédico.

Em geral, asseguraram-me, a criança responde sem embaraço nem mentiras.

Quando o examinador conhece assim seu candidato moralmente e fisicamente, êle o classifica numa categoria. Essa categoria tem uma ginástica apropriada, cujos movimentos, o número de secções por semana e a duração dessas secções são obrigatòriamente fixadas. O número de alunos, em cada categoria é por demais elevado para que êles tomem todos sua lição ao mesmo tempo.

Essa lição é pois dada por grupos de doze a vinte alunos. O aluno pode escolher seu grupo, se êle possue amigos ou preferências.

A questão de sexo não intervem para a constituição dos grupos. Entretanto, certos grupos,

nos quais deve-se tratar doenças que são especiais ao sexo feminino, são compostos ùnicamente de mulheres.

Em conpensação, vi trabalhar um grupo, composto duns vinte homens e duma única mulher. Esta, por razões que não me foram dadas de maneira muito explicita, não queria despir-se, senão diante dos homens.

Era uma quarentona, sem seios apreciáveis, usando óculos. Como em tôdas as outras salas onde havia assistido às lições, a mais perfeita decência reinava em volta do único ser feminino existente.

Eis Adolf Koch ao piano. Grande, gordo, bem disposto. Êle toca árias muito simples, porém bem ritmadas. Êle vira-se sòmente metade para o teclado, à maneira de Fragson. Enquanto toca suas árias, êle fala ou canta continuadamente. A voz é cálida, o canto sem nenhuma pretensão artística. As palavras são de encorajamento ou conselhos. Diante dêle a roda humana e núa passa e repassa. Por vêzes, êle interrompe. Viu um sujeito que o inquieta, chama o médico, examina diante de todos, nenhuma risada, nenhum escárneo, e nem tão pouco acanhamento. Sinceridade total de ambas as partes. Êsses sêres, são também moralmente nús.

DANÇA MACABRA

Vi grupos piores: adolescentes esqueléticos, velhos cheios de varizes, mulheres com os seios pendentes; outros que teriam rivalizado com a Venus Hotentote.

Haviam mesmo tuberculosos que voltavam da ducha solar com grandes "lues" vermelhas sôbre a garganta e sôbre as costas. Koch os faz dançar: êles dançam.

Ah!, não é mais o quadro animado e esplêndido das moças da escola de Hagemann.

Braços sêcos e nodosos como parreiras, ventres enormes, nádegas deformadas, rostos emaciados e congestionados. Êles dançam... desageitados no início, e é desolante de ver-se tantos esforços para a harmonia por parte dêsses sêres disformes. Êles dançam... E, pouco a pouco, parece que o encanto opera. O rítmo obsecante, a palavra convincente do prof. Koch, o calor que desprende-se de todos êsses corpos, os inebriam.

A roda gira mais rápida. Êles esquecem seus males que lhes permitem, apesar de tudo, essa alegria física.

O olhar perdeu: para uns, a resignação para outros, a revolta odiosa.

Uma das mulheres, cujas pernas são disformes, mas que possue belos seios, reergue seu busto como numa oferenda a um macho invisível. Êles também podem pois, na vertigem da música e naquela que procura a todos seus sentidos essa dança febril, crê-se um instante, quem sabe? belos e fortes, ou pelo menos, iguais aos outros sêres.

Koch me diz:

— Reunidos, êles sofrem menos das suas enfermidades. São pobres sêres que ganham duramente sua vida. Certos dêles são párias da sociedade, vêm aqui para esquecer suas misérias. tôdas suas misérias. Aqui, sentem-se todos iguais,

pois todos estão nús. Creio que saem daquí, não apenas com um corpo melhorado, porém com uma melhor alma.

— Também o creio.

LIBERDADE — HIGIENE — VERDADE

Converso com o doutor adido à escola:

— Vejo milhares de alunos cada ano; pois nós os examinamos todos, não sòmente os enfêrmos. Faz dois anos, que não tenho constatado nenhuma moléstia venérea.

— Então, disse eu, todos castos?

— Não, porém os pômos em guarda contra as tentações da rua, onde não encontrarão senão decepções morais, e, do ponto de vista físico, sífilis.

Nós os aconselhamos a escolher uma companheira ou um companheiro entre seus camaradas.

— Êles estão bem colocados, na sua escola, para colherem êxito; porém essa escolha traduz-se pelo casamento?

— Casamento ou união livre.

— porém, deve haver filhos? como se arranjam na união livre?

— Confesso que a mulher, que tem tanto direito à volúpia tanto quanto o homem, tem igualmente o direito de procriar sòmente quando o desejar. Porisso, dou as moças os meios científicos de realizar êsse programa negativo.

— Como? pergunto eu.

— E' muito simples, entrego a nossas adeptas um pequeno aparêlho que lhes assegure a impunidade no ponto de vista da reprodução. Ei-lo, (ví o aparêlho), porém peço desculpas se não o

descrevo aqui. Com isso, prossegue o médico, elas estão tranqüilas. Talvez eu vá dizer medicalmente uma bobagem; porém o seu aparêlho parece-me difícil a instalar, se a mulher em questão merece, até certo ponto o qualificativo de Joana D'Arc.

— Muito justo. Se a moça é virgem e deseja perder o que vocês denominam essa qualidade sem porisso tornar-se mãe, digo-lhe: "mande-me o teu amigo, é a êle que devo falar". E, ao futuro amigo, ou ao futuro amante, faço as recomendações necessárias, que vocês advinham. E' a mesma, a única, em todos os países.

— Isso é maltusianismo?

— Se assim o deseja, permita-me uma pergunta, diz o doutor. Com suas leis. e a moral, podem impedir o infanticídio ou o abôrto? Não. Pois bem, nós, aqui os suprimimos. Nada de dramas na escola. Nada de moças lançadas à sargeta por seus pais ou patrões. Liberdade, higiene, verdade, é nossa divisa. Meditem. Tornar-se-á necessário que eu me limitei aqui a reproduzir, com a possível fidelidade o que ví e ouví, sem tomar partido?

O maltusianismo já fez correr bastante tinta para não gastar a minha nessa questão. Êle apenas me interessa, na circunstância presente, que por sua afinidade — aliás acidental — com uma das doutrinas nudistas.

K L I N B E R G

Acabo de fazer, com Dora, uma pequena viagem. Não do lado que pensa, levou-me novamente do lado de Lübeck.

E inadimissível, disse-me ela, que tenho ido num campo de nudistas das margens do Báltico, ignorem mais tempo as delícias de Klinberg. Partimos, pois, uma bela manhã. Viagem fraternal — Dora é tão companheira e sem faceirice como um rapaz. A viagem dura um longo meio-dia através duma planície rasa e verde como um tapete de bilhar: Revêjo Hamburgo. No verão, diz Dora, no jardim público de Hamburgo, vi brincar crianças completamente núas.

— Bebês de dezoito mêses? pergunto eu.

— Crianças de dez anos, responde Dora.

— Não é possível.

Dora nada responde, mas, entra numa livraria e pede para vêr postais. Ela compra um, e mostra-me. E' um jardim público de Hamburgo. Em redor duma fonte, uma dezena de crianças de ambos os sexos estão brincando. Dois, oito, dez anos: um menino e uma menina estão rigorosamente nús. No clichê, vê-se também, sorridente, bonachão, sob seu alto capacete, um policial.

Eis-nos em Klinberg. Suprimo a descrição: é Nackendorf copiado.

O Sr. Paul Zimmermann, um dos apóstolos mais ardorosos da "Cultura livre" dirige seu "parque de luz" com ciência e autoridade.

Êle tem quatro filhas, cujas idades vão de quinze a vinte e dois anos. São belas criaturas, grandes e fortes, que nunca enguliram um bocado de carne ou tomaram uma gota de vinho.

Educadas, desde o berço, na prática da nudez, elas não supõem que haja alguma indecência nos jogos dos parques livres.

Elas correm como corças, nadam como tubarões. Desejo a todos os pais de família, de possuir filhas tão fortes e tão... inocentes.

O Sr. regressa, justamente duma viagem de conferências na França e na Itália.

Em Paris, a conferência deu-se em recinto fechado, com convites cuidadosamente distribuidos; pois compreendia as famosas projeções.

Em Roma, espectadores entusiastas prometeram conhecer Klinberg.

Porém o parque livre de Klinberg já era freqüentado por nudistas de tôdas as nações. Aí encontrei Escoceses, Suécos, Suiços e até dois franceses.

Todo mundo joga bola, banha-se, alimenta-se, absolutamente nú.

Há uma menina de dez anos, que, no início, recusava-se absolutamente a aparecer em público de outra forma do que de "maillot". O quarto dia, ela tirou por si própria o "maillot", — o quinto, a temperatura havia baixado — ela chorou porque queriam obrigá-la a vestir um sweter para tomar seu café com leite.

— Muitos Pastores vieram vêr-me, disse-me o Sr. Zimmermann; são hoje em dia, fervorosos adeptos. Tive mesmo como hóspede, um padre católico. Ficou estupefácto da pureza de nosso ambiente. Êle prometeu voltar.

VERDADE AQUÉM DO RÊNO

O Parque de Klinberg não está enclausurado por barreiras intransponíveis. Acabamos de percebê-lo. Esta manhã tinhamos partido em grupo,

com as crianças na frente, galopando como cavalos fugitivos.

Na volta duma alameda, deparamos com dois turistas, pai e filha, mochila às costas, bengala ferrada na mão. Surpresa mútua.

Lado nudista — como nos encontramos manifestamente em presença de pessôas que não são adeptas — procuramos não chocar nem o senhor e nem a senhorita.

Senhores e senhoras servem-se de suas mãos como paraventos.

Repentinamente, um de nós teve a idéia de jogar-se ao solo sôbre a barriga.

Explicamo-nos então, expondo o lado menos escandaloso de nosso indivíduo.

São os turistas que nos pedem desculpas. Êles não sabiam. Lamentam de ter-nos perturbado. Partem sem queixar-se e sem voltar o olhar.

— Êles voltarão, diz Dora, como nudistas.

— Sim, Dora, na França, êles voltariam com binóculos.

"Existe, na nossa terra, naturistas que haviam tomado o costume de "praticar" sua doutrina numa ilha a dez léguas de Paris, um recanto maravilhoso chamado Villennes. "Oh, não eram muito audaciosos. Os homens usavam geralmente um "slip" e as senhoras um "soutien-gorge". Porém havia alguns que, furtivamente, tiravam êsses acessórios. "Em frente da ilha, encontrava-se um restaurante. Jamais o estabelecimento em questão fizera receita tão vultuosa como desde a chegada dos naturistas. O dia todo, os clientes observavam

a "Cultura livre" por meio de binóculos de corridas. "Aliás, o "slip" e o "soutien" não desarmaram as pessôas que se gabavam de ser respeitáveis. Houve queixas. Que se teria passado se tivessemos sido encontrados por ribeirinhos de Villennes, ainda há pouco? Dora sorriu, um pouco desdenhosa:

— Como vocês são maliciosos em Paris!

SEM SONHOS

Existem chalés em Klinberg como em Nackendorf. Dormem quatro pessôas em cada um dêles. Duas senhoras no primeiro andar, dois homens no térreo.

Durante o dia, corremos, pulamos, mergulhamos no lago côr de céu, jogamos bola. Também, à noite, acredite que dormimos bem.

Na primeira noite, confesso que pensei nessa linda moça que repousava acima de mim. Passei pelo gramado, para saber se outros, movidos pelo mesmo desejo, não procuravam continuar, em outros jogos, os prazeres do dia.

Não encontrei ninguém: regressei, e, desde então, tenho dormido em paz.

Para todos êsses casais, o amor e a "Cultura livre" estão visivelmente colocados sôbre dois planos diferentes. Se querem ganhar o coração — e o resto — duma dessas ninfas, o sátira terá que esperar que estejam, ambos vestidos novamente.

A LIÇÃO

Esta manhã, Sigrün, a caçula das moças Zimmermann — quatorze anos, longas tranças loiras, olhar vivo e cândido — toma uma lição de geografia.

Êles são quatro numa vasta sala; pela janela, aberta, ar e sol penetram livremente. O professor, Sigrün e os dois outros alunos (meninos de treze e dez anos) estão completamente nús. Olho para o professor, com um grande atlas sôbre os joelhos. A sua esquerda, Sigrün adianta seu pequenino dedo sôbre a página, um grande cão pastor dorme sob o mapa-mundi. Nada de equívoco nêsse quadro. o mestre, os alunos praticaram juntos, a "Cultura livre", seus corpos são se perturbam. E êles respiram. Temos lido, na crônica dos tribunais de países que nada tem de nudistas, a história de professores perseguidos por atentado ao pudor. Em classe, entretanto, êles estavam severamente vestidos.

A PROPAGANDA PELO FILME

O Sr. Zimmermann queria que assistisse a representação dum filme de propaganda nudista. Porém, o filme havia deixado Hamburgo para o Saxe.

Êle explicou-me que eram documentários tirados nos campos e nos "Parques livres". Compreendia perfeitamente. As projeções que eu havia visto jogos ao ar livre, banhos coletivos nos lagos etc... exposições de nús — deveriam, desta vez serem animadas. — Um filme dêsse gênero, pergunta Sr. Zimmermann, poderia passar em Paris?

— Em Paris, caro senhor, ví há alguns anos, projetar alguns metros intitulados Fôrça e Beleza...

— E' uma produção alemã da "Ufa"... Porém os personagens eram tão vaporosos que ter-se-ia pensado estar no reinado das sombras.

— Se o Sr. fizer questão de ver nú no cinema, conduzirei em Marselha, numa pequena rua vizinha do pôrto. Lá assistirá às aventuras dum senhor e duma senhora, freqüentemente vestidos de capuchinho e de freira, que, pouco a pouco, despem-se, não guardando senão suas meias.

— Semelhantes espetáculos não são proibidos?

— Sim, são proibidos, porém são tolerados num certo meio, aliás, como a casa onde passa o filme.

"DANCING"

Voltamos para Berlim. Sem mais, companheiros como tínhamos partido. Dora faz-me as honras da sua cidade. Não sem malícia, ela me assinala que, enquanto nós despretigiamos as ruas de Berlim, os alemães conservaram a rua dos Franceses, e que a Praça Paris é uma das mais belas da capital germânica. Paramos diante das livrarias, noto, na "vitrine", ou nos quiosques de vendedores de jornais, inumeráveis revistas consagradas à "Cultura livre". Em todas as capas, mulheres admiràvelmente esculpidas, apresentam suas formas a atenção dos transeuntes.

Dora, mais uma vez, aponta o dedo para o "Figaro". — Eu estava no número anterior, diz ela, com serto orgulho, lembrei-me de dar-lhe êsse exemplar.

Andávamos de braços dado. Quando ela queria mostrar-me alguma cousa, assim como a bandeira francesa que tremulava sôbre Neue Welt onde disputavam matches internacionais), ela apertava-me a mão com seus longos dedos delgados. Sentia nisso verdadeiro prazer e, inclinado para seu ouvido, gabava a graça e beleza das jovens alemãs do Norte. Voltamos de Neue Welt de ônibus. Ela correu atrás do carro como um rapaz; bem diferente do pequeno passo saltitante das parisienses. Em seguida ela trepou no andar superior, de dois

em dois degráus, sem se preocupar se os viajantes da plataforma constatavam, como eu, que suas calças reduzia-se a uma estreita tira de linho.

Levei-a tomar chá no Excelsior, que é sem dúvida o maior hotel do mundo, nas centenas de quartos, encontramos um luxuoso estabelecimento balneário, um bar, uma cervejaria, um chá-dancing e uma sucursal do correio. Como a cervejaria, o bar e sobretudo o chá-dancing são freqüentados por senhoras que "ganham para serem conhecidas", em suma, tanto vale dizer que sem sair do hotel, o viajante o mais exigente encontra com que satisfazer seus desejos os mais exigentes.

O Dancing do Excelsior está situado num terraço acima do grande hall e do bar. Quinze musicistas, desejosos de contentar melómanos e charlestomanos alternam as doçuras da sinfonia e os furores do jazz.

Dora era muito sensível à música como tôdas suas patrícias. Ela tocava alaude, que pronunciava "laout", mesmo quando falava em francês, e a estudante travessa aparecia novamente quando lançou, entre dois goles de chá: "poète, prend ton Laoute et me donne un baiser", no entanto, mostrava-se pitoresco.

Olhava nossos vizinhos e, principalmente nossas vizinhas, disse, que o Dancing do Excelsior, como todos os "dancings" do mundo, hospedava algumas cortezãs.

Mesmo essas estavam menos pintadas que a maioria das nossas parisienses.

Quanto às senhoras da sociedade, usavam por vèzes um pouco de pó de arroz, porém, nunca

"rouge". A tez e os lábios das alemãs dão um destaque especial com o "baton". No entanto, as saias, os vestidos honestos inclusive, são pelo menos tão curtos como em Paris. Entre duas danças, era uma exposição geral de pernas, de joelhos e de coxas. — As meias de sêda, diz Dora, que seguia meu olhar e meu pensamento, faz-me uma segunda observação, seria mais apetitosa núa. Olhe as coxas dessa jovem senhora. Não acredita que seu marido teria mais vantagem em deixá-la circular num "Parque livre" do que deixá-la rebolar num dancing?

A orquestra Sinfônica por sete minutos, tocava um "suite", e reconheci as árias famosas do Tannhaüser, de Lohengrin, de Werther, de Manon e Sinos de Corneville. E' curioso constatar o fraco que os alemães, o povo o mais melomano do mundo, tem por essa marmelada musical que chamamos "Pot-pourri".

E' transportado para a mesa, o gosto que reune sôbre o mesmo prato o bife, as batatas fritas, os pepinos e a geléia de frutas.

A orquestra tornou-se Jazz. Um rítmo áspero e sincopado arrasta num movimento paralelo os corpos dos dois sexos. Quando, o trecho terminado, as palmas simbólicas decidiram os músicos a bisar, os corpos paralelos tornam-se tangentes.

Contra os paletós e as sobrecasacas, os vestidos, pouco a pouco vem amassar suas sêdas. As mãos apoiam-se nas cadeiras ou na nuca. Os olhos turvam-se, quando enfim, os ares afrodisícios se tinham calado. Dora fez-me constatar que bailarinos e bailarinas permaneciam ainda sob o en-

cantamento. Os machos perseguiam nos olhares, sôbre os corpetes, sob as saias levantadas pelas pernas cruzadas muito alto, seu desejo mal interrompido, as fêmeas enamoradas endireitavam seus seios sob a fazenda, enrijeciam seus rins irritados, estiravam seus braços com a graça felina duma gata no momento do cio.

— Então, diz Dora? que pensa você disso?

— São constatações que não é preciso vir a Berlim para efetuar. Em Paris, Dora...

— Certamente, francês impenitente. Em Paris, todos seus amigos, pais de família, e ainda mais suas esposas, ficariam horrorizadas ao pensamento que suas filhas pudessem passear núas num gramado, diante dos seus pares.

Confesse, entretanto, que os jogos que você presenciou e praticou ao ar livre com as alemãs totalmente núas não comportavam tamanha dose de exaltação.

Confessei e arrastei Dora num tango. A jovem maliciosa tinha jurado a si mesma de levar a demonstração duma maneira mais pessoal e precisa? E certo que, se o contato que tinha tido de manhã, de sua carne desnuda tinha ficado, para mim, sensualmente sem interêsse, êsse tango revelava brutalmente o animal que dormita no coração do homem.

O peito possante e firme, o ventre duro, tomavam sob a túnica ligeira um novo valor. Não me lembrava mais tê-los visto, algumas horas mais cedo, na pura luz do dia. Era agora, pela primeira vez que eu os olhava. A túnica, deixando-me adivinhá-los dava-me o ardente desejo de contemplá-los novamente.

Teria querido arrancá-la dessa bela moça que eu apalpava docemente. Essa manhã, ela não estava vestida, ela estava núa. Eis porque eu não a havia desejado. Quando Dora teve consciência de ter levado bastante longe sua demonstração, ela afastou-se de mim:

— Deixe-me, disse ela.

CONVERSA FILOSOFICA

A hora do jantar havia chegado, convidei Dora, pedindo-lhe que nos conduzisse num bom restaurante, cozinha francesa, de preferência. Ela levou-me num restaurante italiano. São os unicos que em Berlim fazem cosinha francesa.

— E' aquí, diz Dora, que seus compatriotas tomam suas refeições.

Pelo telefone, a estudante preveniu seu pai que ela não voltaria para casa; o professor ofereceu-se a vir reunir-se a nós. — Isso não lhe aborrece? diz Dora. Papai, aliás é muito interessante. Estava decepcionado; encontrei entretanto bastante senso mundano para declarar-me encantado. Aliás, o professor Schnaps, com efeito podia documentar-me. Não tinha vindo do outro lado do Rheno para conquistar uma mulher, e sim para fazer um inquérito.

O professor entrava no cabaré. Tinha uns cincoentão esbelto e robusto, com o olhar agudo. Se sua barba era abundante para esconder sua estreita gravata preta, seus cabelos eram passados à máquina zero.

Apertou-me a mão com cordialidade. — Senti, disse êle, não ter podido acompanhá-los ontem ao Parque livre, porém tinha um artigo muito apressado para minha revista. Estava agradável?

— Dora assegurou que fizemos excelente trabalho.

— O que pensam de nós, os nudistas, na França? prosseguiu o professor.

— Conhecem-lhes mal. — Na França, diz peremptòriamente Dora, os Parques livres como tantos "partouzes" colossais. E ela explicou a seu pai o que significa exatamente a palavra de gíria. O Sr. Schnaps não se indignou. A boca ainda cheia de ravioli, êle limitou-se a perguntar-me: fleugmaticamente:

— E' essa sua impressão? Respondi negativamente e com uma sinceridade que comoveu-o. Eis, disse êle, apertando-me vigorosamente as mãos, o que o Sr. deverá repetir ao regressar à sua pátria.

— Certamente, eu não penso que, nós, nudistas sejamos uns santos. A prática do nudismo em comum não destrói o desejo entre sexos opostos, o que seria aliás deplorável para a conservação da espécie. Porém, pretendo, e com experiência, que o desejo não nasce especialmente de nossas esposições de nús, muito ao contrário, satisfazendo brutalmente a curiosidade sexual, elas circundam os perigos. Nos Parques livres, os casais estão raramente sós e, com a melhor bôa vontade, os viciosos não poderiam fazer nada.

Mas continuo persuadido que êles são muito menos excitados pelos seus parceiros quando viram-nos, o dia todo nessa indumentária, do que os antinudistas se excitam para fazer o amôr.

E êle centralizou seu pensamento por essa comparação muito alemã:

Um oficial que estaria continuamente com farda de gala, perderia grande parte de seu prestígio.

— Vocês têm, se não me engano, acrescentou êle, um movimento nudista em Paris?

— No momento está no estado embrionário, respondi.

— Êle se desenvolverá, disse com fôrça o professor Schnaps. Os resultados físicos da exposição do corpo humano a luz solar incluindo as partes genitais, são por demais interessantes para permanecer indefinidamente desconhecidos de seus patrícios. Vocês começarão sem dúvida por criar "Parques livres" de um único sexo. Depois chegarão aos "Parques livres,, mistos, pois é muito mais alegre. Também, dessa forma, as famílias não estarão separadas.

— E' justamente, senhor professor, essas reuniões familiares que serão o mais difícil de se aclimatarem na França.

"Os homens, na nossa terra, deixar-se-iam convencer; alguns dêles trariam no Parque livre suas amiguinhas, talvez mesmo suas esposas; porém seus filhos? duvido. "No estado de espírito atual, não vejo um pai e uma mãe francêsa passeando nú e levando seus filhos pela mão."

— E que vossa educação sexual não está no ponto. Os francêses — digo logo que não sou alemão mas sim europeu, e falo dos meus patrícios com a mesma liberdade do que dos seus — tem uma audácia de pensamento que vai mais longe do que aquela de todos os povos do mundo;

porém, logo que se trata de aceitar essas verdades filosóficas nos costumes e nas leis...

— Nada feito, exclama Dora.

— Entretanto, adiantei eu...

Sr. Schnaps não me deixou continuar: — Um exemplo: vocês estão imbuídos da excelência do sufrágio universal; vocês o deram mesmo aos indígenas de suas colonias, mas vocês o recusam ainda as suas mulheres (1) essa conversa teve lugar em 1929.

"Para voltar a questão que nos ocupa, estou persuadido que, bem que pertencendo à cultura grega, vocês serão a última nação da Europa a aceitar o nudismo. Mas, vocês chegarão lá, é fatal.

ESCUTANDO A RAPSODIA

Quando saímos do restaurante, à noite ainda não caíra. Havíamos jantado cedo para ir ao cinema. A sessão da noite nos cinemas berlinenses, começa às 19 horas para terminar as 21 horas e trinta.

Dora escolhera o Ufa-Palace, onde levavam Rapsodia Húngara. Nenhuma sala de projeção parisiense, nem mesmo o antigo hipódromo, poderia lutar com o Ufa-Palace no que se refere as dimensões da sala e da tela; nenhum Music-hall ou teatro, pelo número dos músicos. Quanto a orquestra, a dêsse simples cinema vale os melhores concertos de Paris. A Rapsodia Húngara e a história dum jovem oficial, amador de mulheres e de bebidas, que, após um amôr culposo com a es-

pôsa de seu coronel, foi tomado pela pureza de sentimentos duma filha de trabalhadores de fazenda. Êle abandona finalmente o uniforme para dedicar-se ao arado.

Ignoro a intenção do autor dêsse cenário é de convencer os alemães da superioridade do fecundo trabalho dos campos sôbre a carreira militar.

Na afirmativa, sou obrigado a testemunhar que junto ao público berlinense pelo menos, não atingiu o seu alvo.

Pois o quadro que arranca do público trovoada de aplausos — a êsse ponto frenéticos que me impedem durante vários minutos de ouvir um único instrumento da orquestra colossal — foi aquêle que representava uma revista de cavaleiros. Notem que os cavaleiros em questão eram vulgares figurantes fantasiados em soldados húngaros. Pensei no entusiasmo que teria desencadeado a aparição dum verdadeiro regimento de ulanos.

Essas eram minhas reflexões enquanto o brilhante tenente fazia efeitos de botas diante dos olhos extasiados da sua amada, elas não duraram muito.

O gênio de Liszt — A orquestra tocava, bem entendido, a famosa rapsodia — rolava-me nas suas possantes ondas sonoras, quando senti, junto a meu joelho, a morna calidez de Dora. Em atenção à minha pessôa, sem dúvida, ela não havia juntado seus aplausos àqueles da multidão no momento da exaltação militarista. Agradeci-a por uma terna pressão da mão, nossas mãos não mais se separaram.

A música, de agora em diante possuía três sentidos: o ouvido, o tacto — pelos dedos febris da jovem — e o olfato — pelo o odor de cravo que exalava sua carne cálida.

Procurava representar-me o seu corpo, tal qual êle erguera-se reto e nú, sôbre o gramado do "Parque-livre". Não o conseguia, ou, antes, parecia-me que a bela fêmea que se havia um momento oferecido ao macho insensível nada tinha de comum com essa criatura de sonho, tôda em olhares e perfumes.

— Quando partirá? disse-me Dora, enquanto que na saída o professor Schnaps procurava seu carro entre os outros autos.

— Infelizmente amanhã, Dora.

Ela semi-cerrou os olhos. Eu não via mais, entre os cílios o agudo olhar emboçado.

— Meus melhores pensamentos, disse ela enfim, acompanha-lo-ão durante sua viagem.

A DESFEITA TRIUNFAL

— Chamam Paris, a cidade-luz, disse o professor Schnaps, que acabára por encontrar seu carro; venha e lhe mostrarei o que é Berlim à noite.

Êle instalou-se na direção, enquanto que Dora arrastava-me na parte trazeira do carro, ao seu lado. (Assim duas linhas correm, paralelas, durante leguas, e a bifurcação, no momento da separação definitiva, uma agulhagem empurra-as uma para outra, e as junta...

Rolávamos, ràpidamente, ao longo de vias largas, margeadas de imóveis altos, e novos. Tôdas as fachadas brilhavam de anúncios violentamente luminosos, da calçada até o teto. Nem uma sacada, nem uma janela sem letras de fogo. A mais modesta casa era tão brilhantemente iluminada como aquela que faz ângulo com o Boulevard Haussmann e o Boulevard dos Italianos.

Não apenas os anúncios luminosos são, em Berlim, cem ou mil vezes mais numerosos do que em Paris, mas seu brilho é muito mais vivo. A eletricidade, lá seria outra? Não o sei. Constato apenas: A Cidade Luz mudou de pátria.

O professor Schnaps, que conhece muito bem Paris, não vangloriou-se. Ele possuia a vitória modesta; porém não duvido que seu coração tenha estado, nêsse momento, triunfalmente iluminado ao pensamento que o parisiense achava-se humilhado. E Dora? gozava ela desse triunfo elétrico-germânico?

Não o creio. Ela maravilhava-se e, em tôda inocência, procurava a fazer-me participar do seu entusiasmo. A cada fachada particularmente bem apresentada, ela murmurava: — Belo, isso, hein? E sua mão apertava mais energicamente a minha. Uma esquina, fulgurante como um incêndio, fez-nos parar. Era um café, o Vaterland. Ofereci um licôr.

O professor, e sua filha, apesar de vegetarianos, não recusaram o cocktail.

No centro da imensa sala, num balcão de ferro forjado, senhores de casaca preta cantavam gravemente árias antigas da Germânia.

Todos possuiam belas vozes profundas e um ar convencido, inspirado, que pouco a pouco transmitia-se aos consumidores.

Otto e Dora Schnaps, internacionalistas, acompanhavam, em surdina, as estrofes guerreiras, hinos do Vaterland.

Saímos, o alcool esquentava sem dúvida o condutor. A longa avenida Unter der Linden foi engulida num piscar d'olhos; a Praça Paris atravessada num relâmpago passamos pela Brandenburger Tor como um bólido.

Dora aproximava-se cada vez mais; talvez para diminuir os solavancos, ela apoiava-se em mim. Aproveitei êsse abandono e, nos braços um do outro, formamos em pouco tempo um único bloco levado na tempestade.

Como num sonho, via os reis de pedra da Sieges Allee fazendo alas ao nosso amor. Rolávamos agora nas tenebras do Tiergarten.

Na nossa frente, o professor Schnaps, mãos crispadas na direção, apoiava sua larga sola no acelerador; o motor da Mercedes, inebriado, ritmava numa marcha triunfal.

— Vamos, pensei eu, nudista ou não, chega-se sempre ao mesmo desfecho...

Foi meu último pensamento antes do voluptuoso abismo.

Quando, no fim dum momento, os sentidos apaziguados, retomei consciência do mundo exterior, disse-me que, bem longe de atender a virtude do nudismo, essa deliciosa aventura fortificava-o singularmente.

Não era a fêmea primitivamente núa que me havia atraído, mas, pelo contrário a civilizada, sàbiamente ornada e perfumada, da qual tivera que conquistar palmo a palmo, a carne escondida sob o manteau.

A derrota da filha era a prova palpável da idéia paterna.

O professor Schnaps havia vencido.

SEGUNDA PARTE

NA FRANÇA

O que acabaram de lêr é a reportagem que publiquei em 1929. Não voltei à Alemanha desde o fim da guerra. Muitas cousas devem ter mudado; principalmente em Berlim e Hamburgo. Minhas descrições devem provocar sorrisos aos franceses que voltam de lá agora.

Talvez, também, certos apóstolos do nudismo que lá conheci tenham desaparecido.

Porém, o seu movimento continua, senão com a mesma intensidade — o que ignoro, pelo menos com a mesma fé. Ainda hoje recebo cartas que o atestam.

Nessa época, não existia na França, nenhum club nudista. A prática do nudismo era interditada por lei (ela o é ainda, também meu trabalho suscitou êle um vivo movimento de curiosidade, ao qual, juntava-se alguma incredulidade.

Nêsses últimos vinte e cinco anos, o nudismo fez, em nossa terra grandes progressos. O que vai seguir não tem outra finalidade que fazer conhecer a história dessas etapas, de informar as pes-

soas que isso interessa sôbre os lugares onde poderão praticar o nudismo sem receio da polícia; de lutar, enfim contra um preconceito de falso pudor ainda longe de ser abolido.

O SPARTA CLUB

Não existia ainda nenhum campo nudista na França em 1929. A prática do nudismo era severamente interditada em todo o território; ela o é ainda, porém, agora é tolerada. E assim que vários agrupamentos organizaram-se em tôda a parte, principalmente na região parisiense; existem outros, dos quais encontrarão os enderêços mais adiante.

O mais importante, é o primeiro dentre êles, é sem dúvida o Sparta-Club presidido pelo Sr. Marcel de Mongeot. Êle nada tem de clandestino. Ha vinte e cinco anos que existe, primeiramente em Carambouville (Eurèl) depois em Gaillon (Eure) em seguida em Fontenay-Saint-Pêre (Sena e Oise) e finalmente em Aigremont (Seina e Oise), tôda a região sabe que aí pratica-se as alegrias da nudez integral, e a polícia não ignora a sua prática.

O Sr. de Mongeot edita e dirige aliás uma revista nudista, "Viver Primeiramente" difusa no mundo inteiro e cujas fotografias representam homens, mulheres e crianças totalmente nús. O fato que, há um quarto de século, o Sparta-Club não tenha sido teatro de nenhum escândalo, de nenhuma intriga, testemunha que a prática do nudismo em comum não é necessàriamente a escola do vício.

Fui um dos fundadores do Sparta-Club. Éramos doze ao todo, como os apóstolos.

Hoje somos milhares, existem entre nós provincianos e estrangeiros. (Êsses últimos cada vez mais numerosos). Cada vez que êles vem a Paris, passam em Aigremont dias que declaram ser os melhores de sua vida.

Vou experimentar contar-lhes que é essa vida, a nossa, nêsse novo paraiso terrestre. Primeiramente o cenário. O Sparta-Club é proprietário duma dezena de hectares (comuna de Aigremont no flanco duma colina que domina o vale do Sena em direção a Poissy).

No centro dêsse vasto domínio, cercado de muros ou de cercas vivas, o castelo, rodeado de bosques espessos. E uma bela moradia estilo Renascença, dotada de todo o conforto moderno. No parque, uma piscina olímpica, com pequeno banho, grande banho, mergulhadores, rodeada dum caminho de cimento e de alamedas sôbre as quais é muito agradável deitar-se. Lá, como nos terrenos de jogos que o rodeiam, os sócios do club estão ao abrigo de qualquer olhar indiscreto (salvo dos aviadores, que não detestam vir lançar um olhar curioso passando o mais baixo possível sôbre as ninfas de Aigremont).

Os divertimentos em Aigremont são exclusivamente esportivos. Aí joga-se Volley-ball, ao deck-tennis, nada-se ou faz-se footing através dos bosques. Tudo isso nú como a mão. Porém, no interior do castelo, durante às refeições, o traje é o de praia, aquêle que é tolerado nos pequenos albergues e mesmo nos Palaces de Juan-les-Pins.

Nos terrenos de jogos, o próprio hóspede está também nú. Êle teve empregadas jovens, que não desdenhavam de expôr seus encantos, aliás apreciáveis, aos benfazejos raios solares.

Não se aborreçam, vamos lêr o que escreveu um sábio psicólogo, o Dr. Pierre Vachet, no seu penetrante estudo sôbre A nudez e a fisiologia sexual:

"Fômos criados para viver nús; tal qual como surgimos no mundo e como vivem ainda certas raças primitivas".

"A sensação de vergonha diante da nudez é uma impressão artificial adquirida por um longo atavismo e reforçada através dos séculos.

Porém, desde algum tempo, uma evolução desenha-se nos costumes e nos trajes; e, em muitos países, os adeptos da vida ao ar livre e a luz solar tornam-se mais a mais numerosos.

Na Alemanha, por exemplo, as estatísticas provam que vários milheiros de indivíduos de ambos os sexos seguem as leis e preceitos do nudismo, que toma assim a figura de novo evangelho dos tempos modernos.

"E' certo que a nudez, longe de exercer sôbre o individuo uma atração carnal feita de desejos lúbricos e de sensualidade bestial, cria no espírito sentimentos estéticos e desenvolve em qualquer sêr o gosto do belo.

Pode-se dizer que a educação sexual, cujos ensinamentos parecem tão difíceis para todos, pais ou preceptores, faz-se naturalmente pelo espetáculo da nudez que depura a imaginação e controla os impulsos sexuais.

"Com efeito, a visão de corpos nús, longe de excitar a imaginação, torna-se ràpidamente tonificante, e se os sêres fossem habituados desde sua mais tenra infância, a exporem-se nús aos raios do sol, veríamos diminuir essa inquietude sexual que toma, nalma civilizada moderna, as proporções duma verdadeira enfermidade.

"A prática do nú, livremente admitida, evitaria as excitações doentias e diminuiria as obsecções sexuais e as visões pornográficas das quais se alimenta a imaginação.

Pela nudez, a educação sexual far-se-ia muito naturalmente e os sêres ficariam ràpidamente libertados do sentimento de vergonha, do pudor e, por vezes, do pedaço que se prende aos órgãos genitais.

O hábito de viver nús sôbre as praias durante o verão seria, estou certo, o melhor meio de ensinar aos sêres, e sobretudo aos jovens, a conhecer-se melhor, tanto fisicamente como hipocrisia, que é o veneno do coração.

Por êsse meio, os jovens perderiam grande parte dêsse falso pudor ridículo e dessa boba timidez: os rapazes habituariam-se a apreciar nas suas companheiras as qualidades sãs do coração e as finuras do espírito, e a considerar a jovem com um respeito mais nobre e mais fecundo. Tendo menos ocasião de mostrar-se grosseiros e obcenos, êles evitariam mais fàcilmente os vícios dos internatos e procurariam honradamente a agradar por sua cortezia, dessa forma seus sentimentos encontrar-se-iam naturalmente elevados, por seu lado, as jovens abandonariam grande parte de suas pueris paxões entre elas; adquiriríam mais

simplicidade, maior franqueza; sofreriam a feliz influência de emulação que as levaria a negligenciar a arte dos adornos e da maquilagem para prender-se à cultura da beleza do corpo e das formas harmoniosas.

"E' preciso saber que a ginástica, o esporte, o trabalho físico, principalmente quando são praticados ao ar livre e o corpo nú, são excelentes reguladores da impulsão sexual, porque a disciplina que impõem aos movimentos impedem o desenvolvimento das vivas emoções.

E nos momentos de ociosidade, no decurso das ocupações intelectuais ou nêsses contatos de dancings onde as formas se adivinham sob os finos tecidos, que os corpos aquecem-se e põem-se em tumulto.

No momento em que fraquejam as regras da moral, pode-se vêr no esporte, na ginástica ao ar livre, que disciplinam as necessidades do corpo enquanto desenvolvem os sentimentos de solidariedade, um dos instrumentos os mais eficazes da moral moderna".

O doutor Vachet tem razão. Confundir o nudismo com a luxúria é um preconceito sòlidamente enraizado, porém estúpido. Êle desaparece, pouco a pouco, pela fôrça das cousas. Se, em 1900 — ver as fotos da época — uma banhista de bikini tivesse se aventurado numa praia, ela teria terminado o dia na cadeia. Não se trata mais disso, quarenta centímetros de tecido são suficientes, doravante, para satisfazer a moral corrente.

Restam, evidentemente, êsses quarenta centímetros que os nudistas de Sparta abandonam no

vestiário com seus preconceitos arcaicos. Entretanto, vê-se em Aigremont, famílias cristãs que nunca perdem a missa aos domingos. Vieram até padres, excelentes rapazes, irrepreensíveis e possuidores de sólida musculatura, que desejavam informar-se de "visu" e que partiram convencidos, edificados. Essa preocupação foi-lhes interdita, e pena. Se minhas lembranças são exatas, houve, nos primeiros dias do cristianismo, neófitos que eram batisados nús, totalmente nús, no rio Jordão.

Lembro-me duma equipe feminina de volley-ball que pretendia medir-se com aquela do Sparta-Club. Essas moças, impuseram apenas uma condição a sua participação: a de jogar vestidas como estavam habituadas (sweter e culote).

Em deferência para essas senhoritas, nossas jogadoras nesse dia vestiram um slip. A equipe feminina era de primeira classe; e não prescindiu de nossa galanteria para conseguir a vitória. Em seguida, foram nossas convidades à piscina com calção de banho, naturalmente.

Pouco a pouco, uma após outra, as castas moças tiraram seu calção. Ao meio-dia, quando soou a hora do almôço, não havia senão naiades, sem outros véus a não ser suas cabeleiras, saindo dágua encantadas.

Os sócios do SpartaIClub pertencem a todos os meios sociais. Há entre êles, um grande pioneiro da aviação francêsa, grandes industriais, negociantes afamados, empregados, operários, operárias, artistas (pintores e escultores, estrelas de cinema e jornalistas.

Penso no que vão pensar, e é para responder a essa objeção que publico êsse livro. Isso po-

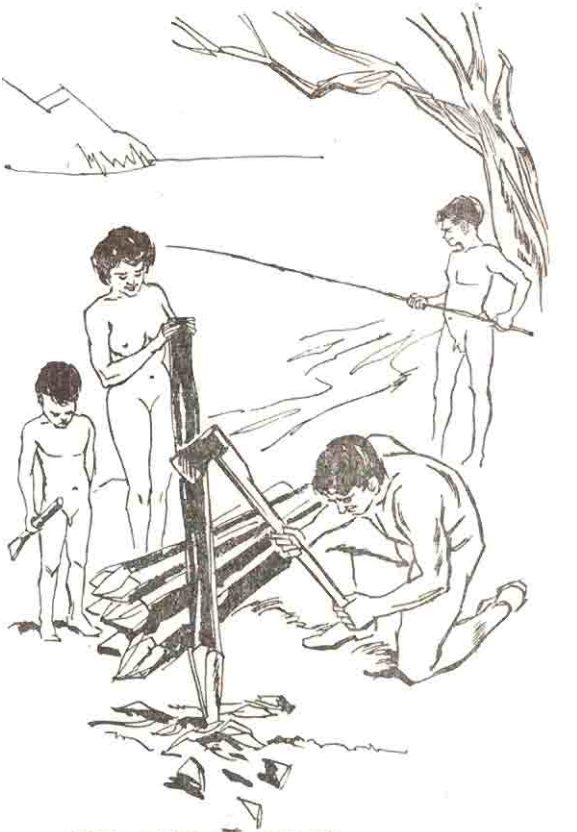
de-se resumir assim: E' extremamente difícil cortejar uma mulher núa, quando nos encontramos exatamente na mesma indumentária. Os sentimentos se exteriorisariam fàcilmente demais; porém não se cogita disso; mesmo se a mulher é muito desejável, o desejo não se manifesta.

Todos os psicólogos concordam em julgar que o desejo é, em primeiro lugar curiosidade. Não existe mais curiosidade num club nudista. Ela fica satisfeita em trinta segundos.

De mais a mais, que a mulher que se mostra núa, o faz para todos. Ela não os elegeu para os exibir particularmente seus encantos.

Ela entrega-se a tôda a comunidade, sem preferência como sem faceirice. E assim que observei que os novos adeptos do Sparta-Club, quando pela primeira vez, ressentem muito menos apreensão em despir-se quando os nudistas são numerosos nos estádios — contràriamente ao que pensavam. O sucesso de todos os clubs do mesmo gênero provem principalmente da alegria física que se ressente em mover-se folgar, sem nenhuma roupa, no ar, na água e sob os raios do sol.

Foi o que me conquistara quando da minha primeira estáda na Alemanha: um bem-estar de todos os meus membros, de todo o corpo, sem nenhuma satisfação sexual. Olhem os bebês nas praias, não estão visìvelmente felizes de estar nús? Entretanto, nenhum desejo culpável os anima, êsses querubins. Que certas pessoas o queiram ou não, o estado de nudez é natural e sem vício. Ouço bem uma nova observação que provem de outra fonte: se o nudismo tem por efeito aniquilar o desejo, obrigado, mas eu passo.



"Fomos criados para viver nús.

Não me atribuam pensamentos que não possuo. Se isso fôsse verdade, não veríamos em Aigremont tantos adeptos de ambos os sexos que não renunciaram, absolutamente a certas alegrias. Que haja lá uniões livres assim como em outros clubs similares, é provável e é mesmo certo. Elas tem porém a vantagem, para seus parceiros, de evitar as desilusões que seguem por vezes aquelas contraídas nos dancings e outros ambientes pouco recomendáveis. Porém creio que por isso mesmo, elas são bem mesmo frequentes do que nos dancings onde os dois sexos encontram-se em presença. Pessoalmente, pude constatar que, sòmente no Sparta, três casais uniram-se legalmente e religiosamente; e seus filhos — que vimos crescer mesmo antes do seu nascimento — são agora belos bebês que prosseguem alegremente a sua existência de nudistas.

O nudismo ou, mais exatamente, a nudez, sob tôdas suas formas, possue adversários enfurecidos. Uns convencidos, outros mais ou menos hipócritas.

Sôbre êsse assunto quero contar três histórias rigorosamente autênticas.

Tiveram, tôdas, uma continuação judiciária.

Um fabricante de meias, que expunha seus modelos numa loja da Madeleine, foi objeto duma queixa por parte duma dessas ligas que pretendem proteger a moral. Parece que as meias expostas — elas cobriam pernas femininas perfeitamente constituídas — provocavam nos transeuntes êsses culpáveis pensamentos que já indignavam Tartuffe. Sem dúvida os modêlos do fabricante paravam pouco após o joelho. Mas... "Quan-

do vê-se o pé, a perna se adivinha" disse Musset. Então, para os doutos defensores da liga, a perna coberta de sêda fazia adivinhar o resto. Porém foi o fabricante o vencedor do processo.

Segunda história, da mesma ordem. Desta vez, tratava-se duma grande loja nas proximidades da Ópera, que expunha nas suas vitrines, manequins, de cêra, igualmente, de tamanho normal, revestidos do que as senhoras chamam de combinações (gosto desse qualificativo maquiavélico: êle diz bem o que deve dizer).

A liga ficou aterrorizada, êsses manequins, a seu vêr, deviam precipitar os transeuntes masculinos, induzidos em tentação, para essas casas que a polícia tolerava até então.

A justiça, mais uma vez, deu ganho de causa a casa comercial.

Um magistrado meu amigo, fino psicólogo, disse-me uma vez: "a maioria das pessoas que se comovem com gravuras, esculturas, e manequins representando corpos nús, são obsecados sexuais."

Eis a verdade núa e crúa.

Terceira e última história: Há vários anos atrás, o Sparta-Club, que estava então situado em Fontenay-Saint-Père, foi objeto duma queixa de atentado ao pudor. Essa vez, era muito sério. Não podíamos negar que nos reuníamos nús — aliás não tínhamos a menor intenção de fazê-lo e houve constituição de parte civil. O tribunal teve que instaurar inquérito e estávamos muito aborrecidos com isso. Dias e semanas passaram, porém a polícia não aparecia.

Resolvemos então inquirir por nossa conta discretamente.

O queixoso, que dirigia um pensionato de rapazes encontrava-se prêso por atentado ao pudor sôbre certos de seus alunos...

Escolhi êsses fatos entre cem outros da mesma ordem. Lamento o infortunado diretor do pensionato por não ter podido resistir a tentação de realizar seus sonhos lúbricos.

Lembrei-me nessa ocasião daquele policial que conhecera no Instituto de Ciências Sexuais que dirigia, em Berlim, o doutor Magnius Hirschfeld. Êsse infeliz acabára de pedir ao médico para castrá-lo, senão, dizia êle, cometerei um crime". Hirschfield teve muita dificuldade para curar essa verdadeira obsessão que vía sexos em tôda parte.

Terá êle conseguido a cura? Ou terá sido forçado a castrá-lo, como um cavalo de corridas por demais interessado pelos encantos de suas concorrentes? Não poderei dizê-lo, pois deixei o instituto antes da operação.

O que eu quiz indicar, nas linhas que precedem, aos encarnecidos inimigos do nudismo, é que o que êles crêem ser uma virtude, frequentemente não passa dum recalque de instinto que ganharia em exercer-se normalmente.

Desejaria também que os adversários do nudismo viessem dar uma volta sôbre os gramados de Aigremont. As belezas femininas que êles admiram sem malícia, penso eu, nos quadros de Cotot, dIngres, de Boucher e tantos outros, êles as contemplariam em ação, com o jogo de seus membros expôstos a luz, através da onda transparente, sob as carícias do sol. E' um espetáculo incomparável e que nos incita a louvar o Criador.

Não sugerem nada mais, por serem muito numerosas. Seja, porém há também crianças, em Aigremont. Há meninos e meninas. Que educação sexual esquisita, dirão então. Sim, lição aproveitável e muito moral. Lembrem de suas recordações da mocidade, a curiosidade de sua alma jovem pelos representantes do sexo oposto?

Quem entre nós escapou disso? As crianças de Aigremon não conhecem essa curiosidade doentia. Parece-lhes natural — e o é de fato — que seu pai não seja constituido como sua mãe. Êles não prestam maior atenção ao sexo das pessoas que encontram diáriamente no estádio ou na piscina do que aquele dos cães que encontram. Pessoas mais autorizadas do que eu, lhes dirão os efeitos terapêuticos do sol. Constatei-o pessoalmente, pois atríbuo à prática do nudismo o estado de conservação em que me encontro apesar duma idade bem avançada. Meu maior desejo seria de convencer meus leitores mais renitente de que os nudistas de Aigremont ou de alhures não são o que se pensa: pessoas viciosas, mas completamente o contrário.

Pelo menos enquanto êles folgam nos estádios. Depois, é uma questão de moral ou de temperamento. Nenhum de nós é asceta. Porém, mesmo os santos, foram tentados no deserto. Em sexualidade, tudo é questão de imaginação. A prática do nudismo em comum não acrescenta nada a nossa conscupiciência instintiva; ela freia, ao contrário, pelo menos por algumas horas, aquelas que passamos no Sparta-Club.

As mães de família, podem deixar ir suas filhas em Aigremont. Aquí elas estarão com maior

segurança do que no baile ou no cinema. E isso será mais benéfico para seus músculos, para seus pulmões... sem falar do resto.

SENSUALIDADE E NUDEZ

O Sr. Marcel de Mongeot acaba de públicar "a nudez bela e verdadeira", um magnífico álbum de fotograifas tão artísticas quanto aos nudistas.

Êle dedicou-me, por sêr, como êle, um dos animadores do nudismo na França.

Eu copio êsse prefácio, não por causa dos elogios que o autor atribui ao meu favor, eu os devo a sua amizade; mas porque ela parece exprimir a verdade sôbre a hipocrisia que prende-se a velar a livre expressão do nosso instinto sexual, aquilo que certas pessoas chamam a "nefasta influência da sensualidade", para as quais o nudismo aparece como um dos meios de propagação.

"Talvez que a dedicação dêste álbum, meu caro amigo seja uma aposta. Vocês que contam com milhares de leitores, mas entre os quais encontram-se alguns moralistas Tartuffe, que, deleitando-se ao lêr seus artigos, em vez de mortificar-se, como deveria pedir a sua consciência, se fossem consequentes consigo mesmo, preferem criticá-los para vingar-se de ter tido tão grande prazer em viver em companhia das suas heroínas.

Penso da mesma forma do que Molière, que: "a hipocrisia é um vício que está na moda, e, como todos os vícios da moda passam como virtude' (D. Juan V. 2.) também como madame de Main-

tenon que, escrevendo ao Cardeal de Noailles, afirmava-lhe "O pecado vale ainda mais do que a hipocrisia".

A meu ver, a hipocrisia é a mãe de todos os vícios. Vocês não são hipócritas, e porisso eu os felicito. Se compararmos a sua arte de escritor, que nunca é vulgar, aquela do divino Arétin, a de Rabelais e mesmo a de Voltaire, somos obrigados a reconhecer uma certa moderação na escolha das palavras que empregam: "As descrições de Arétin são nítidas e desprovidas de qualquer preocupação de adulterar as ações dos personagens". Entretanto, apesar do seu erotismo exuberante — nem deprimente e nem asqueroso como aquele dum Miller, Miguel-Angelo o tinha em grande estima. Êle escreveu falando daquele que foi apelidado "o flagelo dos príncipes": "O Rei e o Imperador achavam-se lisongeados que a pena de Arétin os nomeasse".

Seus romances relatam os costumes da nossa época. E sem dúvida por êsse motivo que são, em aparência, tão pouco apreciados por nossos moralistas modernos. Sem dúvida, não possuem certas afinidades de escritor com Brantome que teve a habilidade de morrer antes da publicação de suas obras. Ora, perdoa-se muito aos mortos dos quais nada mais se receia, nem mesmo os escritores que não relatam senão o passado. Você, meu caro amigo, teve a coragem de viver seus romances — o que lhes proporciona um valor de veracidade incontestável — e de fazê-los lêr ainda quentes e palpitantes da emoção de vossos contemporâneos. Sem demonstrar a menor audácia, o senhor de Bourdeille dedicou sua "Vida das mulheres galan-

tes" a Monsenhor o Duque d'Anjou, de Brabant e conde de Flandres, filho e irmão de Reis. O qual aceitou essa homenagem de muito bôa vontade.

"Sei bem que empreendo uma grande obra, declara Brantome, e que não a teria empreendido se quizesse mostrar seu fim..."

Tão pouco veriam o fim se empreendessem com a ajuda de sua pena, mais alerta e incisiva que aquela de Brantome, de desvendar, não a galanteria, mas a lubricidade que domina, em nossa época, nos meios mais diversos. Como êle, são excelentes em descrever o livre jogo de amôr, porém com maior sensibilidade, com um perfeito conhecimento das "nuances".

Não ignora nada da carne e dos sentimentos, da sua subtileza: conhece tôdas as reações dos instintos refinados pela nossa civilização, mas também exacerbados por nossa imaginação, e tem o dom, como um artista, de aumentar o brilho duma sinfonia de côres juntando-lhe uma tonalidade marcante, tôda de frescor e de doçura... ardente.

Êsse, com tão máscula convicção, cantam o amor e a mulher, é que conhecem todos os atrativos assim como os múltiplos encantos sempre renovados.

E que sabem que a vida é tôda amôr e que o amor, por emulação, pelo feito que mantém o homem na norma e estimula as qualidades inherentes à sua natureza, é moralizador.

Se cantassem as delícias de Sodoma, como tantos outros que tiveram glória e honrarias, talvez teriam menos adversários.

As honrarias, preferem a franca nudez dos corpos e dos espíritos.

Também, é com tôda a alma, meu caro amigo, que dedico êsse álbum onde em cada página, encontrarás mulheres belas sorrindo-lhe com gratidão, pois elas sabem que fazendo-as amar, rehabilitam Venus em detrimento de Corydon.

E eis o que pensa Marcel de Mongeot da experiência nudista, notadamente no que diz repeito às crianças:

"Há momentos em que os bôbos e as pessôas de espírito encontram-se e julgam idênticamente: é quando pensam, uns e outros, com seu sexo, o que acontece invariàvelmente quando lhes falam de nudismo. Então êles vêem eròticamente.

"Entretanto, aquêles pensam, mal, porém pensam.

"Certos dêles nem pensam. Para que? Pois que, antes dêles, outros pensaram e lançaram uma interrogação por razões bem diferentes — sôbre os órgãos da procriação".

Não é possível, na vida dum homem, mudar idéias tão enraizadas no espírito de certas pessoas que tais idéias parecem pertencer-lhe fisiològicamente, e de anular preconceitos tanto mais possantes que êles protegem certos interêsses ajudando-os a mantê-los na escravidão.

Para tudo é preciso um começo, talvez nossa ação seja ela êsse começo.

E o diretor da revista "Viver primeiro" acrescenta, com a fôrça dessa convicção, que permitiu-lhe afrontar todos os perigos e todos os sarcasmos:

E' necessário repetir, que faz vinte e sete anos, às portas mesmo da Capital, assim como em

numerosas regiões da França, pessoas de tôdas as confissões e de ambos os sexos reunem-se peròdicamente em estado de completa nudez.

Êles tiram disso resultados benfazejos para sua saúde, sem que sua moralidade e a moral seja atingidas por essa prática.

Essa experiência faz-se em pleno dia, sob os raios luminosos e bemfazejos do sol. Nós cremos nessa experiência salutar, porém, talvez seja ela nefasta; certas pessoas o afirmam, sem todavia poder prová-lo.

Não existe meio têrmo: se ela fôr nefasta, é preciso fazê-la cessar radicalmente, se fôr bôa, devemos encorajá-la.

O que é verdade para as realizações de gímnico integral vale também para a revista, suas ilustrações e mesmo para seus artigos. Pois, admitir que ela seja distribuída a assinantes, adeptos, é recusar que ela seja lida e folheada por estrangeiros ao nosso movimento, é simplesmente insensato. Se ela é bôa para uns, não pode ser nefasta para os outros.

Que não venham sobretudo interditá-la aos jovens e as crianças. A sexualidade précoce é menos o resultado do que podem ver e ouvir as crianças do que do desequilíbrio do qual padecem (Por vêzes simplesmente causado por uma alimentação inadequada). O desregramento sexual dos adultos não possue, freqüentemente outras causas.

As crianças que freqüentam os centros de nudismo não aceitam a existência natural dêsses centros, não voltam a jogos simples e sãos após um certo tempo de desintoxicação. No início, êles

fogem dos estádios, preferindo percorrer as alamedas com tôda velocidade nas suas bicicletas, os menores com suas patinetes, e um galho de árvore torna-se para êles uma metralhadora. E' que êles trouxeram seus hábitos de fóra.

Quando nos preocupamos do estado mental dos adolescentes, de seu desequilíbrio, já é tarde demais. Quantas crianças de pouca idade sôbre as quais o cinema, a leitura e o rádio puderam exercer sua influência, manifestam entretanto um nervosismo anormal. "Não existe nada na inteligência que não esteja também na sensualidade", lembra com razão François Muriac; Aliás, as crianças muitos novas são particularmente sensíveis a todos os elementos exteriores. E' pois desde a mais tenra idade que devemos zelar escrupulosamente, em fazer viver as crianças naturalmente, duma maneira sã e ao abrigo de tudo que possa impressioná-las desfavoràvelmente. E' desde seu nascimento que devemos habituá-las a nudez, antes que lhes apareça — bobamente, porque êles ouvem repetir em volta dêles — um assunto escandaloso. "Os jogos, as alegrias dos estádios nudistas, serlhes-ão muito mais aproveitáveis, fisicamente e moralmente, do que os filmes de "gangsters".

Ninguém poderia falar mais claramente. E, se insinuarem que o diretor do Sparta-Club e de "Viver primeiramente", é interessado na matéria e porque êle fala para o sucesso do seu movimento, e do sucesso comercial que êle comporta, eis aquí a lista das altas personalidades que patronam sua obra e pensam como êle.

Peço desculpas a meus leitores por inflingir-lhes tão vasto programa, porém é preciso demons-

trar a nossos delatores que o Sparta não é, como êles o pretendem, uma associação de visionários ou de "portouzeurs".

Dr.Johan Almkvist, professor na Faculdade de Medicina de Stokolm; Dr. Arama Michel, professor de cirurgia dentária; Dr. Géo Beltrami, professor na Escola de Medicina de Marselha, doutor em Direito; Dr. Paul Blum, antigo chefe da clínica da faculdade, médico assistente do Hospital Saint Louis; Dr. Maurice Bonnard, Ex-interno dos hospitais de Paris; Dr. Jules Bouchez, ex-interno dos hospitais, Dr. Braun, ex-médico do hospital Francês de Londres; Dr. André Brunel; Dr. Cherchève, estomatologista; Dr. J. Clair, Médico chefe do sanatório de Sylvabelle, Dr. Marius Dumesnil, Dr. Estève, publicista médico; Dr. Fauvel, diretor do Instituto de auto-sugestão de Paris; Dr. Charles Guilbert, antigo chefe dos laboratórios de Paris; Dr. Norman Haire, Ch. M.M. president de Sex Education Society, de Londres; Dr. Herscovici, membro da comissão de higiene do departamento do Sena, correspondente nacional da Sociedade de Anatomia Comparada; Dr. Laurens, ex-interno dos hospitais de Paris; Dr. Gaston Lauret, cirurgião, ex-interno dos hospitais de Paris; Dr. Raymond Lévy, dermatologista dos Hospitais; Dr. Pierre Ménard, Professor na escola de Psicologia; Dr. R. Ossedat, médico estomatologista, antigo ex-interno dos hospitais de Clermont Ferrand; Dr. Passarini, médico em colonização; Dr. Pigeanne, ex-interno dos hospitais de Paris; Dr. P. Russo, doutor em ciências naturais, engenheiro em ciências geológicas; Dr. Schmidt, doutor em ciências físicas; Dr. G. Siauve-Evausy, ex-interno dos hos-

pitais, ex-chefe de Clínica, cirurgião da Faculdade de Lille; Dr. Perre Vachet; Dr. Marcel Viard, professor na Escola Superior de Antropologia.

Rene Arburger, almirante, engenheiro mecânico geral da Marinha; L. Barquisseau, advogado na Côrte de apelação de Paris; Lucien Bloch-Larroque, adido ao Centro de psiquiatria; Charles-Auguste Bontemps, homem de letras, jornalista, orador, ex-redator chefe de "Viver Primeiramente"; Victor Bouim, presidente da Associação Internacional da imprensa esportiva, presidente honorário da imprensa belga, Georges Boussenot, ex-ministro ex-deputado da Reunião, delegado da União francesa; presidente honorário do Sindicato da Imprensa Colonial Francesa; Felix Chévrier, vice-presidente da Associação Profissional da Imprensa Republicana, presidente honorário da União Fraternal dos Vosgianos de Paris; Henri Chomet, diretor da "Revista do Centro"; F. H. Dissen, secretário da revista holandeza "Der Zonnewijzer"; Ed. Frankhauser, diretor da revista suiça "Die Neue Zeit"; André de Fouquières; Justin Godart, ex-ministro, membro da Academia de Medicina; S. A. Real o Príncipe de Kapurtala; Marc Lanval, doutor em ciências sociais (U.L.B.; Gérard de Lacaze-Duthiers, homem de letras Grande prêmio da Academia Francesa; Albert Lecocq, presidente do Club do Sol; Fernand Léger, artista pintor; Comandante Yves Le Prieur, da Academia de Marinha; Jean Letort, Advogado, redator-chefe dos Arquivos de Direito Médico; Comandante Magnier, antigo comandante da marinha mercante; Malkowsky, professor de rítmica; Yves Montel, advogado na Côrte de Apelação de Paris; Pierre

Prouvost, professor na Universidade de Lille; André de Richaud, homem de letras; Arsène Rosée, advogado da Côrte de apelação de Argel; Teodore Valensi, advogado na Côrte de apelação de Paris.

IN MEMORIAN

Emile Baés, artista pintor, membro correspondente da Academia de Belas Artes e do Instituto; Dr. E. Bourgoin, ex-estomatologista, assistente dos hospitais de Paris; Dr. Dartigues, presidente-fundador da União Médica Latina; Dr. Dye, do Instituto de Medicina Colonial de Paris; Pierre Froument, biologista; Gabriel Gobron, homem de letras; Marcel Hervieu, ex-redator de "Eu sei tudo" e de "Viver Primeiramente"; Pasteur Henri Huchet; M. P. C. Kestens, tenente do exército belga; Lucien Le Foyer, antigo deputado de Paris, vice-presidente do "Bureau internacional da Paz e presidente do Conselho Nacional da Paz; Dr. Laignel Levastine, professor na Faculdade de Medicina de Paris; Dr. Legrain, Médico-chefe honorário dos Asilos de Alienados, membro do Conselho Superior da Assistência Pública; Dr. H. de Marville, Ex-cirurgião chefe do Hospital de São Francisco; Henri Nadel, inspetor-geral das bibliotecas; Dr. Pathault, ex-interno dos hospitais de Paris; Gaston Richard, professor honorário de sociologia na Universidade de Bordeaux, presidente honorário do Instituto internacional de Sociologia; prof. Charles Richet, membro da Academia de Medicina, membro do Instituto (antigo presidente do M.S.V.;) Dr. Robert Sorel, ex-interno dos hospitais de Paris, ex-

cirurgião dos hospitais do Havre; Dr. G. Simionesco, médico-chefe do dispensário Maria da Rumania, secretário geral da Sociedade Internacional de Estudos contra a Tuberculose e contra o Cancer; Dr. Paul Vigne- d'Octon, homem de letras, ex-deputados; Maurice de Waleffe, secretário da Imprensa Latina.

Eis as pessoas: médicos, professores, deputados, diplomatas, oficiais, etc., que os Tartuffe pretendem, acusando o Sr. de Mongeot, de corromper a mocidade.

OUTROS CENTRO NUDISTAS

Existe um, em Montalivet, no promontorio de Graves. Não o visitei, porém, nêsse documentário nudista, parece-me necessário citá-lo.

Segundo as informações que me foram fornecidas, êsse "Centro Helio-Maritimo, está instalado numa vasta propriedade (25 hectares) repleta de pinhos, ajuncos e giestas. Nêsse pinheiral até então deserto, selvagem, o nudismo fez desabrochar uns cincoenta "bungalows", na bela estação, uma floração de barracas de lona. Água potável, duchas, latas para detritos, terreno de volley-ball, de doca, mastros de navio, balanços, "toboggans", etc...

A costa, nêsse lugar é muito plana, para nadar é preciso ir muito longe. A maioria dos turistas contentam-se tomar banho de ondas, isto é, de receber a maré crescente, preguiçosamente estendidos sôbre a praia.

Um médico, dos "habitués" do lugar, afirma-me que êsse jato cortante da onda é excelente para a circulação sanguínea.

Resta a outra circulação, aquela regulamentada pela polícia. Não tendo presenciado, não ousaria afirmar que em Montalivet, passeia-se,, pratica-se esporte, totalmente nús. E', sem dúvida uma questão de oportunidade. Não penso tampouco que uma propriedade dessa importância seja inteiramente ladeada de muros. Os turistas (não nudistas) e os policiais que o são sòmente à noite devem ter acesso.

Porém, com alguns vigias e um pouco de audácia, deve-se poder "realizar".

(Realizar, em gíria nudista, é por-se completamente nú).

Eis alguns endereços, para os candidatos adeptos do nudismo:

Região Parisiense: Eparta-Club, Castelo d' Aigremont, por Chambourcy (Sena e Oise). Ar e Sol, secretariado, M. J. Simon, 33 rua de Berna, Paris V.°. Clube do Sol, 33 Boulevard Poissonière, Paris, II.°. Clube Gimnico de França, bosque d' Autel, Villecresne (S. O.). Les Annonciades, Meudon (S. O.).

Centro gimnico de Champagne, M. E. Bedret, 45, rua Chanzy, Reims. Centro Helio-Maritimo de Montalivet, séde: Prefeitura de Vendays, administração: 33, Rue Poissonnière, Paris II.° Clube Gimnico do Norte, M. R. Eeckhout, 31, rua La Fontaine, Roubaix (Nord. Clube Gimnico de Normandie, M. J. Salin, 60, rue Thiers, Rouen, SI. Gimno-Clube rhodanes, 7 rua Sainte Cathrine,

Lyon V.° Ilha do Levante. A entrada da ilha do Levante é inteiramente livre. Hotéis estão a disposição dos turistas gimnicos. Entretanto aconselhamos a nossos adeptos aderir à ADIL (aos amigos da ilha do levante, M. Clément Barri, 31, rua Perlé, Endonne, Marselha 7.°).

Argélia: Ar e Sol de Alger, Mâitre Rozée, 8 rua Empereur Vespazien, Argel 5.° Clube gimnico de Casablanca, M. Gervais, 18, Boulevard Denis Papin.

PISCINAS

Sociedade gimnosófica de França. Piscina Avenida de Orléans, 4, Square Henri-Dormel, Paris 14.° (segunda, de 21 horas à 22,30 horas).

Clube do Sol. Piscina Neptuna (quarta-feira às 20,30 horas,, Boulevard Bonne-Nouvelle, Paris. Associação gimnica "Esporte e Natureza", piscina da Etoile, 32, Rua de Tillsitt, Paris 8.° (quinta-feiras, às 20,30 horas).

A ILHA DO LEVANTE

As pessoas que leram as Aventuras do Rei Pausole sabem que os estados dêsse monarca eram minúsculos, sem história, mesmo sem geografia, e que aí encontravam-se, na cidade como nos campos, as mulheres do país:

...dans le simple appareil

"D'une beauté qu'on vient d'arracher au sommeil."

A Ilha do Levante, onde passei alguns dias de minhas férias, lembrou-me, sôbre diversos pontos, o delicioso reinado inventado por Pierre Louys.

De início, ela é tão pequena, também que quando a procuramos num atlas, não se sabe mais se êsse minúsculo ponto que percebemos ao largo da Costa dos Mouros, é verdadeiramente uma ilha ou se é apenas uma mosca que deixou sua sujeira nêsse lugar.

Sem geografia, pois êsse país é igualmente sem história e, — eis a semelhança — seus habitantes não são muito mais vestidos do que aqueles de Tryphème. O costume nacional é reduzido ao mínimo.

O que chamam lá, o "mínimo" é um triângulo isóceles de tecido cuja base tem, exatamente, vinte centímetros, nem um a mais. De côr sombria para os homens, as senhoras o escolhem geralmente nas mais vivas côres. Porém, um e outro sexo o usam no lugar que calham, sustentado na cintura e mantido por um simples barbante. Quando as donas de casa fazem a grande barêta, na Ilha do Levante, toda sua roupa cabe no vão duma única janela, que fica assim embandeirada, como um yacht, de minúsculas bandeirolas.

E nêsse traje que as levantinas vão à padaria, à quitanda, na leiteria; e que jantam no restaurante. As jovens mães não precisam desabotoar o seu corpete para dar o seio à seu bebê. Os bustos, na Ilha do Levante, são nús, como em Java.

Para chegar a êsse paraíso terrestre eu havia tomado, no Levandou, um navio chamado "A Flexa de Ouro". O capitão dêsse esquife é um folgazão, belo e bem feito como Tarzan, que responde ao nome de Lulú. Meus companheiros de viagem insulares do Levante, subiram a bordo no traje em uso na costa: short e um tricô de marinheiro.

Porém, apenas a Flexa de Ouro tinha levantado âncora que tricôs e shorts haviam sido abandonados. Não lhes restava sôbre o corpo senão o pedaço de tecido sunga, peitos e nádegas completamente núas. Travei assim, antes mesmo de ter chegado, conhecimento com o país do traje "mínimo".

O lugar onde desembarcamos chama-se o porto de l'Ayguade. Abordei no decurso de minha existência aventureira, em numerosas ilhas; não conheço nenhuma que, como porto, seja alguma cousa de tão primitivo, de tão rudimentar.

A enseada, refúgio doado pela natureza, possue em tudo e por tudo, uma estreita ponte de tábuas onde só pode acostar um único navio (ainda é preciso que o navio seja dos menores.) Carcassas de ferro, enferrujadas, torcidas, cuja base está imersa e a ponta aparece acima da onda como braços de náufragos, desesperados, fazem crêr aos novos passageiros que escaparam a um real perigo. No fim do molhe, há uma mesa de madeira branca, em pleno vento e um banquinho. Sôbre o banquinho, um senhor, muito cortez, que cobra dos turistas o direito de instalar sua barraca na ilha nos locais que lhes foram designados. As pessoas que vão ao hotel nada pagam. Apreciei essa generosidade insular. Na terra firme — muito

firme — pois é rochedo, começa um caminho inclinado e pedregoso. E' o que conduz a Héliopolis, única aldeia da ilha. A entrada do caminho, um caminhão. Não uma camionete, um caminhão verdadeiro, troncudo como um tanque. Percebemos logo que êsse tanque era necessário para circular nessa estrada? de sulcos profundos como fossas e semeada de pedras grandes como cabeças. A parte dêsse veículo reservada aos viajantes, a sua bagagem e seus inúmeros apetrechos, aos víveres e barricas de alimentos, compreende alguns bancos de madeira. (Tudo é nú nessa ilha), sentamo-nos quando resta lugar. Se ficasse de pé, e mesmo se tivesse a sorte de conseguir sentar, aconselharia segurar vigorosamente os montantes do caminhão. Se está no meio da plataforma, segure fortemente ao braço ou ao corpo de seu vizinho (ou de sua vizinha; núa ou não, ela não se impacientará).

Eis o caminhão que sóbe, num ruído de ferragem, que tornaria inútil qualquer buzina, se ela existisse.

Dada a sua largura, essa única via de acesso à Heliópolis tem igualmente, segundo as horas, uma única mão, não há perigo de encontrar um carro, nenhum carro na ilha, apenas dois caminhões suficientemente avisados para não transitarem nas mesmas horas.

De vez em quando, o caminhão tanque esbarra numa pedra um pouco grande; é no caminhão a ocasião para um simpático abraço (a menos que seja um barril que role entre nossas pernas).

A paisagem desfila ante nossos olhos lentamente, temos todo tempo necessário para admirá-

la. Não é desagradável, principalmente à direita; pois à esquerda deparamos apenas com rochedos. à direita, é um barranco no fundo do qual corre uma torrente que, sempre ví sêca.

Nos arredores dêsse riacho de pedregulho, no "maquis" habitações que vão do bungalow rústico — por vêzes bonitinho, sejamos justos, à palhoça polinesiana. — Nenhuma preocupação de urbanismo presidiu a sua construção. Alguns estão trepados sôbre um rochedo, outros ficam no côncavo dum vale.

Erétos como estátuas de bronze a entrada de suas moradias, os habitantes, a cada desembarque olham com curiosidade as pessoas ainda vestidas que vão chegando. A curiosidade não é menos viva para êsses últimos, algo como se Marte caisse sôbre a nossa terra. Para aceder aos seus bungalows, os inquilinos possuem picadas como caminhos para cabras; como estão vestidos com um mínimo de roupas, não se arriscam a estragarem seus ternos.

Explica-se depois disso que essas encantadoras nudistas tem a pele toda coberta de arranhões, isso devido aos espinhos da picada e não em conseqüência de alguma personagem sádica.

Um colega, que possue um yacht minúsculo, desembarcou numa pequena enseada afastada chamada Calanque do Farol. Êle assegura-me que é bem mais bonito do que a Ayguade. Lá não há ninguém, nem cobrador para os turistas, nem bungalows. Apenas o deserto.

Uma rampa asfaltada incrusta-se entre dois enormes rochedos. Bem no alto, o farol toma um ar misterioso de bastão tibetano. E êle quem

fala, pois que por minha parte, nunca pús os pés no Tibete.

Lá, dominam o sol chamejante, o silêncio, a solidão, as cigarras mesmo conseguem calar-se. Algumas cabras sòmente, trepadas nas rochas escarpadas, dirigem um olhar desdenhoso e férreo.

Após essa descrição, ainda prefiro a chegada pelo caminhão. Trepadas sôbre suas sacadas de madeira pintada, aos turistas são mais agradáveis a contemplar do que as cabras...

HELIÓPOLIS

Eis, afinal Heliópolis, em plena civilização. Dois ou três hotéis, restaurantes, um bazar, uma loja de novidades, (ornamentada de "minimus", uma escola e uma repartição de correio).

O pequeno Correio, o mais belo edifício da região, funciona apenas duas horas por dia. Salvo o domingo em que permanece fechado; é natural que o carteiro tenha um dia de repouso, com semanas tão fatigantes.

Muito amável, o carteiro, talvez porque êle não esteja esgotado. Fornece gratuitamente sêlos, pelo menos tôdas as informações que desejarmos. Ele conta seu dinheiro sôbre o balcão, sem nenhum receio dum Holdup. (Verdade seja dita que seus clientes estão completamente nús, se carregassem uma metralhadora via-se de longe).

Êle compartilha com o guarda florestal, única autoridade na ilha. Um aviso afixado na repartição adverte os turistas:

1.º — que a nudez integral é formalmente proibida na ilha;

2.º — que o guarda florestal é a única pessoa a quem cabe o direito de julgar da indescência de seu comportamento. Na entrada do correio, cruzei freqüentemente com a mulher do guarda florestal que saía para fazer suas compras. Ela usava encantadores "minimus", ora rosas, ora verdes, e levava uma cesta. A parte trazeira de seu belo corpo valia a frente, igualmente sem véus.

Pensei logo que o guarda florestal não devia ser muito exigente no que concerne a probidade de seus administrados.

Não pretendendo acampar — pois o período de 1914 a 1918 tendo-me feito conhecer as alegrias do acampamento forçado, e desgostado para sempre dêsse gênero de esporte — puz-me a procura dum hotel.

Encontrei-o. Está construído no flanco duma colina; quer dizer que tem apenas um andar na fachada e dois na parte trazeira. — a dona, disse-me: deixe suas bagagens, mandarei subí-las para seu quarto.

Na realidade o garção do hotel levou-as antes para baixo; pois habito o terceiro inferior. Na escada, que por sinal é muito estreita e ao ar livre, cruzei com senhoritas que devem ser minhas vizinhas. Essas estavam completamente nuas, nem mesmo um "minimum". Penso que o guarda florestal não deve ir freqüentemente ao hotel, ou se fôr, é para tomar um gole de álcool.

A proprietária explicou-me que no interior do hotel (o interior compreende os terraços), não precisaria fazer cerimônias. Saboreei pois meu

café com leite numa espreguiçadeira do terraço, na indumentária do pai Adão, como o resto da clientela. Certamente, o velho nudista que sou não poderia ficar surprêso. Os clubes já habituaram-me, porém, eram clubes: isto é, associações nas quais era preciso ser apresentado, admitido; onde era dirigido, vigiado. Aqui, nada semelhante. Desembarca-se e no primeiro hotel, tira-se toda a roupa e passeia-se "em pelo". Nem visto (isto é maneira de falar, nem comentado). A Ilha do Levante é, verdadeiramente como Tryphème, a terra da liberdade, pelo menos no que diz respeito a indumentária.

OS GAJOS DA MARINHA

Essa terra infelizmente não é muito vasta. A ilha estende-se mais ou menos sôbre um milheiro de hectares: dez quilômetros de comprimento e dois ou três de largura. Altitude do ponto culminante — é a vila de Heliópolis que domina, cento e quarenta metros.

E' pouco? Quando terão feito a subida de caminhão, acharão que é suficiente. Porém, os nudistas não gozam dêsses milhares de hectares. A Marinha de guerra instalou-se na ilha e, para preservar seus segrêdos — igualmente militares — instalou divisas que é proíbido transpôr. Parece que nossos lobos do mar, artilheiros experimentam, atrás de seus arames farpados, o lançamento de projéteis rádio teleguiados. Até o momento, nenhum obuz mal dirigido atingiu um habitante da ilha. As únicas vitimas são os nudistas,

aos quais a dúzia de hectares que constitúe o seu reinado não são suficientes e que desejariam fazer admirar sua anatomia a tôdas as meduzas da costa.

Os marujos não têm direito ao uso do "minimum", coitados. Êles passeiam na ilha revestidos de seu uniforme, certamente glorioso, porém menos agradável de usar no verão.

Disseram-me que entre os belos rapazes que eu admirei, bem entendido sem nenhum pensamento culposo, pois que, ao inverso de certos colegas, não possuo atração senão para o sexo frágil, sôbre as plagas da ilha havia marujos.

E' bem possível, discernir, se um homem nú é marinheiro ou quitandeiro. Porém, houve um episódio aborrecido. Um dos chefes da marinha insular, teve, um dia, a idéia de ir banhar-se na praia dos nudistas, castamente, êle conservára seu calção de banho.

Os outros banhistas, que haviam tirado mesmo seu "minimum" afim de que a água do mar não deteriore, tiveram um único grito: — Em pêlo, em pêlo.

O marinheiro, furioso por vêr assim sua autoridade diminuída, fez afixar em tôda parte, o aviso que interditava formalmente a nudez integral sôbre todo o território. Durante algum tempo, os nudistas integrais tiveram de entrar novamente no seu triângulo de tecido. Porém tudo se arranja, na terra do sol e da batida. Devo dizer, que, durante minha estada, sôbre as praias como sôbre os terraços circulava-se integralmente nús.

AUTÓCTONES

Além dos marinheiros de uniforme, há também pessôas vestidas: aqueles que aí habitam o ano todo. Estou persuadido que êles não consideram os turistas como loucos. Em todo caso, por reação contra essa exposição contínua do nú, êles vestem-se muito mais castamente do que seus patrícios da costa. Vi no Lavandou, em Juan-les-Pins e alhures, de bikini. Na ilha do Levante as negociantes possuem severas blusas brancas com gola alta. Não usam meias, porém sè consentem mostrar uns dez centímetros acima de seus sapatos de lona. E' pena, pois entre "elas", existem algumas que são bem sedutoras.

Perguntei a uma das empregadas de negociantes se ela não ia à praia aos domingos. Ela respondeu-me enrubescendo: Só faltaria isso!

Entretanto, respondi-lhe, a esposa do guarda florestal ela contenta-se com o "minimum". A lojista deu de ombros: — Ela não é daqui. O guarda só entra em serviço no verão. No inverno êles habitam no Loir-et-Cher.

No Norte, afinal. A vendedora de "minimum" não usa sua mercadoria. E' igualmente decepcionante; pois, é jovem, bonita, bem feita e parece possuir um sistema piloso muito desenvolvido, se julgarmos pela sua abundante cabeleira negra,

como as azas dum corvo, e que ela usa a maneira de Julliette Gréco.

Felizmente sua clientela é menos arisca, foi assim que pode assistir á prova de dois "minimum", um para a mãi outro para a filha, que não me deixaram nenhuma dúvida: essas loiras platinadas eram na realidade castanho claro.

INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E PRÁTICAS

Talvez que alguns historiadores nudistas interessar-se-ão pelo fenômeno que fez desabrochar numa ilha que nada tinha de diferente essa aldeia excepcional. Eis, pois, de acôrdo com os seus creadores, o histórico de Heliópolis, centro e única aglomeração da Ilha do Levante, exceptuando-se o agrupamento militar da antiga penitenciária, o Grand-Avis e o Farol.

O têrmo penitenciária lembra o antigo estabelecimento penitenciário do Sr. de Pourtalès, que durou de 1840 à 1866, e cujas ruínas viam-se ainda há alguns anos. Elas foram substituídas hoje pelas novas construções edificadas pela marinha militar. Em 1931 os doutores Gaston e André Durville haviam adquirido terrenos que não pertenciam mais ao Estado na Ilha do Levante, numa superfície de 65 hectares, dos quais 22 hectares deviam formar um centro nudista sob o nome de Heliópolis.

No espírito do fundador, essa "Cidade do Sol" não devia ser uma cidade ou uma vila como as outras, com luxuosas moradias, garagens, casinos, teatros, fábricas, etc... mas uma simples cidade rústica onde os amadores de ar puro e de sol viriam, na tranqüilidade duma natureza esplêndida, descanso das fadigas da civilização artificial

das cidades, passando simples férias com o único luxo dum ideal elevado e a única preocupação duma saúde robusta.

Os caminhos deviam ser construídos em "pistas para pedestres" de maneira que toda parcela tivesse sempre sôbre êle uma via de acesso.

Os pontos dágua deviam ser cavados em quantidade suficiente para que cada titular de parcelas tivesse sempre a sua disposição cem litros por dia.

Bem cedo, êsses recursos tornaram-se insuficientes. O sucesso do Naturismo a vinda dos turistas, a utilização dos carros, obrigaram os dirigentes do sindicato a criar estradas transitáveis. Por sua vez, o porto de Grand-Avis tornava-se excêntrico. Após a última guerra, o navio de Salins que servia Port-Gros foi escalado para ir até Ayguade. Foi a origem do porto. Sem dúvida, o caminho que sobe à aldeia é duro e nem sempre bem conservado. Tal qual é, a vantagem de seu pouco comprimento revelou-se muito grande. A cidade de Hyères compreendeu que seu dever era interessar-se pelo desenvolvimento da ilha. Em 1948, um entendimento teve lugar entre o Sindicato naturista e a cidade de Hyères, cujos têrmos do qual esta última encarregava-se de executar todos os trabalhos necessários, mediante o pagamento, a sua caixa, de todos os recursos do sindicato, pondo à parte, algumas despêsas indispensáveis.

Essa convenção foi renovada por dois anos em 1949, e por 3 anos em 1951, porém, com a possibilidade de revisão anual no que concerne ao montante das cotizações. Êste ano, o Sindicato, visto a urgência de certos trabalhos de consertos

e de conservação, manifestou a intenção de conservar as quantias provenientes das contribuições para fazer por si êsses trabalhos, que, aliás, iniciou imediatamente.

Por seu turno, uma delegação do Conselho Municipal de Hyères foi a Ilha do Levante, e constatou o estado crítico da estrada de Ayguade, em seguida as inundações, os trabalhos estão em curso. As informações de utilidade pública e encorajamentos que precedem são dadas pelo Sindicato.

Devo a verdade de constatar que o curso dêsses trabalhos pareceu-me um tanto lento. Durante minha estada, não deparei com nenhum trabalhador e os caminhos, a estrada de Ayguade em particular, está tal qual a descrevi no início de minha reportagem.

Pondo de lado os mencionados caminhões e os veículos da Marinha Militar, nenhum carro ou automóvel arrisca-se na ilha. O que prova que os nudistas motoristas não são tão loucos como querem fazê-lo crer. As picadas são em degráus naturais retidos por raízes que são outras tantas armadilhas e ramos mais ou menos espinhosos cujas caricias não podem seduzir senão masoquistas.

Quando falou-se em consertos, os turistas requereram uma petição protestando vigorosamente contra o conforto que tiraria, asseguravam êles, à Ilha do Levante seu encanto de selvageria primitiva.

E' um ponto de vista respeitável. Não resta dúvida, que o acesso da ilha parece pouco recomendável às pessôas que ultrapassaram os cin-

coenta, aquelas que sofrem de vertigem, de moléstias cardíacas e têm as pernas pouco sólidas.

Um médico da costa dos Mouros, indo a excursão, achava a ilha um verdadeiro paraíso, após o almoço êle partiu para a praia de Rioufrède.

Êle não conseguiu alcançar a margem, querendo descer os rochedos à pique, que defendem êsse lugar encantador, êle caiu e fraturou o fêmur.

Trouxeram-no de barco em Ayguade; não se cogitava de fazê-lo voltar pelos rochedos nem mesmo de maca.

Sem negar os encantos que apreciei vivamente dêsse encantador recanto da França, creio quanto ao meu dever, advertir os pés sensíveis que êsse paraíso, ao contrário do inferno, não está precisamente pavimentado de bôas intenções em sua intenção.

AVISO AO PÚBLICO

Anotei alguns avisos afixados no Correio e no pôsto que se encontra na praça central de Heliopolis.

"A corrida anual entre vegetarianos e Carnívoros terá lugar no próximo sábado".

"Perdeu-se um slip preto no caminho das grutas. Pede-se entregá-lo na padaria. Seu proprietário não é rico".

"Encontrou-se uma saia preta, um soutien e um respirador de bomba no caminho de Ayguade. Reclama-los no Hotel do Pomo de Adão".

"Uma moça que lê os anúncios junto comigo, desata na risada": a saia, o respirador, compreendo; porém, o soutien, aqui, para que fazer?"

Mas, Mademoiselle, digo eu, todo mundo não possue um decote tão belo como seu".

"Sábado, baile em Bellevue, recomenda-se traje de soirée, sem soutien."

"Subscreva para a igreja do Cristo-Rei, uma missa ao ar livre terá lugar terça-feira às oito horas no local previsto".

Fui ao baile, direi mais adiante minhas impressões — e também à missa.

Para o ritual, os turistas haviam vestido sôbre seu "minimum" calças e blusas. Voltando da missa, fui tomar um gole no Pomo de Adão, onde um velho freqüentador havia sacrificado a missa por uma batida.

— Pergunto a mim mesmo, disse-me êsse descrente, em que indumentária nos encontramos lá em cima, na hora do juízo final. Vestidos ou não? Se formos vestidos, será curioso o encontro, vestidos de seda de pekim, do século dezenove, como as marquezas de Crinolinas, D'artanhan em mosqueteiro e Napoleão com sua sobrecasaca cinza.

— "Nós estaremos nús, senhor, respondí: nús como Deus nos criou."

— "Então, ao menos aqui, porque não vamos também nús à missa?"

RIOUFREDE

Amigos do Sparta, um senhor e uma senhora fiéis habituados da ilha, acompanham-me a Rioufrede. É a praia a mais concorrida da ilha.

Partimos a pé por um caminho mais ou menos, transitável durante um quilômetro mais ou menos; em seguida penetramos através do bosque, por uma picada que nada tem de confortável.

E' inebriante, como na canção, porém, quando somos dois, hoje três, logo um demais.

Um pequeno polegar terá nos passado? Essa picada está semeada de pedregulhos brancos, duros, que não poderão derreter-se, raizes enormes, a atravessam de espaço a espaço, é preferível não, enroscar os seus tornozelos.

Na nossa esquerda, corre um riacho que deve ser o Riou tão falado, sua água talvez seja fria, (Frède), porém, não no momento. Êle está sêco como um turfista que regressa de Maison-Laffitte.

Após algumas centenas de metros, uma descida rápida (quero dizer que ela seria rápida, se não fôssemos obrigados a vigiar nossos pés). Chega-se a uma plataforma que domina o mar. Espetáculo grandioso. Numa estreita enseada que rodeia o Mediterrâneo introduz um braço de mar dum azul deslumbrante. Em toda a volta, pinheiros e arbustos dum verde não menos vivo: uma safira rodeada de esmeraldas. Só há uma ligeira irregularidade: a plataforma encontra-se acima da praia uma centena de pés; pois o rochedo é abrupto. Para descer, todo o corpo entra em ação, os braços, as pernas, as costas. Não é um "minimum" que precisariamos e sim uma armadura. Consigo chegar à praia sem muitas arranhaduras. Essa praia é de pedregulho, o que é excelente para exercitar os pés. Sôbre o pedregulho, duzentos colchões pneumáticos e rábanas, lado a lado, sôbre os quais torram corpos nús, privados mesmo do

"minimum". Distinguem-se anglo-sexões porque possuem barriga e suas esposas porque não possuem seios, tomando-se como média. De vez em quando, surgem algumas cavidades não muito profundas. Meus amigos asseguram-me que foi aqui que habitaram os primeiros ocupantes da ilha. Disso não resta nenhum sinal. Penso que êsses primitivos, vestidos sem dúvida de peles de animais, aspiravam menos do que nós à completa nudez.

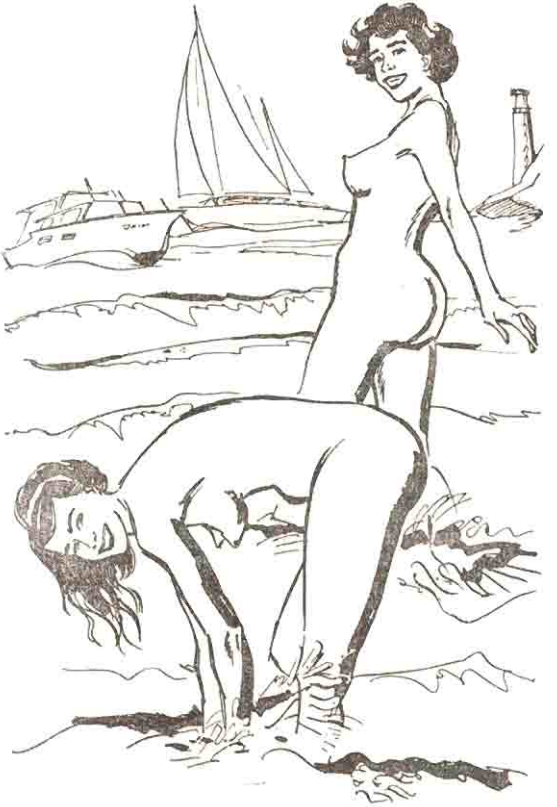
Muitos esquifes modernos e algumas canôas polinezianas. Pertencem a certos espertos que preferem ir a Rioufrède pela via marítima do que fazer a ascenção perigosa dos rochedos.

Êsses "yachtmen" oferecem gentilmente uma volta no mar às senhoras sem marido e às moças não acompanhadas, como os automobilistas propõem uma volta no Bois de Boulogne às transeuntes solitárias de Paris.

O Mistral sopra; o mar é frio, os nudistas não se retardam. Êles não vieram para tomar banhos de mar; mas sim um banho de sol. Sôbre êsse ponto de vista foram bem servidos. Os dias de Mistral, não existe uma nuvem no céu, e Phoebus brilha com todo o seu ardor. Estou vermelho como um lagostim.

Ponha seu "minimum" sôbre seus ombros, aconselha-me meu amigo. Obedeço. Nunca êsse "minimum" havia parecido merecer tão bem o seu nome. Meus ombros precisariam antes de um "maximum".

— Esfrego-me, o que faz sorrir minha vizinha. — Não é nada agora, diz ela, verá logo a noite. Eu tive quarenta de febre.



Esses "yachtmen" oferecem gentilmente uma volta ao mar.

Essa agradável perspectiva me decide. Passa do meio dia. — Vamos à boia?

Trepamos novamente, a ascenção é ainda mais penosa do que a descida, porém menos perigosa.

Chegados na plataforma, meus companheiros, mais treinados, preparam-se a ingressar na picada.

— Deixem-me admirar a paisagem, digo eu. Na verdade, procuro retomar meu fôlego. Não penso que tornarão a vêr-me em Rioufrède amanhã.

Na picada cruzamo-nos com colunas de nudistas. Não é possível cruzar-se sem esbarrar um no outro. Estou tão cansado que, mesmo quando a pessoa que vem a meu encontro é uma bonita moça, o contato de sua epiderme deixar-me totalmente insensível. Isto é, um modo de falar, pois transpiro em gotas. No restaurante comecei por tomar três batidas. Já estava melhor e nunca achei a sopa de peixes e o lobo assado tão bons, sem falar do vinho rosado.

Voltei ao meu hotel com as pernas cambaleantes. No terraço o meu amigo vegetariano saboreava um tomate.

"Bom apetite, senhor."

Com as venezianas fechadas, dormí como uma pedra até a noite.

ANNAM MARTINICA E SODOMA

Quando despertei, a camareira teve a gentileza de despejar um jarro d'água sôbre meu corpo. Não havia perigo de molhar o meu "minimum", pois êle tinha ficado no quarto...

Se houvesse pedido o mesmo serviço a camareira do hotel de Cannes, ela teria chamado a força policial; mas aqui, a encantadora criança tem visto muita cousa. Notadamente o belo negro que habita no quarto abaixo do meu.

Êsse martiniquense de puro sangue faz visìvelmente a admiração duma parisiense recem-chegada, ainda rosada e fresca como uma rosa, salvo duas alças de queimaduras de sol, em aureolas sôbre as homoplatas.

E' verdade que êle é belo e bem constituído.

— Não é isso, responde ela, mas, êle não precisa de calcinar-se para bronzear. Por vezes encontro uma Anamita que passeia com um menino branco. E, disseram-me, a paje dum casal que goza, no litoral as alegrias da civilização.

Julgam, sem dúvida, que a ilha é mais benéfica para seu filho.

A Anamita nunca veste um "minimum". Ela está engonçada numa blusa fechada e suas largas calças pretas escondem até mesmo os tornozelos.

Ela desvia pudicamente os olhos quando encontra um nudista.

— Ela deve formular uma triste opinião dos franceses, disse-me um dia o dono dum bar de Heliópolis. E' pena. Ela é bonita com seu olhar calmo e triste, e deve possuir um belo corpo de menina.

O olhar do "barmen" não é calmo, nem triste. Êle reluz como um diamante sob suas sobrancelhas côr de carvão. Gosta de conhecer a sua clientela feminina.

Uma delas, que se havia apoiado sôbre a mesa, e cujos seios eram um tanto desenvolvidos, êle desatou numa risada:

— Permita que eu enxugue a mesa, minha bela, senão você vai melar o seu peito.

A senhora, ofendida partiu sem nada tomar.

— Você não a verá novamente na sua casa, disse-lhe eu.

Êle deu de ombros: "Faz uns oito dias que ela está rondando. Ela me aborrece, imagina que vou topar com êsse bucho quando há aqui uma quantidade de belezas que só esperam que eu as convide.

O "barmen" não é nudista, salvo na intimidade, bem entendido. Êle alega que com as mulheres, é perder seu prestígio.

— Se me autorizassem abrir um pequeno estabelecimento sôbre a Costa (êle é do sul), com um pessoal vestido à moda daqui, como eu ganharia dinheiro.

O que não compreendo, continua, é que aqui estamos ainda na França, e a lei é para todos.

Porque então é permitido na Ilha do Levante, aquilo que se proíbe a quinze quilômetros, no Lavandou, por exemplo. Êles deveriam ter o direito de por-se em pêlo, no Lavandou e em qualquer outro lugar.

— Se todo mundo ficasse "em pêlo", meu bom amigo, ninguém daria a menor atenção. E seu Bar Nudista não teria mais nenhuma razão para lhe atrair freguezia.

Êle deu então uma grande risada.

O que o Sr. diz é verdadeiro. Uma outra batida? desta vez sou eu quem ofereço. Será preciso dizer tudo? Ha um estabelecimento muito "coquete" na ilha, mas que não goza de bôa reputação.

Dizem que é frequentado por senhores muito chics, muito distintos, porém possuidores dum gôsto todo especial. Êsses não são como o meu "barmen", êles não olham as mulheres. Ora, o "minimum" permite apreciar a beleza masculina com mais precisão do que a feminina. Não esqueçamos que a parte baixa das costas — é o que, segundo dizem os concorrentes do estabelecimento em questão — não esqueçamos que essa parte do indivíduo fica sempre, para ambos os sexos, inteiramente núa.

Êles estão informados; e o barbante mediano que sustem o "minimum" é muito fácil de suprimir entre colegas...

— Vá vêr, diz-me o "barmen", vale o desarranjo.

Muito obrigado. "Tryphème" muito seguro; porém Sodoma, não concorda.

ALGUNS INCONVENIENTES

Meus vizinhos no hotel, são um senhor idoso (da minha idade) e uma senhora um pouco mais moça, ambos são vegetarianos. Ao meio-dia êles almoçam na praia, tomates e cenouras crúas; à noite, jantam frutas, no nosso terraço. Ambos são magros como pregos. Certamente um pequeno potro não é muito bonitinho devido a sua magreza, porém um ser humano todo em ossos, ainda é menos apetitoso.

Prefiro u'a mulher mais cheia, assim do gênero Boucher, Rubens, a uma cabra velha, ressecada, com pernas de galo, ventre côncavo e busto de menino.

— Vive-se mais tempo comendo pouco, assegura-me a senhora.

— E não bebendo quasi, acrescenta o marido.

E' possível. Mas, se a gente não come e não bebe, se não se faz...

— Isso não impede de fazer o amor, dirão os vegetarianos.

— A saber: uma bôa refeição, um bom vinho, isso predispõe para as outras cousas; não acham? Em todo caso não serão os meus vizinhos que me inspirarão o amor.

Minhas noites, entre êsses "fakir-jejuadores", são duma calma desesperante.

Em todos os hoteis do mundo, há um vestiário. Aqui não. O que poder-se-ia depositar?

Há também o W. C. No meu andar está situado sôbre o terraço. Para atingí-lo é preciso subir uma escada. Como não existe eletricidade na ilha — o restaurante é iluminado com gás engarrafado, os particulares com velas — à noite, sobe-se as apalpadelas seguindo o muro.

E assim que, numa noite escura, encontrei uma pêso sob minha mão. Ela era dura e magra e pertencia ao meu vizinho da direita. Não tenho sorte. Nos terraços, após o jantar, pequenas estrelas brilham no veludo negro da noite. São os cigarros dos pensionistas. De tempos a tempos, um fósforo mostra-nos um rosto de pele-vermelha, ou um busto de terra-cota.

Às vezes, ouve-se um gritinho: é uma das fumantes cuja cinza quente veio acariciar o ventre desprovido do "minimum".

O cão do hotel, um pesado "griffon" é muito dado, adora esfregar-se contra os clientes. Sem mas intenções, bem entendido e só está alerta a noite. Ao escurecer costuma visitar seus amigos; como tôdas as portas ficam abertas, êle sobe sem cerimônia sôbre as camas, o que produz uma sensação bem esquisita.

Quanto ao do restaurante, é bem menos expansivo, abana a cauda sòmente para as pessoas vestidas. Mais um que não aprecia o nudismo.

Os cães, na ilha passeiam com liberdade, os pernilongos também. Êsses encantadores insetos não conseguiriam encontrar em nenhuma parte da França refeições tão fartamente servidas.

Haverá sempre um lugar que precisam contentar-se ou duma carne bem avermelhada porque a escolha são tantas que até os embaraça.

... E DE ALGUNS PRAZERES

Heliópolis foi fundada por um médico naturista sisudo e áustero. Quer dizer que o regime vegetariano vigora na ilha como via de regra.

A ilha conta com os vegetarianos mais severos do que os vegetarianos comuns, recusam a consumação de qualquer produto que provenha dum animal.

Êsses puritanos do estômago interditam o leite porque provém da vaca, assim como o creme e o queijo e a manteiga; os ovos porque provém das galinhas. Porém, o restaurante onde tomo minhas refeições é muito mais tolerante. O proprietário, natural de Toulon possue um sotáque rústico como Raimu, êle serve àqueles que o desejam, pernil e vitela a Marengo.

Seu estabelecimento é a séde da República Livre da Ilha do Levante, cujos decretos-leis estão afixados na sala de jantar. Êsses decretos exigem o manifesto, todos os cidadãos deverão conformar-se a êles, "caso não possam fazer de outra maneira". A água é recomendada como bebida; para as pessoas que bem entendido, não apreciem a batida (Pastis, nem o vinho).

Os legumes cozidos permanecem o prato nacional. Pode-se acomodá-los com carne ou peixe. E, finalmente: o nudismo é, "quasi obrigatório". Quando eu lhes dizia que estávamos, mais ou menos no domínio do rei Pausole.

E' domingo. O hotel situado mais alto na ilha realizará um baile.

As Evas das grutas e de Rioufrède vestiram castamente o seu "minimum". E' justo dizer-se que essa "toilete" de baile não é mais "decotada" do que o "vestido" de passeio. Um acordeonista toca as mesmas músicas do que em Saint-Germain-des-Prés. A barwomen está de blusa; porém quando ela dança, pois, nessa República democrática, somos todos camaradas — percebe-se que ela só tem em baixo da blusa o célebre "minimum'.

As evoluções coreográficas são curiosas observações. Dançam-se poucas valsas, o que não lamento; a valsa é sobretudo graciosa pelo esvoaçar das saias; e como aqui essa indumentária não existe. . .

Em compensação, as danças modernas fazem furor; e posso afirmar que em nenhuma parte do mundo elas são tão expressivas. Sabe-se que os pares maneam-se, trepidantes e saltitantes sem parar. Os peitos nús das senhoras estão aí na sua quinta. Elas executam essas "danças de seios" em honra no país dos Ouled-Nails porém ali elas estão veladas, e nos "night-clubs" (aí também o papel é desempenhado por profissionais.

Na nossa ilha, as moças mais respeitáveis mostram-nos seus encantos com a maior simplicidade sob o olhar benevolente de suas mamãs.

Se o peito já é generoso, seu balançar encanta os espectadores os mais frígidos. As nádegas que vibram não são menos eloqüentes.

Quanto ao tango, se é mais lento, mais doce, êle não é porisso menos exaltante.

Aparentemente, nesse traje de "soirée", os parceiros gozam noventa e cinco por cento das volúpias do abraço amoroso.

Os cinco por cento que restam, ficam para mais tarde; êsse "mais tarde" será o mais logo possível, se acredito certos cochichos significativos.

Vou fazer-lhes uma confissão. Eu disse, que, num clube nudista os corpos não incitam nenhum desejo sexual. Porém, não devemos tentar o diabo.

Se vocês dançarem com uma jovem que tem apenas, como vocês, alguns centímetros de pano sôbre a pele, é pouco provável — eu o espero pelo menos — que o roçar dos corpos e a pressão recíproca, deixem de produzir um certo desejo.

Além disso, o calor do alcool, aquêle, mais afrodisíaco ainda, do perfume natural dos corpos que nada separa das narinas, tudo isso acaba por enervar.

Isso é visível, apesar do "minimum" dos homens. A certos olhares languidos, aos olhos turvos das mulheres, compreendi que, por ser menos aparente, a satisfação que animava o sexo frágil não era menos profunda.

Lá pela uma hora da manhã, cada qual volta para sua casa. Os dançarinos, homens e mulheres cobrem dum sweater seu busto suado. O busto apenas...

Fazemos uma cavalgada bizarra. Os "san culote" de 1789 mereciam bem menos do que nós o seu nome.

— Que belo luar lança uma voz feminina.

— Sim, luar de "luas" penso eu...

Casais deixam a estrada para desaparecer entre o arvoredo. Porém esse "maquis" está repleto de bungalows e de cabanas.

Afinal das contas, êles talvez morem lá mesmo...

JORNAIS E CARTÕES POSTAIS

A vendedora de jornais instalou sua cabana bem em frente ao correio, no cume dum rochedo.

Trepa-se por uma escada, talhada no rochedo. Aí encontramos jornais de todos os países do mundo civilizado, notadamente numerosas gazetas alemãs e inglesas.

Existem muitos teutos e anglo-saxões na ilha; êles não estão todos em Cannes.

A jornaleira está severamente vestida da cabeça aos pés; seus clientes usam apenas o "minimum". A cabana é pequena e, a hora do correio sentimo-nos os cotovelos e... o resto. O estabelecimento vende também postais. Há um que é a reprodução dum calvário. O Nazareno está nú, apenas com uma tanga; de pé, ao lado da cruz, duas jovens o são igualmente, apenas com o "minimum" de rigor. Essas mulheres tem seios generosos e são muito bem conformadas, o que testemunha do senso artístico do Criador. A devoção dos turistas asseguram a essa fotografia autêntica um verdadeiro sucesso.

Comprei uma, eu a escrevia no restaurante, e ia colar o sêlo, quando um cliente suspendeu meu gesto.

— E' preferível pô-la sob envelope, disse êle. Já mandei bem uma dúzia, porém nunca chegaram ao seu destino.

O que tende a provar que os empregados do correio tem, também um senso artístico muito desenvolvido.

Não me foi permitido reproduzir aqui êsse cartão, entretanto edificante para êsse livro. As pessoas a quem interessar poderão conseguí-lo escrevendo ao Hotel do Pomo de Adão (Ilha do Levante). Isso para lhes ser útil e para mostrar-lhes que não estou contando mentiras.

NINFAS NA FONTE

Desço o caminho de Ayguade. Faz muito calor. Um cartaz e uma flexa indicam um albergue onde encontraremos bebidas geladas.

Sigo até iá. Como por acaso fica no cume dum rochedo. Aqui não há Pastis, porém leite e sucos de frutas. Essa frugalidade comove meu coração que, no fundo é puro. Ah. Não é nesse paraizo que aparecerá uma serpente. Como vai ser bom viver ao abrigo de tôdas as tentações.

Ergo o olhar, um cartaz anuncia que essa noite haverá baile... Talvez eu me tenha alegrado antecipadamente...

Continúo seguindo no fundo do vale. À minha esquerda, uma espécie de goteira faz o possível para drenar um fio de água para uns canteiros de legumes. Constato, mais uma vez, que a água, na ilha, é a maior preocupação dos insulares. Aquela do céu, que os parisienses chamam de chuva e

amaldiçoam, os Levantinos a recolhem preciosamente as cisternas. Um aguaceiro, para êles, é uma bênção. As nascentes são raras. Eis uma, onde foi instalada uma bomba e um tanque de cimento, senhoras, que provàvelmente não possuem banheiro nas suas casas, tomam aqui sua ducha quotidiana.

De longe, havia pensado que a moda, nessa parte da ilha era o "minimum" preto, porém, a picada chegando até a fonte, foi preciso constatar que na hora do chuveiro ao ar livre, o regulamento pedia rigor; as senhoras — morenas — estavam completamente despidas. "Honni soit qui mal y pense".

A preocupação da verdade continuando a guiar minha pena, devo acrescentar que, se a liberdade de vestuário a mais audaciosa reina em Heliópolis, ela não é acompanhada por equívocos.

Existem talvez, curiosos entre nós. Êles dissimulam então com muita inteligência sua curiosidade. A fonte das duchas não atrai um círculo de curiosos. Êles já são "blasés".

ACAMPAMENTOS E CAÇADORES

Fui visitar os acampamentos na parte da ilha que o guarda florestal reservou para sua instalação.

E' um belo recanto, eriçado de pinheiros e medronheiros, à beira duma enseada que chamam Les Grottes (As Grutas). O acesso é menos penoso do que o de Rioufrède; ha apenas uma passagem difícil que parece-se com os precipícios

das montanhas de neve: menos a neve, bem entendido.

Duzentas barracas, regularmente confortáveis; mais ou menos meio milheiro de turistas, cuja metade é composta de crianças. Não deve pensar que todos êsses turistas são pessoas sem posses para oferecer-se um hotel.

Não me foi possível medir sua fortuna ao bom corte do seu paletó ou de seus vestidos pela razão que êles também só vestem o "minimum". Porém muitos deles possuiam um material de campo luxuoso; com colchões isolantes, mesa, fogareiros, sem falar de instrumentos aperfeiçoados para caça submarina e câmeras para fotografia.

Tudo isso representa um capital bastante avultado; sem falar do automóvel que trouxeram êsses eremitas ocasionais e que os guarda numa garagem no Lavandou.

Há também aqueles que chegam para passar um ou dois meses tendo como bagagem apenas um saco tirolez nas costas. Êsses são os puros que se acomodariam fàcilmente de viver como náufragos numa ilha deserta. Não é o caso, ricos ou pobres, todos vão abastecer-se em Heliópolis. Uma hora de marcha, no início por uma picada onde penariam as cabras montezes; depois pelo delicioso caminho que vai do porto de Ayguade e que já descrevi quando de minha chegada na ilha.

Quando se volta com dois ou três quilos de batatas, carne, legumes, um saco de gelo e garrafas, o passeio torna-se uma prova de resistência.

No entanto, a essas alegrias do campo juntam-se outras distrações. Entre elas a caça submarina.

Não tendo nunca praticado tal esporte, deixo ao meu colega Chris-Gurmat, o prazer de contar:

"Não se deve pensar que a caça, a exploração, a fotografia submarinas exigem uma musculatura forte e uma louca temeridade; as mergulhadoras flexíveis que acompanham a seis ou oito metros de profundidade caçadores e exploradores passam-se duma como da outra qualidade. Após um treinamento conveniente, qualquer um pode mergulhar sob a superfície do mar; o melhor método para familiarizar-se com as três dimensões da profundidade da água, consiste em nadar e mergulhar sem escafandro autônomo, simplesmente com óculos que protegem os olhos e dão uma nítida visão do mundo submarino, primeira admiração do neófito.

Êsses exercícios favorecem o regulamento da respiração, a disciplina respiratória constituem uma fonte de prazeres numerosos.

"A caça em primeiro lugar, nêsse caso, aos óculos junta-se um aparelho respirador. Não é nada senão um leve tubo de metal ou de matéria plástica provido dum bocal. Seu comprimento é de cincoenta centímetros mais ou menos, seu papel é dar a possibilidade de respirar guardando a cabeça mergulhada sob a superfície da água, o que é indispensável para vigiar os fundos marítimos e surpreender as raras evoluções de caça prudente.

"O caçador possue em mergulho um raio de ação acondicionado a sua capacidade pulmonar; trinta a sessenta segundos são tempos respeitáveis. A média dos mergulhadores não passa de dez metros de profundidade; alguns dêles, excepcional-

mente dotados, arriscam-se até doze ou quinze metros. Esponjas muito finas, corais, madrepérolas fazem parte dos fundos perturbantes do Mediterrâneo nas imediações do Levante. As esponjas, enraizadas aos rochedos pouco ensolarados, envolvidas numa película enegrecida e nauseante, devem ser destacadas por meio duma faca. As mergulhadoras apaixonam-se por corais brancos, muito frágeis, cujas finas "aigrettes" desenham-se ao abrigo dos pendores e dos incrustamentos. Por outro lado, é quasi sempre sôbre os fundos de pedras e de algas varridas pelas correntezas submarinas que estão plantadas verticalmente as madrepérolas, espécies de mexilhões gigantes que atingem às vêzes até um metro de altura.

Hubert Cohas, naturista amfíbio de renome, fabricou uma espécie de laço submarino metálico, maneável da superfície, com o qual êle arranca madrepérolas reputadas inatingíveis, sòlidamente fixadas a quinze metros abaixo do nível do mar. Antes da guerra era suficiente mergulhar em lugares pouco freqüentados para ver logo um povo intrigado de peixes de tôdas as espécies que ofereciam-se às flexas projetadas por estilingues rudimentares. No fim duma meia hora voltava-se com cinco quilos de peixe. A guerra e as dificuldades de aprovisionamento que ela provocou incitaram numerosos amadores a praticar intensivamente essa caça para fins alimentares; o emprêgo do carbureto, da dinamite e das granadas durante as ocupações militares sucessivas provocaram verdadeiras hecatombes. Sem dúvida que a quantidade de peixes não é menos abundante atualmente, mas êles manobraram uma retirada, preocupa-

dos em não terminar sua vida prematuramente sôbre uma grelha ou um môlho de alho e óleo. Chegando-se a uma certa profundidade que não pode ser atingida pelos mergulhadores, encontram-se cardumes brincalhões pilotados por patriarcas prudentes.

Mesmo assim êles são menos curiosos e mais prontos a se afastar dos suspeitos. Como se sabe, o sangue frio nunca faltou aos peixes.

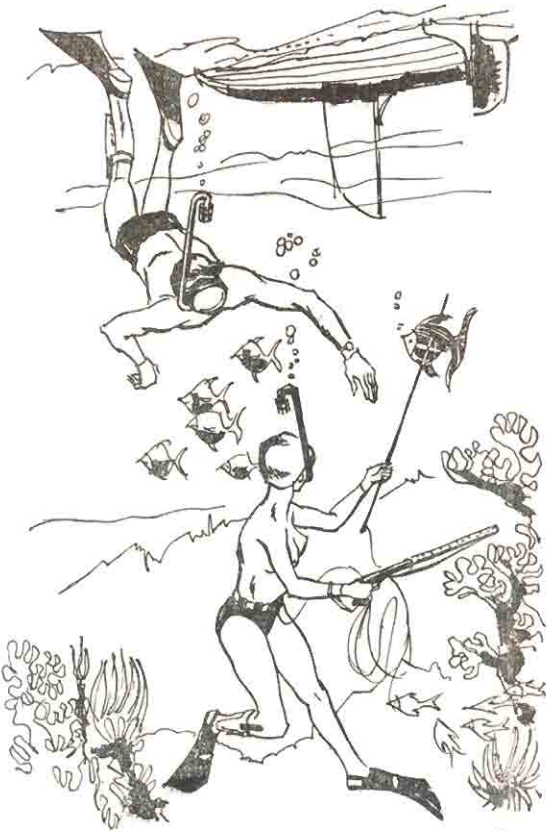
Também não são desprovidos de raciocínio, tanto o arco como o fuzil submarino possuem um alcance de dois a três metros no máximo. Os peixes mostram-se distantes: e sua distância é exatamente de dois a três metros.

"E' pois, preciso explorar os buracos, sondar as falhas dos rochedos, vigiar os fundos algosos para conseguir caçar algumas peças que compensem.

Sòmente o polvo ingênuo e a moreia guerreira e sedentaria deixar-se-ão aproximar-se fàcilmente. Um e outro acabam invariàvelmente sob a forma de frios com molho de salada e de "brandade".

Os belos "bonitos", os gordos "dentis", os "mérous" aparecem agora apenas nas descrições fabulosas. Aos domingos já devem ficar satisfeitos se puder pôr o polvo na panela.

"Victor Hugo levantou uma séria calúnia dizendo que os polvos nutriam-se de escafandros, de preferência pais de família. E' uma lenda que o oceano estrondoso ditava a imaginação febril do poeta. O polvo frívolo é um animal meigo e carinhoso. Êle se serve de duas ventosas apenas quando é brutalizado ou quando julga que está sendo maltratado. Os ociosos e os trabalhadores



E' pois, preciso explorar os buracos, sondar as falhas dos rochedos.

do mar sabem que, tratado com cortesia, êle fará prova duma gentil desenvoltura. Êle adora brincar de esconde-esconde. As bailarinas submarinas bem o sabem, pois encontram nêle um parceiro elegante e gracioso.

"Muitos amadores entregam-se também à fotografia submarina; é um espetáculo extraordinário aquele de bailarinas sem peso nem veus evoluindo nas três dimensões com uma facilidade extraordinária, na luminosa transparência do silêncio azul, no meio dos jardins submarinos, moças-flôres transformadas em moças-algas.

SEREIAS

Existem outras alegrias que, essas, eu pude ressentir. A praia das grutas, a única da ilha onde se encontre um banco de areia, é um cenário maravilhoso, incrustado entre dois rochedos a pique, tendo por tela de fundo, além do mar azulado, a verdejante ilha de Port-Gros, não existe no mundo mais sorrridente ambiente para tomar banho.

E, como em Rioufrède, aí toma-se o banho completamente nú. Os "minimums" ficam estendidos sôbre a areia; êles marcam o lugar onde os banhistas virão deitar-se após o banho. Sempre sem "minimum", é certo. Vi uma linda moça que, achando a areia confortável demais, se havia estendido sôbre uma rocha chata.

Uma mulher núa, de pé, informa sôbre a côr exata de seus cabelos; porém o lugar secreto no qual seu marido conquista seu prazer, o próprio

Argos não o descobria. Porém quando ela está estendida, com as pernas abertas, o caso é muito mais interessante.

Era o caso da senhora em questão, cujos membros inferiores faziam um ângulo que um matemático teria avaliado em 60 gráus.

E' um belo ângulo para uma olhadela. Os banhistas não perderam a ocasião. Certamente eram nudistas; mas, tirando o museu Dupuytren, semelhante espetáculo era-lhes raramente oferecido. Não demorou muito para que uma dúzia de pares de olhos viessem deleitar-se sôbre o corpo da mulher do rochedo.

Como o senhor que a acompanhava lhe fizesse reparar essa curiosidade, a senhora encolerizou-se e retrucou:

— Que? êsses imbecis não sabem que são as partes genitais que mais necessitam do sol?

E, "Danaé" impúdica e satisfeita, ela continuou a receber o ouro de Phoebus no mais profundo do seu indivíduo.

Pergunto-me si, naquela noite, perturbados pelo espetáculo atraente, alguns dos jovens que acampavam não foram rondar as barracas, esperando encontrar, não digo a mulher em questão, seria sorte demasiada, mas pelo menos a alma irmã inclinada a repartir, na cumplicidade das trevas, sua emoção de primitivo.

Um amigo, fiel frequentador da ilha, e da caça submarina, mas que não desdenha, a ocasião apresentando-se pescar outras presas, disse-me:

— "Certamente, a gente encontra ocasiões, porém elas não são duráveis.

No dia seguinte, elas já esqueceram o que fizeram na véspera. E prosseguiu com ar desabusado:

— Com as sereias, tudo acaba sempre em rabo de peixe.

MUNDANISMOS

O magazine "Enquetes", dirigido por meu confrade e amigo Vital de Valence, mandou aqui seus melhores reporteres, enquanto que "Le Figaro" preferia mandá-los em Cannes. Eis, segundo um dêles, as personalidade que encontraram na Ilha dos Nudistas.

"Era preciso ver a cara de Errol Flynn, no dia ou, antes na noite em que desembarcou no Levante. Seu yacht, o "Zooca", provido de uma equipagem de negros da Jamaica, havia lançado âncora em frente às Grutas. O dia todo, canadenses, barcos, "dinghies" haviam evoluído em redor do navio. A Polinésia do Levante acolhia o homem das Caraíbas, os bustos saudavam o flibusteiro, era mais bem sucedido do que um tecnicolor.

A noite, uma reunião no terraço de Bouchat estendia seus fastos para recebê-lo. Errol Flynn chegou por uma porta disfarçada, êle abriu os olhos do tamanho dos discos voadores. O habituado de Miami e de Honolulu caía das nuvens sôbre os nús aos quais Hollywood não o acostumara. Êle declarou que era verdadeiramente uma das mais belas emoções de sua vida. No dia seguinte, comprou um stock de "minimums", óculos

submarinos, um respirador e o levamos conosco numa partida de pesca.

Êle estava maravilhado, convertido a tudo o que queriamos fazer, já falava de mandar buscar escafandros, de instalar-se. Sua grande canôa de motor estava carregada a ponto de afundar duma multidão de "irmãos" que não conhecia na véspera.

Êle participou no salvamente dum pequeno veleiro que o vento havia maltratado e lançado contra os rochedos do sul de Port-Gros. A população nomeou-o Levantino de honra sob o nome de Flynn-Flynn.

Um grande número de intelectuais e de artistas estabeleceram suas residências de verão no Levante. Charles Vanel, Michel Vitold (campeão de pelota e de volley-ball, vencedor carnívoro da corrida anual), Christiane Lénier, Max Rénier, René Belloc, do teatro nacional popular.

Nas grutas estão representados o Conservatório, os Ballets de Paris, o Cinema. Admirável dançarina submarina, Rita é aplaudida em Paris, no Crazy Horse, sob o nome de Rita Meefern. Gisèle dança no casino de Paris (Gyspa). Ela representou com Robert Marcot, France Titan, Robert Lauzanne, Raymond Adout, num filme "supernaturista" inteiramente realizado na ilha: "Filhas de Eva".

Filha do presidente da Associação dos Amigos da Ilha do Levante, Flore Rousseau é uma dançarina clássica que já obteve grandes sucessos e cujo "début" foi muito aplaudido e notado pela crítica.

Contam-se ainda músicos, jornalistas, cineastas: Jean e Robert Colomb, Louis Félix, Sergio de Sazo; pintores como Pierre Catzeflis, notado

impressionista levantino; Thierry, escultor de moldes animais e ceramista; Monique Watteau, desenhista e pintora. Na "Marie-Jeanne" M. Bascle encontra-se um forte contingente de intelectuais patenteados.

Uns e outros vem procurar, sob o anonimato do "minimum", sua conta de dias felizes, de repouso integral, de luz solar. Pode-se amar os paralepípedos da margem esquerda do Sena e, apesar disso, ser possuído do desejo irresistível de fugir para as ilhas logo que aparecem os dias ensolarados do verão.

Durante minha estada, não me foi dado o ensejo de conhecer essas celebridades. Em compensação, tive o ensejo de freqüentar bem de perto um senhor sem "minimum", muito distinto que já encontrára um dia no Sparta Clube.

O nome dêsse personagem importante figura repetidamente na crônica mundana em companhia de académicos, de generais e até mesmo de prelados.

Fez-me a mesma recomendação que fizera no Sparta-Club:

— Sobretudo, peço-lhe que não conte que fui visto aqui.

E ofereceu-me um almoço, porque, jornalista "comprado", calo covardemente o seu nome.

E' pena, as senhoras em casa das quais êle é convidado, em Paris, ficariam talvez satisfeitas em saber que o "smoking" de seu conviva, elegante, considerável porém sexagenário, resguarda uma musculatura vigorosa, ainda apetitosa.

Tal era, penso eu, a opinião da jovem pessôa que o acompanhava, e que poderia ter sido sua neta.

COMO O ESPÍRITO NUDISTA TOMA CONTA DAS MOÇAS

Travei conhecimento com duas senhoras, que havia encontrado na loja da vendedora de "minimums".

Foi num bosque de pinheiros onde eu entrára para procurar apenas sombra; aí encontrei a mãe, estendida sob uma árvore; a filha estava numa clareira, tomando sol.

— Belo dia, senhor, disse-me a primeira, e aquí no vale, não se sente o Mistral.

— Dá licença? fiz eu tomando o assento.

Êsse assento era uma pedra quasi plana e pretejada. Contràriamente ao regulamento que proíbe fazer fogo nos bosques, essa pedra deve ter servido para confeccionar uma lareira.

— Esteja à vontade, respondeu a senhora, que, com certeza estava se aborrecendo.

Foi assim que iniciou-se nossa conversa com o canto das cigarras como fundo sonoro. Essas senhoras eram de Lyon.

— "Conhece Lyon, senhor?

— "Já estive lá mais de vinte vêzes em reportagens, respondí.

A senhora suspirou:

— Porém o senhor nunca morou. Estou persuadida, que meu marido que tinha os bronquios

delicados, teria vivido muito mais tempo se habitássemos o Sul.

— "Quando minha filha completou treze anos, eu já era viuva (novo suspiro, mais profundo, o que animou seus seios dum movimento que a nudez torna mais eloqüente), sua saúde causou-me séria inquietude.

— Ninguém diria, disse eu, lançando um olhar na direção da admirável criatura que executava com suas pernas um gracioso movimento de bicicleta sob as caricias de Phoebus.

— Não acha? fez orgulhosamente a mãe, contemplando por sua vez o espetáculo. No entanto era assim, se o senhor tivesse visto nessa época. Magra, os braços e as pernas como cabos de vassouras, uns seios atrofiados...

— A idade ingrata, Madame.

A senhora teve um pequeno escárneo:

— "Diz-se isso, e essa ingratidão perdura as vêzes por toda a vida. Consultei nosso médico, que ordenou fortificantes, nenhum resultado.

Estava desolada. Enfim, após ter visto três outros médicos, desesperada, conduzi Gisèle em casa dum velho maníaco, que era médico também, mas que pouco praticava.

— Isso lhe permitia, observei, de consagrar mais tempo a seus pacientes.

A senhora pôs-se a rir, a onda de seus seios tornou-se um mar agitado.

— "Não era culpa dêle, porém em Lyon consideravam-no como um maníaco, porque dizia-se que êle era nudista. Quando digo maníaco, é para ser amável, na verdade passava por um vicioso. Fôra visto no seu jardim, completamente nú.

E' preciso dizer que êle morava no arrabalde porém existem olhos em toda parte. Circunstância particularmente agravante, prosseguiu, êle estava deitado ao lado de sua cozinheira, uma bela moça que lhe servia também de criada, de enfermeira — e de outra cousa também, penso eu, continuou ela baixando pùdicamente as pálpebras.

— Nêsse caso, fiz eu, a visão recíproca de suas anatomias nada tinha de novo a ensinar-lhes.

— A minha observação, a mãe pôs-se a rir tão forte que Gisêlle parou seus movimentos.

— Bem, gritou a encantadora criança, parece que não há tédio no seu canto.

— "Estou contando a esse senhor como tornamo-nos nudistas.

Um assobio sobe da clareira onde não percebo nenhum melro; e, a bicicleta humana pôe-se novamente a pedalar.

— Oh — prossegue a mãe, o doutor e sua ajudante não faziam nada de mal, porém estavam nús e, em Lyon, isto é pior do que tudo.

Resumindo, o velho louco aconselhou-me ir para Hyères e de fazer viver minha filha o mais despidamente possível ao sol; completamente núa quando fôsse possível.

Partimos para Hyères; era no mês de Março, ainda me lembro. Voltamos no fim de Outubro e, já, Gisêlle estava transformada. Ela dormia calmamente, em Lyon tinha contínuos pesadelos, ela comia com melhor apetite, havia se desenvolvido, como dizem.

Na primavera seguinte, ela já havia perdido os resultados bemfazejos da sua estada. Voltamos para Hyères e o milagre cumpriu-se novamente.

Possuíamos um pequeno jardim rodeado por outros. Para que Gisèlle possa ficar núa, eu suspendia tapetes e lençóis em seu redor. Nêsse ano, falaram-me da Ilha do Levante; disseram que lá, a nudez completa era tolerada, que ela não chocaria ninguém. Eis porque estamos aquí.

Minha poltrona de pedra era por demais inconfortável, extendí-me a meu turno sôbre as agulhas de pinho.

— Compreendo muito bem, e posso afirmar-lhe que não é sòmente em Lyon que os nudistas passam por loucos e viciosos.

Em Paris, temos a mesma reputação; mas, concluí, se adotasse nossa bemfazeja doutrina para sua filha fizesse muito bem e eu lhe felicito, isso não me explica porque pareceria mais saudável...

A senhora interrompeu-me, aproximou-se, virou-se para mim — seu rosto não estava senão a alguns centímetros do meu — e falou entoando em voz baixa:

— Gisèlle dizia-me que se sentia tão bem, completamente núa, que experimentei.

Quando estava só no início, mesmo minha filha não estava presente quando eu me despia completamente. Porém, uma manhã, era cedo ainda, quando eu pensava que ela estava dormindo, surpreendeu-me no box do jardim.

Ela ficou menos envergonhada do que eu, essa garota, mas o mal estava feito. Um mal que eu achava bem agradável, continuamos juntas.

— Na Ilha, disse eu, logo de chegada, encontrei pessoas com os quais tinha menos intimidade do que com Mademoiselle Gisèlle.

A senhora deu nova risada, (ela deve ser particularmente alegre, essa lyonesa), seus seios um tanto opulentos dão ligeiros pulos; por pouco, êles chegariam até meu thorax.

— Justamente, disse ela, quando vi tantos desconhecidos desnudos, não tive mais a menor vergonha.

Gisèlle deve ter gesticulado suficientemente, ela vem sentar-se junto de nós. Seu corpo está em suor; um novo aroma vem juntar-se àquele, inebriante do pinheiral.

— Conto a meu turno, como tornei-me nudista na Alemanha, o que parece divertir bastante as duas senhoras.

Eis-nos amigos, levo-as num boteco de Heliópolis. Vinte minutos de marcha, sob o sol; porém em "minimum", e com o Mistral, isso nada tem de desagradável.

Gisèlle saltita ao nosso redor como uma cadelinha.

— Oh! — grita ela dando risada, tem as nádegas completamente negras.

E a pedra onde pousei.

Gisèlle esfrega o trazeiro com um vigor que testemunha da saúde recuperada. E bem a primeira vez que uma jovem livra-se dêsse exercício sôbre minha pessôa em presença de sua mãe.

O boteco é uma palhoça. Três gajos do país com calças arregaçadas e "pullower" de marinheiro, saboreiam o vinho rosado do país, parecem muito interessados pelos encantos de Gisèlle.

Pergunto-me às vêzes, diz ela, porque nos obrigam a ficar com um "minimum", pois que, nas praias podemos tirá-lo. Aliás, mesmo na cidade,

quando uma senhora sobe a escada da padaria, se um senhor está atrás dela, êle fica sabendo tudo o que ela possue. O "minimum" nas mulheres não é colante.

E acrescenta, com sua risada que parece com um gargarejo de rola:

— E, para os homens, é colante demais.

Os rapazes erguem a cabeça, pagam e partem. Gisèlle abandona a sua mãe, para ir, diz ela, comprar a refeição da noite. Na realidade, creio que essa bela moça, não detesta passeiar em Heliópolis e fazer comparar seus encantos aqueles das outras insulares.

Ela estará logo em condições de casar, digo a sua mãe.

— Não me fale disso, felizmente que o senhor não o disse deante dela. Houve um drama em Lyon. Um rapaz, de excelente família, e que já possuia bela situação, apaixonou-se por Gisèlle, êle não lhe desagradava tão pouco, infelizmente. (Só devia compreender êsse advérbio com o fim da história).

— Bem, tudo ia para o melhor, quando a família do jovem descobriu que minha filha era nudista, mesmo o rapaz ficou horrorizado. E o noivado foi rompido...

O cúmulo, prossegue, é que Gisèlle confessou-me chorando, que êsse tratante, no curso de passeios que eu ignorava, naturalmente, havia abusado de certas familiaridades, que não preciso descrever-lhe, como êles iam casar, a pobre pequena não vira mal nisso.

(Cá entre nós, pergunto se ela não encontrava nisso certo prazer).

— Oh! nada de bem grave, conclúe a mamãi, após ter tomado outro copo de rosé. Gisèlle é virgem, eu juraria (eu não); mas enfim em Lyon será difícil encontrar um partido).

— Case-a com um nudista, retruquei.

Ela cai na gargalhada, decididamente é muito alegre. Encomendo outra garrafa de rosé.

— "Que calor! diz a senhora, estirando-se folgadamente.

Ela ergueu os braços; não se deve usar depilatórios em Lyon. Suas axilas são atapetadas dum musgo dourado onde há gotas de orvalho odorantes.

Sôbre a mesa, nossos ante-braços tocam-se por vêzes. Essa quadragenária possue belos quadris, lamentará ela que não tenham mais serventia?

Mistério que o suspeitoso dono do boteco impede-me de esclarecer no momento. Entretanto, nossas coxas coladas sôbre o banco de madeira, trocam confidências mudas. Eis Gisèlle que volta, as coxas da mãe afastam-se das minhas...

Partimos. Subimos em direção de nossos respectivos hotéis. Os braços carregados de gêneros, duas laranjas entre os seios — o que faz quatro protuberâncias do mesmo calibre, Gisèlle assobia, a mamãi segue com um passo languido, e muda.

— Eis minha moradia, disse eu.

— Parece muito simpática, diz a moça.

— Muito, retruco, do terraço avista-se um panorama maravilhos, se desejaram admirar...

Descemos a escada em fila indiana; pois só tem setenta e cinco centímetros de largura.

O terraço com seus muros atapetados de primaveras, o triângulo de mar azulado, rosado pelo

sol poente, teve um grande sucesso, a porta de meu quarto estava aberta.

— A cama é estreita, constata a mamãi.

— Um pouco justa para duas pessoas, retruco.

— Isso depende da atitude que tomariam, lança Gisèlle com seu riso jovem.

Alongamo-nos sôbre espreguiçadeiras no terraço.

— Podem retirar seus "minimum" minhas senhoras.

— Tem certeza?

— Inteira, retruco eu, e retiro o meu para que as senhoras sigam meu exemplo.

Banho de sol poente, as carnes morenas tornam-se dum bronzeado claro.

Nunca achei o ponto de vista de meu terraço tão encantador.

Partindo, Gisèlle beijou-me fraternalmente, achei conveniente devolver a gentileza a sua mãe, creio ter sentido — às vêzes forjam-se ilusões — que, pela graça do vinho rosado que a mãe pareceu apreciar, o beijo dessa última foi menos fraternal.

— Deve ficar muito tempo aqui? perguntou-me ela.

— Parto sábado próximo.

— Se o senhor fôr a Lyon, eis nosso enderêço.

Copio o enderêço, Lyon deve ser menos monotono em casa dessas amáveis senhoras.

Elas já conhecem minha queda para o nudismo — nem que seja dentro dum quarto...

CARNET DUM SEDENTARIO

Após êsse dia um tanto fatigante, espreguiço-me nú, sôbre meu leito, janela estava aberta do lado do terraço. Não me arrisco a nenhum olhar indiscreto de meus vizinhos ou vizinhas, êles estão suficientemente informados sôbre as diversas partes do meu indivíduo.

Leio um magazine dedicado à Ilha do Levante, os "carnets" dum amador de caça submarina, Sr. Jean-Albert Foêx, que passou um ano inteiro na Ilha do Levante. E' um documento único, pois a ilha não é senão habitada por duas ou três dúzias de Autoctones que tem outra coisa a fazer do que dedicarem à literatura, e só possue turistas durante os meses de verão.

Jean-Albert Foex teve essa coragem, eis suas impressões:

OUTUBRO

No vale de Ayguade não se sente mais o Mistral; porém êle bate com violência no pôrto; os barcos estão recolhidos em terra. O Poliphème, quebra-mar de ferrugem começa a ressentir-se dos assaltos do mar.

Nas Grutas, o acampamento está levantado; não restam senão velhas latas de conservas vazias, e papéis gordurosos.

O vento e a chuva incumbir-se-ão de limpar, uma gaivota devora uma metade de melão que ficou sôbre a praia.

...O sol voltou, quente como no mês de Agosto. Transpiro abundantemente cortando seixos de urzes e os galhos de pinho que trouxe de Maupertuis. Fiz o inventário de minhas riquezas, arroz, farinha, azeite e sal, velas, petróleo (aqui não existe eletricidade, é preciso iluminar-se com gás engarrafado ou, como eu com uma bôa lâmpada de petróleo). Possuo ainda bastante víveres, um fuzil de caça, um fuzil — marítimo, apetrechos para a pesca, uma combinação de borracha para a caça submarina e mágua fria. Durante o dia ainda faz calor e vou pescar de "minimum", à noite, logo que o sol se põe, cozinho meus alimentos sôbre um fogão cujo calor não é superfluo.

...Ainda não é a solidão, a casa está cheia, primeiramente recolhí um cão ensebado, após lavado ficou apresentável. Vive em paz com Virgilio, um gato famélico mas duma grande dignidade que embarquei também na minha Arca.

Enfim, Christiane e duas de suas amigas escreveram-me que viriam passar duas semanas comigo no próximo mês.

NOVEMBRO

Estava cançado da sopa de peixe, os pássaros são agora em grande número, no curso de sua migração que os orienta para climas menos rudes,

êles vêm pousar na ilha. O "maquis" está repleto dêles. Bebert e Drossos, cozinheiros exímios, ensinaram-me a fazer dêles espetos. E' delicioso. Kira e Ellen preferem o fuzil às armadilhas e vão correr o 'maquis" de madrugada. Christiane acompanha-me na caça submarina; o peixe é muito mais abundante do que no verão. Meu "Douglas" com tridente faz ótimo trabalho; porém não posso demorar nágua mais de vinte minutos, ela está muito fria. Enquanto mergulho, Christiane prepara o fogo diante do qual aquecer-me-ei ao sair dágua. Vivemos verdadeiramente do produto de nossa pesca e de nossa caça. A Champanha pelo menos, temos toda manhã e o mesmo "breakfast" do que Winston Churchill; meia perdiz fria. Kira trouxe-me pilhas para meu rádio. Chove. Enquanto as cisternas reabastecem dançamos. Ellen possue um busto imponente e insensível, ela bebe o Pastispuro, mas é o odor do fogo de pinhas que a inebria.

NATAL

Desta vez, o inverno escondeu o sol. Com meu cão e meu gato, quasi não saímos de casa, vendí alguns artigos, se fôsse preciso viver do produto de minha máquina de escrever, não teria vida por longo tempo. Espero o correio com uma esperança que termina sempre em decepção. A Ilha está dormindo seu sono de inverno como o bicho preguiça. As crianças vão à escola, os pescadores jogam baralho. O "maquis" que conheci duro, ressecado, ardente, tornou-se tenro e verdejante. Nenhum ruído chega aos nossos ouvidos,

salvo às vêzes, a noite, o farfalhar das árvores maltratadas pelo vento ou o gotejar da chuva. Lí "Os navegadores solitários" de Jean Merrien, reli a odisséia do Kon-Tiki os valores humanos dêsses livros tem mais peso do que a obra completa de Jean Paul Sartre e de François Mauriac.

...Para encher as horas as noites são particularmente longas, às quatro e meia, o mais tardar acendo a lâmpada de petróleo, comecei a redigir essas notas. Exame de consciência: procuro verdadeiramente não sair da disciplina que fixei e meu "tete à tete" com a natureza não é mais perturbado.

Meu rádio está quebrado, não tenho mais nada para lêr, tirei partido de todos os recursos da Ilha no inverno: pássaros, peixes, mariscos, medronho, crú ou em geleia, cogumelos.

Balanço provisório de minha experiência: é bom viver nú ou em slip (é mais cômodo para caçar e pescar) não barbear-se, comer pão amanhecido, cebolas, lobo grelhado, tomar água da fonte e renunciar a leitura dos jornais, ao cinema; porém isso faz sonhar com criaturas muito civilizadas envolvidas em sêdas, vestidas com roupas de baixo de setim preto de manhã à noite; isso dá a nostalgia dos excessos de mesa, das orgias intelectuais, do teatro de vanguarda, das ciências ocultas e das estações repletas de locomotivas luzente e pessoas apressadas. O gosto pelas ilhas e o gosto pelas cidades, da espuma virgem dos verões, e dos asfaltos luzente dos invernos, do bikini o mais estreito ao decote mais vertiginoso, da pele sôbre as águas e das saias colantes, tudo isso solicita as disposições do meu espírito que procura

equilibrar meus desejos entre os cochichos do Mistral errante no vale da tentação de estar num mundo distante. Esta noite, por pouco, escreveria ao Jornal sôbre o assunto: "a nostalgia do campo".

Porém seria preciso que um pouco de álcool me ajudasse, e só possuo água da cisterna.

FEVEREIRO

Alexis Carrel recomendava ao homem a alternativa do ascetismo e dos excessos para conservar sua elasticidade biológica. Obedecí, na procura duma forma de felicidade individual, desejo preservar também a elasticidade da alma, sêde de tôdas as emoções, para cultivar e aproveitá-las melhor.

Se o mel da minha felicidade reclama o suco de tôdas as flôres, sinto que necessito de flôres mais vivas do que aquelas que em breve cobrirão a ilha.

A extraordinária ligeireza do ar, a passagem de sopros mornos vindos do Sul anunciam a primavera; é bem êsse nome banal que designa o fenômeno que faz correr mais depressa meu sangue nas veias. Equipado de meu escafandro de borracha, fiz uma caçada copiosa no Grande Cabo. Tudo parece novo, limpo, puro, nas barcaças. Sôbre a Côte d'Azur, o mar está domesticado, freqüentemente poluído por oleos solares e das cascas de laranjas. Em volta da ilha, torna-se lutador que se lança e rasga-se sôbre os rochedos, indomável e maravilhosamente selvagem. Começo a receber um correio abundante.

Nêsse banheiro de mica já há uma ocupante.

Moralidade: todos aqueles que passaram o inverno em Paris ou nas cidades de província expõem a necessidade que ressentem de encontrar-se novamente sôbre a ilha, formam projetos para vir o mais depressa possível; o apêlo do Sul eriçalhes o pêlo e pega-os pelo pescoço. Começo a tomar consciência de minha experiência de hibernação.

16 DE MARÇO (DIA FASTO)

Estava livrando-me da preguiça, esperando que os vícios que são seus filhos forneçam-me um divertimento, quando bateram à minha porta.

Abrí, era uma jovem pouco bela, porém simpática, apertada numa combinação, (de botões mecânicos, infelizmente), de côr preta e provida duma infinidade de zips.

— Disseram-me no porto que o senhor poderia concertar o motor dum barquinho?

— Em princípio é possível, onde está êle?

— Em Port-Gros, numa pequena enseada, depois da Galéra...

— E e senhora veio como?

— Atravessei num "kaiak" de dois lugares, posso conduzí-lo.

— Bravo. Essa pequena mecânica de olhos azuiz não falta coragem, pois se o tempo é belo, o mar está revolto e bravio. Os três quilômetros que separam a Ayguade da enseada em questão devem ser difíceis para atravessar, principalmente para uma mulher só. Embarcamos, nadando um e outro com o remo simples, será preciso uma hora para alcançar o porto.

Por razões obscuras a estada em Port-Gros é interdita a pessoas que não possuem quatro mil francos para gastar por dia. São particularmente interditados os acampamentos. Ainda é preciso determinar a interdição aos furadores de bloqueio. Quando o Mistral sopra a cincoenta quilômetros por hora, faz elevar a violência das ondas e abre sob o barco vazios de dois metros de profundidade, as interdições aplicam-se apenas àqueles que não sabem nadar. Puxamos o "kaiak" para terra, o barquinho está num ancoradouro muito estreito, se o vento mudar de rumo isso ficaria feio.

Foi preciso trabalhar três horas sôbre êsse moinho de barco mal conservado. Aconselho aos meus navegadores amadores não demorar-se nêsse canto, devem abrigar-se na baía de Port-Man onde seu barco estará seguro, senão que tomem o rumo do Lavandou, e deixar-me-ão ao passar em Ayguade.

Essa solução é adotada, isso permite-me vêr como se comporta o motor.

Benefício imprevisto, quando voltam para a costa e que recusei pagamento pelos serviços prestados, dão-me um saco de provisões e cigarros, deve retornar e fazer acampamento na Páscoa.

ABRIL

O primeiro campo naturista da primavera fez desabrochar seus triângulos branco e ouro no Titan, no pinheiral que desce para o ancoradouro de Amiante.

Em Heliópolis, no castelo de Pourtalès, perto da represa, há uma explosão de côres: mimosas, flôres de louro, primaveras, palmeiras, eucaliptos,

ciprestes, pinhas, yuceas, cactus, figueiras, oliveiras, todos em trajes de primavera, verde e cinza-prata, girânios e margaridas desabrocham em moitas.

Mesmo as picadas parecem cobertas dum tapete de relva verde e tenra.

No farol, cujos picos gelados inclinam-se sôbre o mar, tem-se a impressão de estar diante duma cidadela de primavera, embandeirada de flôres.

Chegando de barco ao campo do pinheiral estamos cobertos de sal e de suor.

Françoise que nos acolhe, manda-nos tomar uma ducha dágua doce num recôncavo onde corre ainda um pouco dágua das chuvas.

Nêsse banheiro de mica, já há uma ocupante, nûa e desenvolta, braços abertos ela oferece seus seios à água que corre dum velho balde de pano prêso num galho de árvore. Saúda-nos com um doce sorriso, enquanto cruza suas pernas para atar os cordões de suas sandálias, podemos detalhar as formas de seu corpo alvo como a neve, calçada, ela enfia seu slip com um movimento de rins e de coxas cândido e diabólico...

Durante á tarde, fizemos o bloqueio duma longa falha submarina onde os lobos vêm por vêzes brincar na superfície da água. Resultados positivos: um soberbo lobo de mais de dois quilos, na volta atirei num peixe.

Durante êsse tempo, as moças procuravam esponjas e madrepérolas do lado do promontorio de La Reste. Ignora-se, freqüentemente que não é necessário ir até o Mar Vermelho para encontrá-los, é suficiente mergulhar de seis a sete metros

de profundidade sôbre os fundos rochosos e claro que rodeiam o Levante.

A noite chegou, jantamos no terraço do semáforo que domina a titanesca enseada do farol ao qual respondem já na imensidão da noite os clarões dos faróis de Porqueroles e do cabo Bénat.

O amanhecer é extraordinário, quando deixa o mando da escuridão.

A claridade da lâmpada de acetileno envolve nas formas claras a despedida das trevas. Ela tem um curto slip preto que faz contraste com a alvura de seus longos clarões e de seu busto.

Parece uma "poularde demi-deuil".

Chama-se Erika. — E' todo um programa ...esforçava-se para explicar-me, Raymond quando abandonávamos o semáforo para regressarmos às nossas barracas.

Nêsse caso, programa que eu não havia cumprido, sim, passei a noite com Erika, instalamo-nos confortàvelmente nos nossos sacos de acampamento, ao ar livre, sob um pinheiro que pendia sôbre o mar.

Erika estava muito interessada por minha experiência de retiro solitário.

— Conte-me como passou o inverno.

Expliquei-lhe tudo. Estávamos alí, na extremidade deserta da ilha, singularmente unidos e confundidos na pureza extraordinária da noite, fóra do mundo e do tempo, sob um céu palpitante de estrêlas. Erika ouviu-me, depois falou-me do culto que tinha pelo seu corpo, da confiança que tinha em seus instintos, e sua sensualidade.

Degêlo completo. Percorrendo o trajeto Ayguade-Penitencier, contei quatro caminhões e um jeep; essa atividade febril marca a "reprise"; a ilha voltou a pertencer aos naturistas. Tudo está pronto, êles são esperados.

Faço a observação que, no inverno, o Levante não é uma ilha; sua superfície é grande demais, com suas dúzias de quilômetros quadrados, para que se possa sempre constatar, de qualquer lugar, que ela é um espaço rodeado da água.

Eu, por exemplo, no vale, podia imaginar viver na Haute-Provence, do lado de Manosque, de Vence ou de Tourette-sur-Loup.

No verão não. A Ilha encolhe. As idas e vindas das pessoas entre ela e a costa dissipam qualquer confusão.

Outra cousa: no inverno todos aqueles que vivem aqui usam casacos de malha, calças, botas de borracha. No verão êles põem em uso o "short". Ainda que, no mais forte do verão, o pescador, o marinheiro sejam fiéis à calça levantada sôbre a perna, estilo Dior ou Givenchy, e a camisa, pelo menos de meia...

São os turistas ou sejam — "Os estrangeiros" — quem importam o nú.

Após meus nove meses de estada ininterrupta, vendo desta vez as cousas do interior, fiquei surpreso pela aparição dêsses bípedes esbranquiçados, descorados, dêsses rostos pálidos: os naturistas.

Sua justificação parece-me fictícia, ou fantasiada. Conversei com os da primeira leva, vagamente interessados por minha experiência.

— Concordo, o senhor deve ter passado dias nada alegres. Evidentemente, no inverno, não havia grande coisa para se comer, mas, apesar de tudo, o verão apenas começa, veja como o senhor está bronzeado.

"O phalus nêsse século torna-se doutrinário" escreve Henri Michaux. Certamente, uma literatura volumosa empilha-se para servir ao nudismo como pedestal ou como baluarte. Ela é medíocre. Do nú para o nú, entra uma parte de exibicionismo; por necessidade de fazer esquecer, por preocupações de justificação, confeccionam-se doutrinas. Elas são inúteis. O nudismo deve ser encorporado, para ter valor que possa ser defendido, numa concepção gimnosófica da vida que faça parte do espírito, das preocupações sociais do homem moderno.

Ou bem o naturismo tão decantado será apenas uma receita para bronzear. Pensando bem, já não é tão mal.

JULHO

Em Heliópolis, "A Brisa Marinha" (hotel) é um recanto encantador, cuja atmosfera pode comparar-se a Saint-Germain-des-Prés.

Visitantes da costa, os nudistas suscetíveis categorizam-se sob a rúbrica de "viajantes" — convidaram-me para tomar um trago tomando-me por qualquer jovem lobo do mar queimado e circunspecto (estava bastante andrajoso com uma calça que se mantinha por um barbante). Diverti-me em deixá-los no êrro o maior tempo possível, desde que uma americana loira, que fazia parte do bando e era bela como uma capa de "Movieland", parecia deixar-me a vontade, esforços apoiados e perfu-

mados; aqueles que ela dirigia contra meu joelho, por exemplo, dirigiam-se ao coração. Finalmente passei a confissão. Viva curiosidade, murmúrios espantados, havia no ar, de repente, experiência humana, testemunha palpitantemente, êsse trecho vivido.

O joelho redondo e polido agitava-se para fazer-me compreender com insistência a atenção que se prestava à minha aventura insular. O intelectual, de calças usadas pelo trabalho, comove sempre a mulher da sociedade.

Finalmente aceitei o convite para jantar. A champanha se impunha; necessitava dela, não deixei de ser o cronista.

— Um casamento nudista? aqui? Prodigioso. Conte-nos.

Em seguida, um debate instituiu-se sôbre as questões sexuais: "To be or not To be" ...Ter ou não ter... Hemingway, ah, o velho homem e o mar... As neves do Kilimandjaro... do bom e do belo nêne..."

Quanto a mim, teria preferido ir dançar com Myriam (A moça da capa do magazine) tão esbelta, tão pouco abstrata, tão núa no seu vestido de verão.

Tinha grandes olhos claros frangeados de longos cilios negros e recurvados. Quadris elásticos, enquanto dançávamos, brincava com o fino tecido como o Zografos o preso de Dauville.

Meus amigos de uma noite voltaram definitivamente. Acamparam oito dias, providos dum material estudado para a travessia do Kalahari ou para o Anapuina.

Tinham visto o Levante, eu os fiz conhecer.

Miriam aprendeu a vestir-se de dia com um "minimum", de noite com um "pullower".

Foram precisas várias entrevistas secretas para que eu possa fazer-lhe compreender o sentido dessa pesada frase: "Livres naturistas num mundo angustiado, somos como os peixes dum aquário dentro dum navio que vai sossobrar."

Ela entendia mal o francês; então tomamos nosso tempo. Depois, expliquei a Miriam as vantagens evidentes da farinha de amendoim, do arroz integral, do leite etc...

Numa semana, o sol a tranformou numa maravilhosa côr de "brioche", ela, por seu turno ensinou-me a assobiar "Oh Susannah" e "She 'll be comin' round".

Esta manhã o acampamento está desmontado. O mar está revolto. Miriam deixou o paraiso dos naturistas do mundo inteiro. Ela sabe que de hoje em diante o que é um banho à meia-noite, conhece o abraço da água morna e negra. A lembrança que guardo dela é um gosto de "Rouge baiser" e água salgada.

— Aqui termina o carnet do solitário. E' pena. As reflexões dêsse nudista de caça submarina ultrapassam, a meu vêr, suas emoções esportivas. Êle pescou nesta ilha muito mais do que peixes.

Sem falar de Miriam...

SALVAMENTO NOTURNO

E' meia noite, deixo o hotel e saio, nú, bem entendido — na estrada.

A repartição do correio, branca como um farol sob um crescente da lua.

Os hoteis, os botecos, tudo está silencioso, morto.

Falei cedo demais. Eis uma senhora que vem ao meu encontro, visivelmente encantada em encontrar, enfim, alma viva, pois ela está perdida. Ela acampou nas grutas, e chegou esta manhã. Passou o dia a instalar sua barraca, após o jantar, teve vontade de vêr a vida noturna de Heliópolis. Dois jovens, um rapaz e uma moça, ofereceram-se para conduzí-la, êles beberam, juntos no "Pomo de Adão", depois seus companheiros quizeram subir ao farol.

Porém, a pobre senhora não aguentava mais a dôr de seus pés.

— Espera-los-ei, disse-lhes ela.

Esperaria ainda no "Pomo de Adão", porém o estabelecimento fechou.

Seus companheiros — Adão e Eva — talvez se retardaram...

Seja como fôr, ela está moída e sob seu "minimum" côr da noite.

As grutas, do lugar onde estamos, são dois ou três quilômetros de marcha. Um passeio, sob o céu de França. (Desculpe-me, mas no Levante eu não creio mais na França) porém, aqui, é alpinismo.

Partamos para as Grutas, assim mesmo. Até o porto de Ayguade, é suportável.

No início é descida; a pouca claridade da lua permite assim mesmo evitar as pedras.

Conversamos. A senhora habita em Montmartre, perto do Sacré-Coeur.

— Lá também tem subida.

— Sim, mas os caminhos são melhores.

— E também há taxis.

Interrogo: — A senhora é nudista?

Sim... Isto é, não. Estava no Levandou. Lá, toma-se banho de Bikini. Achava isso muito agradável, porém uma senhora de meu hotel disse-me que na Ilha do Levante, era ainda muito melhor, ela presenteou-me com um "minimum", assegurando-me que era êsse o costume da ilha, não queria acreditar.

Então, a senhora veio vêr se era verdade?

Ela abaixa a cabeça e cobre, pudicamente, porém um pouco tarde, seus seios opulentos com seus braços. Depois, os braços caem.

— E depois? já que todo mundo está nú aqui.

— E' o que pensamos todos, Madame.

— Ela parece mais confiante e anda com um passo mais alegre. De repente, um pulo, um grito: — Ah meu Deus...

A senhora enroscou seus dedos no meu braço esquerdo, suas pernas talvez estejam quebradas, mas não seus braços.

— O que foi?

— Lá, um bicho, quase pisei em cima.

E um rato ou uma doninha, Madame.

Ela não está confortada; sua mão continua a agarrar-se em mim.

— Há serpentes, na Ilha, Senhor?

— Não creio, nunca encontrei.

— Porém, talvez tenha, pois há ratos; no entanto não são os gatos que fazem falta.

— Por isso não.

— Ainda estão longe? as Grutas?

— Não muito; mas isso vai tornar-se um pouco mais duro. Largue meu braço, peço-lhe, não se pode avançar senão um atrás do outro nessa picada.

— Passe na frente Senhor.

Sem dúvida deve ser por causa dos ratos e das serpentes.

Eis a picada, ela margeia o mar, porém em montanhas russas, a direita, há vários metros abaixo, a água negra, frangeada de escuma. São verdadeiros recifes, é preferível olhar à esquerda, quando se está sujeito à vertigens.

No meio do percurso, é preciso transpôr uma fenda entre os rochedos. De dia, representa um esporte; de noite — o pequeno crescente de lua tendo resolvido esconder-se entre as nuvens — o esporte torna-se bastante perigoso.

A senhora hesita.

— Não há meios de passar por outro lugar?

— Não, mas em seguida, a picada está margeada de medronheiros, a senhora não sentirá mais mêdo.

— E' que... Já não sou jovem, suspira ela. Tenho quarenta anos... e tornei-me um tanto pesada.

Pude constatar a exatidão dessa informação, tendo tido, por três vêzes que içá-la na travessia da fenda em questão.

Não sei se essa mulher estava em poder de marido — ela negligenciou de dar-me essa informação — mas nêsse caso, seu espôso nunca terá tido os atrativos tumultuosos dessa quadragenária

tão colados contra seu corpo quanto eu, na travessia da famosa fenda.

Foi-nos preciso mais alguns minutos para refazer-nos de nossas emoções. Não era sòmente o Mediterrâneo quem suspirava.

Minha protegida, em seguida tornou-se inquieta, ela olhava à esquerda, à direita, e, principalmente na direção de Ayguade.

— Os jovens vão talvez procurar-me, se nos encontrassem, juntos, estendidos na noite, e nessa indumentária...

— Nada receie, êles estão estendidos por aí.

Ela riu; não tem mais mêdo, nem mesmo das cobras.

Partimos novamente. Eis-nos enfim nas Grutas, algumas luzes no acampamento e uma vitrola cantando.

— Perdoe-me o trabalho.

— O prazer foi todo meu.

E' minha vez de ter as pernas moles, a volta pareceu-me mais longa do que a ida.

LIBERDADE, LIBERDADE QUERIDA...

O atrativo dessa ilha, encantadora com certeza, mas existem outros recantos mais bonitos, está na sua selvageria, sua vida primitiva, sua liberdade.

Imagine uma jovem empregada que trabalha o dia todo num escritório sombrio, que volta à noite, no seu quarto exíguo, após ter atravessado ruas impregnadas de cheiro de gasolina, viajado no metrô que exala o odor do suor humano, com sua roupa colada ao corpo.

Ela chega aqui, põe-se núa, seu corpo respira por todos os poros o sol e o ar marinho. Para

compreender bem, a embriaguês dêsse jovem ávido de liberdade, devemos nos colocar em sua posição, para compreendê-lo.

Em sua pele? E' justamente o que esperam um certo número de senhores que vieram nêsse reinado do Rei Pausolo para se divertir.

E' a graça, que eu lhes desejo.

O QUE PODE SERVIR DE CONCLUSÃO

Poderia, deveria parar aqui. Uma reportagem não precisa de conclusão.

E o leitor quem deve concluir.

Porém, desde que meu inquérito na Alemanha foi publicado, recebi número tão avultado de cartas que desejaria responder, tão amáveis correspondentes, e mesmo aos outros.

A maioria pedia-me endereços de "Parque livres" e de clubes naturistas.

Alguns já estão informados.

Um aviso, de passagem, para os turistas interessados e impacientes.

Tirando a Ilha do Levante, não se entra nos outros meios de nudismo precipitados como em um moinho; é preciso ser apresentado e mostrar alma branca.

Os amadores de... Garden party, farão bem em abster-se.

Isso dito, volto aos meus correspondentes.

Alguns tratam os nudistas de viajantes e de exibicionistas. Doutores, professores, artistas fizeram justiça dessas acusações das quais não quero discutir a boa fé.

Singularmente mais penetrantes parecem-me as pessoas que me escreveram: "O senhor vai matar o Desejo, com o nudismo, virá o fim do amor. A espécie humana, infelizmente não é composta sòmente de Apolos e de Venus. Grande número de homens e mulheres, se se exibirem nús diante de seus concidadãos, vão perder tôda a oportunidade de ser amados."

Que êsses fieis do deus Eros, cujo culto, certamente conservou, entre todos o maior número de praticantes infatigáveis, se reconfortem.

Os animais vivem nús — existe sòmente os galgas que possuem um paletó, e, entretanto, os cãezinhos são numerosíssimos.

O instinto sexual é bastante imperioso para resistir às imperfeições da natureza; êle fêz suas provas.

Quanto ao mais, não se trata de passear nús sôbre os boulevards, de tomar o metro no traje do pai Adão, nem de achar, nas lojas, Evas em todos os balcões; trata-se simplesmente, de tomar, em lugares apropriados, banhos de ar e de luz.

A raça ganhará com isso e pelo contrário os costumes nada perderão.

Pois se não creio na virtude integral dos nudistas, a sua castidade perpétua, estou convencido que o nudismo é excelente no ponto de vista físico e mesmo moral.

Graças a êle, menos escolares ficarão com os olhos fundos; menos magras Rolla correndo a noite nos arbustos do Bosque de Boulonha. Pois os obsecados sexuais, dos quais se receia a presença nos clubes nudistas, é precisamente lá que

encontrarão a cura. Essas considerações não impedirão as campanhas que prosseguem contra a nudez em nome da moral ultrajada.

Mas, como diz Zola: A verdade está em marcha.

A verdade que, também está núa.

ILHA DOS NUDISTAS

LOUIS CHARLES ROYER

Esta é a mais bela de quantas obras, no gênero, escrita, com sua maneira simples de escrever, se bem profunda e objetiva, colocando o leitor à vontade, para compreender a mensagem vigorosa e humana que transcede de suas páginas.

Na opinião consagradora de milhares de leitores, nos países, aonde foi apresentada e estamos certos, será repetido entre nós, constituindo assim, para esta editôra uma verdadeira honra entregar ao público brasileiro, esta obra que aborda um tema completamente novo entre nós.

LIVRARIA
EXPOSIÇÃO DO LIVRO
AV. SÃO JOÃO, 526 - SÃO PAULO